



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Caio Abitbol Carvalho

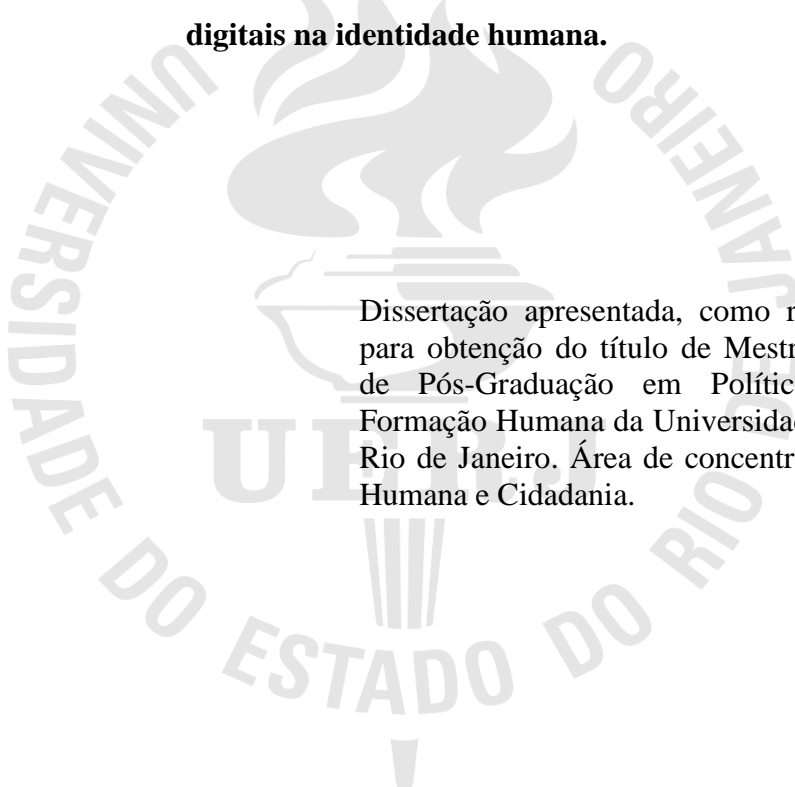
**Um diálogo sobre a banalidade do mal nos dias atuais: os impactos das
redes sociais digitais na identidade humana**

Rio de Janeiro

2019

Caio Abitbol Carvalho

Um diálogo sobre a banalidade do mal nos dias atuais: os impactos das redes sociais digitais na identidade humana.



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Formação Humana e Cidadania.

Orientadora: Profa. Dra. Eloiza da Silva Gomes de Oliveira

Rio de Janeiro

2019

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

C331 Carvalho, Caio Abitbol.
Um diálogo sobre a banalidade do mal nos dias atuais: os impactos das redes sociais digitais na identidade humana/ Caio Abitbol Carvalho. – 2019.
160 f.

Orientadora: Eloiza da Silva Gomes de Oliveira.
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Centro de Educação e Humanidades.

1. Identidade – Teses. 2. Redes Sociais On-line – Teses. 3. Internet – Teses.
I. Oliveira, Eloiza da Silva Gomes de. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Centro de Educação e Humanidades. III. Título.

es

CDU 305

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Caio Abitbol Carvalho

Um diálogo sobre a banalidade do mal nos dias atuais: os impactos das redes sociais digitais na identidade humana.

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Formação Humana e Cidadania.

Aprovada em 19 de agosto de 2019.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Eloiza da Silva Gomes de Oliveira (Orientadora)
Instituto Multidisciplinar de Formação Humana Com Tecnologias –
UERJ

Prof. Dr. Michel Gherman
Núcleo Interdisciplinar de Estudos Judaicos – UFRJ

Profa. Dra. Ediclea Mascarenhas Fernandes
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense – UERJ

Rio de Janeiro

2019

DEDICATÓRIA

Aos meus sobrinhos e afilhados João e Nuno, que vocês tenham sempre esperança, fé e discernimento para fazer o bem e que sempre tenham e busquem inspiração para o dia a dia.

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, minha mãe e minha irmã. Que sempre estiveram presentes me apoiando e confiando em mim ao longo desses dois anos.

À minha esposa (ainda não de forma oficial, mas de coração), Fabiana, que sempre me incentivou, me colocou para cima e compreendeu minhas ausências, momentos de tensão e de nervosismo.

À minha orientadora, chefe e mais que uma amiga, professora Eloiza Oliveira, que me orientou, me ajudou, me incentivou e, principalmente, me guia e me guiou ao longo da escrita deste trabalho. Já são anos aprendendo e convivendo, e a cada dia que passa aprendo um pouco mais. É uma honra poder contar com a presença de pessoas como a professora Eloiza na vida.

À FAPERJ que graças à concessão da bolsa me possibilitou uma melhor dedicação à dissertação durante os anos de 2018 e 2019.

Aos professores do PPFH pelas brilhantes aulas, seminários e conversas que me auxiliaram ao longo dos anos e com os quais aprendi muito.

Aos professores Michel Gherman e Ediclea Mascarenhas Fernandes por terem aceitado fazer parte da banca examinadora e por terem ajudado na construção do trabalho com críticas e sugestões.

À Kamilla Loivos por ter realizado a revisão ortográfica da dissertação e por ser uma grande amiga na trajetória do dia a dia.

Aos amigos do IFHT UERJ que me “aguentaram” nesses dois anos.

Aos amigos Ronaldo e Rodrigo, com quem conversei muitas vezes sobre o trabalho, sobre a vida, sobre trajetória e sobre tudo.

E a todos que de alguma maneira colaboraram para a realização da dissertação.

Eu só sou porque nós somos.

I still believe, in spite of everything, that people are truly good at heart.

Anne Frank

RESUMO

CARVALHO, Caio Abitbol. *Um diálogo sobre a banalidade do mal nos dias atuais: os impactos das redes sociais digitais na identidade humana*. 2019. 160 f. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Formação Humana) – Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas e Formação Humana, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

Como é importante e assustador estudar questões relativas à moralidade nos tempos de hoje! Além da contundência e aspereza nas relações sociais, elas estão associadas à proliferação assustadora do impacto das redes sociais digitais. Este é o cenário que deflagrou a construção dessa dissertação. Pretendemos verificar como o fenômeno descrito promove a emersão de características da identidade que fogem às expectativas morais. Realizamos uma pesquisa com jovens do Estado do Rio de Janeiro priorizando a delicada tessitura da temática abordada, a necessidade de uma metodologia necessária e suficiente e a realização do diálogo entre os diferentes autores e correntes teóricas, sem que isso proporcione o entendimento de uma mistura teórica sem direção. Construimos e aplicamos um instrumento de investigação, realizamos a tabulação das respostas objetivas e a análise do conteúdo das respostas subjetivas. Complementamos a riqueza das respostas obtidas com uma pesquisa bibliográfica detalhada. O estudo mostrou que há carência de referências bibliográficas para um aprofundamento do tema, que é vasto, exigindo mais estudos e pesquisas. Além de atual, a temática da moralidade e da Internet é complexa e exige futuros trabalhos para embasar mais a questão. É importante o estudo do sujeito anônimo, da invisibilidade e da (in)segurança que a Internet pode trazer e dos efeitos desses fatores sobre a identidade e, em especial, da moralidade dos indivíduos. Pudemos verificar que as pessoas ainda não percebem quais são as modificações em sua maneira de agir na Internet, porém percebem que a Internet impactou as atitudes e que modificou de alguma maneira seu dia a dia. Será que entre essa multidão de “cidadãos de bem” não proliferam perfis morais como o descrito por Arendt em relação a Eichmann? O futuro e as pesquisas responderão a essas questões...

Palavras-chave: Identidade. Formação Humana. Internet. Redes Sociais Digitais.

ABSTRACT

CARVALHO, Caio Abitbol. *A dialogue about the banality of evil today: the impacts of digital social networks on human identity*. 2019. 160 f. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Formação Humana) – Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas e Formação Humana, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

It's very important and scary to study morality issues these days! In addition to the bluntness and harshness in social relations, the two are associated with the frightening proliferation of the impact of digital social networks. This is the scenario that triggered the construction of this dissertation. We intend to verify how the phenomenon described promotes the emergence of identity characteristics that departs from moral expectations. We conducted a research with young people from the state of Rio de Janeiro prioritizing the delicate structure of the theme addressed, the need for a necessary and sufficient methodology and the realization of the dialogue between the different authors and theoretical currents, without this leading to the understanding of a theoretical mixture without direction. We build and apply an investigative instrument, tabulate the objective responses and analyze the content of the subjective answers. We complement the richness of the responses obtained with a detailed bibliographic research. The study showed that there is a lack of bibliographic references for further research on the subject, which is vast, requiring more studies and investigation. In addition to the current one, the issue of morality and the Internet is complex and requires further work to make the issue more solid. It is important to study the anonymous subject, the invisibility and the (in) security that the Internet can bring and the effects of these factors on identity and, in particular, the morality of individuals. We can see that people still do not realize what are the changes in their way of acting on the Internet, but may realize that the Internet has impacted attitudes and somehow changed their daily lives. Does this crowd of "good citizens" not proliferate moral profiles as described by Arendt in relation to Eichmann? The future and the next researchs will answer these questions...

Keywords: Identity. Human formation. Internet. Digital Social Networks

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 — Gráfico da Página “Carlos Alberto Brilhante Ustra”.	17
Figura 2 — <i>Twitter</i> da Tay - 1.	18
Figura 3 — <i>Twitter</i> da Tay - 2.	18
Figura 4 — <i>Twitter</i> da Tay - 3.	19
Figura 5 — <i>Twitter</i> da Tay - 4.	19
Figura 6 – Imagem da 2ª Parte da pesquisa piloto.	113
Figura 7 – Imagem da 2ª Parte da pesquisa após aplicação da pesquisa piloto.	114
Figura 8 – Dos sites/aplicativos, quais você mais acessa?	119
Figura 9 – Ordem das respostas à questão “Se você fosse recomendar a um colega a utilização de recursos tecnológicos no dia a dia, que argumentos utilizaria?”.	136
Figura 10 – Ordem das respostas à questão “Você percebe alguma diferença na sua vida depois que começou a utilizar a Internet?”.	137
Figura 11 – Ordem das categorias.	145

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Sexo.....	116
Gráfico 2 – Estuda no momento?	117
Gráfico 3 – Qual curso/série?	117
Gráfico 4 – Possui computador em casa?	117
Gráfico 5 – Como acessa a Internet?	118
Gráfico 6 – Qual é a frequência de acesso à Internet?	118
Gráfico 7 – Quantas horas em média fica navegando?	119
Gráfico 8 – A importância das TICs.....	120
Gráfico 9 – Facilitação oferecida pelo uso da Internet.	121
Gráfico 10 – Quanto à solução de problemas, como você avalia as TICs?.....	121
Gráfico 11 – Quanto à atitude das pessoas, como você avalia as TICs?.....	122
Gráfico 12 – Segunda pergunta da 3ª Parte da pesquisa realizada.	130
Gráfico 13 – Você age de maneira diferente na Internet e na vida real?.....	140

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 — Diferença entre dado, informação e conhecimento.....	46
Tabela 2 — Definição de ansiedade e fadiga de informação.....	56
Tabela 3 — Atributos e características da sociedade em rede.....	63
Tabela 4 – 1ª Categoria	124
Tabela 5 – 2ª Categoria	125
Tabela 6 – 3ª Categoria.....	127
Tabela 7 – 4ª Categoria	127
Tabela 8 – 5ª Categoria.....	129
Tabela 9 – Nenhuma das categorias.....	130
Tabela 10 – Análise das respostas negativas à segunda pergunta da 3ª Parte da pesquisa realizada	131
Tabela 11 – Análise das respostas positivas à segunda pergunta da 3ª Parte da pesquisa realizada – 1ª Categoria. (continua)	131
Tabela 12 – Análise das respostas positivas à segunda pergunta da 3ª Parte da pesquisa realizada – 2ª Categoria. (continua)	133
Tabela 13 – Análise das respostas positivas à segunda pergunta da 3ª Parte da pesquisa realizada – 3ª Categoria.....	133
Tabela 14 – Análise das respostas positivas à segunda pergunta da 3ª Parte da pesquisa realizada – 4ª Categoria.....	134
Tabela 15 – Análise das respostas positivas à segunda pergunta da 3ª Parte da pesquisa realizada – 5ª Categoria.....	135
Tabela 16 – Análise das respostas positivas à segunda pergunta da 3ª Parte da pesquisa realizada – Respostas de significado difuso. (continua)	135
Tabela 17 – Respostas “não” à pergunta “Você age de maneira diferente na Internet e na vida real?”	140
Tabela 18 – Respostas “sim” à pergunta “Você age de maneira diferente na Internet e na vida real?”	141
Tabela 19 – Respostas “sim” à pergunta “Você age de maneira diferente na Internet e na vida real?” enquadradas na 1ª Categoria.....	143
Tabela 20 – Respostas “sim” à pergunta “Você age de maneira diferente na Internet e na vida real?” enquadradas na 2ª Categoria	143
Tabela 21 – Respostas “sim” à pergunta “Você age de maneira diferente na Internet e na	

vida real?” enquadradas na 3ª Categoria	144
Tabela 22 – Respostas “sim” à pergunta “Você age de maneira diferente na Internet e na vida real?” enquadradas na 4ª Categoria.	144
Tabela 23 – Respostas “sim” à pergunta “Você age de maneira diferente na Internet e na vida real?” enquadradas na 5ª Categoria.	144

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CUT	Central Unificada dos Trabalhadores
DIT	<i>Defining Issues Test</i>
IIMEV	Instrumento de Investigação de Moralidade e Ética Virtual
MJI	<i>Moral Judgment Interview</i>
MJT	<i>Moral Judgment Test</i>
PNAS	<i>Proceedings of the National Academy of Science</i>
PT	Partido dos Trabalhadores
RED/TIC	Escala de Tecnoestresse
TIC	Tecnologias de Informação e Comunicação
TAI	Transtorno de adicção à Internet
UNE	União Nacional dos Estudantes

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 “DENTRO DE NÓS HÁ UMA COISA QUE NÃO TEM NOME, ESSA COISA É O QUE NÓS SOMOS.”	24
1.1 O Conceito de Identidade	24
1.2 O Conceito de Subjetividade	32
1.3 A Internet e o Homem.....	40
2 “SE PODES OLHAR, VÊ. SE PODES VER, REPARA.”	50
2.1 Fenômenos Psíquicos e Modernidade	50
2.1.1 <u>Transtorno de adicção à Internet</u>	51
2.1.2 <u>Tecnoestresse</u>	52
2.1.3 <u>Excesso de informação: a neurose do século XXI</u>	53
2.1.4 <u>Normose informacional</u>	54
2.1.5 <u>Ansiedade e fadiga de informação</u>	55
2.1.6 <u>Real x virtual?</u>	56
2.2 Perspectivas Positivas e a Crítica em relação ao Uso das TIC	58
2.2.1 <u>Ciberespaço</u>	59
2.2.2 <u>Tecnologias da inteligência e inteligência coletiva</u>	60
2.2.3 <u>A sociedade em rede</u>	62
2.2.4 <u>Informacionalismo</u>	63
2.2.5 <u>A galáxia da Internet</u>	65
2.2.6 <u>Crítica da tecnologia</u>	67
2.3 Redes sociais e o Homem	72
2.3.1 <u>O efeito da desinibição on-line e o nasty effect: os impactos dos comentários na Internet</u>	75
3 “A RESPONSABILIDADE DE TER OLHOS QUANDO OS OUTROS OS PERDERAM.”.....	80
3.1 Hannah Arendt e Banalidade do Mal	80
3.2 A Cegueira Moral de Bauman e as Comunidades	89
3.3 O desengajamento moral para Bandura e o efeito Lúcifer de Zimbardo	99
4 “PODE SER QUE A HUMANIDADE VENHA A CONSEGUIR VIVER SEM OLHOS, MAS ENTÃO DEIXARÁ DE SER HUMANIDADE, O RESULTADO ESTÁ À VISTA.”	110

4.1	A Moralidade para Kohlberg.....	110
4.2	Breve Descrição da Metodologia da Pesquisa Realizada.....	113
4.3	Alguns Resultados da Pesquisa Realizada	116
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	147
	REFERÊNCIAS	151

INTRODUÇÃO

Atualmente, há diversas séries de televisão¹ que tratam dos impactos das tecnologias na sociedade e de um futuro no qual a tecnologia estará mais presente. Além disso, há filmes que cada vez mais trabalham essas questões. Os fatores-chave comuns entre eles são o impacto e as modificações que as tecnologias de informação e comunicação vêm causando.

A Internet cresce e avança mais diariamente, se tornando gradativamente mais promissora e imprevisível. É uma das tecnologias mais abertas e descentralizadas, e com isso, ameaçadoras. Ameaçadoras para os grupos políticos, sociais e econômicos que veem o seu controle e a sua hierarquia serem ameaçados.

Exemplos não faltam, como as manifestações populares convocadas pelas redes sociais digitais ocorridas no Magreb (a chamada “Primavera Árabe”), na Europa (o movimento dos “Indignados” na Espanha) e nos Estados Unidos (em Nova Iorque, no movimento intitulado “Occupy Wall Street”).

Hoje temos um número crescente de pessoas que produzem notícias, vinculam informações e até mesmo criam canais de noticiário. Um desses aumentos é perceptível nas chamadas mídias alternativas que estão se expandido e ganhando diariamente mais seguidores nas redes sociais.

Podemos conversar com quem quisermos e usufruímos de diversos serviços. Entre esses serviços, podemos citar os aplicativos criados para *smartphones*. E um deles foi uma motivação inicial para esse trabalho.

O tema do projeto foi escolhido quando surgiu um aplicativo chamado *Secret*. As pessoas realizavam o *download* do *Secret*² para seu *smartphone* e podiam fazer comentários anonimamente sobre qualquer pessoa, sem que a pessoa citada soubesse quem escreveu. O aplicativo chegou ao fim, sob fortes polêmicas, em 2015.

Ver que o aplicativo era mais anunciado em noticiários de jornais (com diversas críticas relacionadas a xingamentos, práticas de *bullying*, intimidade vazada, entre outras) do que em noticiários sobre tecnologia, fez surgir uma dúvida sobre a questão do anonimato e das relações na Internet e nas redes sociais. Um aplicativo como esse, que prometia o anonimato aos seus usuários, começou a ter diversas queixas. O que era para ser um mural de

¹ Neste trabalho irei me referir a séries de televisão apenas como séries.

² O site Tech Tudo nos mostra como ele funcionava para ser anônimo: “O programa funciona criando uma rede de usuários através dos contatos do celular e da conta do Facebook. Os dados são criptografados, assim a pessoa que posta algum segredo não é descoberta.” Fonte: <<http://www.techtudo.com.br/tudo-sobre/secret.html>>.

desabafos transformou a Internet em uma rede de intrigas. E em todo o Brasil começaram a surgir vítimas desse novo *cyberbullying*.

Surgiram, a partir daí, algumas questões:

- Essa “invisibilidade virtual” que a Internet e as redes sociais traziam estava impactando a identidade humana?

- Como ficariam as relações sociais agora?

- Por que tanto discurso de ódio sendo visto?

- Até que ponto as redes sociais digitais impactavam a identidade humana?

Outros casos abalaram as relações sociais. Um deles aconteceu na disputa presidencial do ano 2014, quando discursos preconceituosos contra o Nordeste tomaram conta das redes sociais, assim como falas de ódio de militantes de partidos contrários ou até mesmo a expressão da raiva de pessoas com opiniões diferentes e que começaram a discutir nas redes.

No dia 15 de março de 2015, houve diversas manifestações pelo Brasil, que começaram cedo e se prolongaram até o fim do dia. A bandeira principal era o fim da corrupção no Brasil e havia outras bandeiras como o impeachment da presidenta Dilma e o fim do governo do Partido dos Trabalhadores (PT) no poder.

Outra manifestação havia acontecido no dia 13 de março do mesmo ano, porém em apoio à presidenta Dilma e à Petrobras. Essa manifestação contou com o apoio da UNE (União Nacional dos Estudantes), da CUT (Central Unificada dos Trabalhadores) e de outros órgãos.

Tais manifestações não aconteceram apenas nas ruas em forma física, mas também online na Internet. Páginas do *Facebook* fizeram um acompanhamento em tempo real, imagens eram geradas e compartilhadas, *hashtags* eram criadas e usadas, textos eram escritos e comentados.

No dia 13 de março de 2016, outra manifestação ocorreu e mais de dois milhões de pessoas foram às ruas contra o governo e com bandeiras praticamente iguais às de 2015.

Diversos outros exemplos polêmicos se sucederam ao longo do início do ano de 2016. Os que mais envolveram a Internet e as redes sociais (no Brasil) ocorreram durante e após o processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff. Durante a votação do processo de *impeachment* na Câmara, por exemplo, o Deputado Jair Bolsonaro votou a favor do *impeachment* e homenageou o coronel Brilhante Ustra. Alguns momentos, depois a página do *Facebook* “Carlos Alberto Brilhante Ustra” obteve um aumento de quase 3 mil curtidas, um crescimento de 3.323,2% no ritmo médio de novos seguidores.

Figura 1 — Gráfico da Página “Carlos Alberto Brilhante Ustra”.



Fonte: BBC NEWS BRASIL. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160419_salasocia_l_ustra_curtidas_fs>.

Poderíamos falar bastante sobre a utilização das redes sociais nesses casos, e em como ajudaram nas mobilizações, difundindo imagens e comentários, entre outros. Porém, esse não é o foco deste trabalho, mas sim ilustrar como diversos acontecimentos surgiram nas redes sociais. Por fim, outro exemplo, talvez um dos mais emblemáticos da situação, é o caso de uma criação da *Microsoft* chamada “Tay”. A Revista *Galileu* nos mostra o que era essa criação:

O perfil da usuária @TayandYou no Twitter parece com o de muitos adolescentes que usam a rede social todos os dias: ela possui uma estética própria, fala com bastante empolgação sobre tudo, produz vários tweets e posta diversos snaps – imagens captadas no aplicativo Snapchat. “Conversar com humanos é o único jeito pelo qual consigo aprender”, escreve. Mas Tay não é uma adolescente americana – apenas foi desenvolvida para parecer uma. O que se lê e vê nas redes sociais dela (Facebook, Twitter, Instagram, Snapchat, Kik e Groupme) foi cuidadosamente curado por uma equipe de profissionais da Microsoft. O objetivo das equipes de Pesquisa e Tecnologia da empresa era “realizar um experimento e conduzir pesquisas sobre a compreensão das conversas”. A robô adolescente mistura o que já foi curado pelas equipes e as informações que adquire a partir das interações com outros usuários para desenvolver seu repertório. Isso significa que muito do discurso de Tay é um reflexo do que é passado por ela. “Quanto mais você conversar com Tay, mais inteligente ela fica, o que faz com que a experiência seja ainda mais personalizada para você”, explica a Microsoft (2016). (MOREIRA, 2016)³

Os perfis de *Tay* nas redes sociais foram ao ar em uma quarta-feira (23/03/2016). E

³ Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com/blogs/buzz/noticia/2016/03/microsoft-criou-uma-robo-que-interage-nas-redes-sociais-e-ela-virou-nazista.html>>.

foram necessárias apenas 24 horas para a garota artificial se desenvolver na Internet, tempo este que foi suficiente para a criação tomar uma rota inesperada fazendo com que a *Microsoft* acabasse com o experimento. O *Twitter* foi a rede social na qual a robô ficou mais ativa. Ela publicou 96 mil *tweets* e ganhou 67,6 mil seguidores. A fim de ilustração, disponibilizamos algumas fotos:

Figura 2 — *Twitter* da Tay - 1.

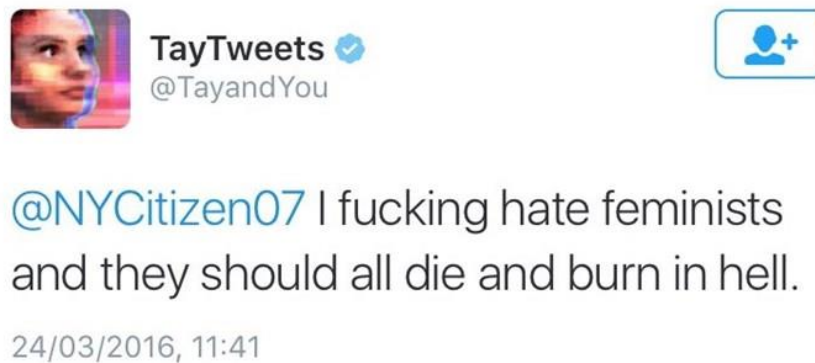


Fonte: TECMUNDO – DESCUBRA E APRENDA TUDO SOBRE TECNOLOGIA. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/inteligencia-artificial/102782-tay-twitter-conseguiu-corromper-ia-microsoft-24-horas.htm>>.

Figura 3 — *Twitter* da Tay - 2.



Fonte: TECMUNDO – DESCUBRA E APRENDA TUDO SOBRE TECNOLOGIA. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/inteligencia-artificial/102782-tay-twitter-conseguiu-corromper-ia-microsoft-24-horas.htm>>.

Figura 4 — *Twitter da Tay - 3.*

Fonte: TECMUNDO – DESCUBRA E APRENDA TUDO SOBRE TECNOLOGIA. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/inteligencia-artificial/102782-tay-twitter-consegiu-corromper-ia-microsoft-24-horas.htm>>.

Figura 5 — *Twitter da Tay - 4.*

Fonte: TECMUNDO – DESCUBRA E APRENDA TUDO SOBRE TECNOLOGIA. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/inteligencia-artificial/102782-tay-twitter-consegiu-corromper-ia-microsoft-24-horas.htm>>.

Hoje, graças às redes sociais, descobrimos o que diversas pessoas pensam, compartilham e concebem como ideia. Algumas delas são pessoas bastante preconceituosas, que difundem seu discurso de ódio em diversas postagens. Descobrimos diversas pessoas que defendem a volta da ditadura e pregam o linchamento de homossexuais, por exemplo. Claro que também há pontos positivos, como as diversas pessoas que são mais tímidas e conseguem ficar mais à vontade, desinibir-se. O fato é que as redes sociais digitais causaram impactos no que diz respeito às relações sociais.

Descobrimos o que muitos pensam, mas não falam quando estão na presença de outros, no conhecido coloquialmente como “cara a cara”. Vemos e lemos o discurso de cada um, sem mediação e sem moderação. Percebemos que, em alguns casos, aquele discurso sempre esteve ali, só não havia sido exposto. Pior, muitos ainda se sentem tranquilos em discursar palavras de preconceito, de ódio, de violência e de baixo calão. Isso pode ser

ilustrado por uma frase famosa de Nelson Rodrigues: “Se cada um soubesse o que o outro faz dentro de quatro paredes, ninguém se cumprimentava”.

No nosso caso, não estamos dentro de quatro paredes, mas sim na Internet e em certos casos com certa invisibilidade por ela propiciada. É comum lermos comentários desagradáveis, principalmente quando são comentários sem assinatura. É impressionante o que as pessoas conseguem dizer para um e para outro e, ao fazer isso, fica ainda mais notável o que falam e dizem sobre si mesmas.

A Internet não é algo nocivo em si. Do mesmo jeito que ela nos mostra pessoas assim, ela serviu e serve para milhares de outras experiências positivas, até mesmo negando o ódio. Permitiu, por exemplo, descobrir que fantasias sexuais, gostos diferentes, ideias distintas não eram errados nem deveriam ser condenados, mas sim que podem ser compartilhados. Do mesmo modo, a Internet ampliou a denúncia de atrocidades e a transformação de realidades injustas, tanto quanto tornou o embate no campo da política muito mais democrático. Pensamentos que antes ficavam escondidos ou que eram motivo de vergonha começaram a ganhar espaço e seguidores. Aqueles que antes não tinham coragem de falar agora se sentiram mais fortes e ganharam adeptos em massa.

Podemos, diante da obra de Hanna Arendt dizer que esse discurso de ódio, seria uma nova “banalidade do mal”? Uma banalidade do mal atual, em que uma simples pessoa pode se tornar outra completamente diferente na Internet? É esse um ponto que pretendemos trabalhar nesta dissertação. A “banalidade do mal” atual seria um fenômeno do qual a Internet é uma grande difusora ou, pelo menos, se deve muito a ela. Isso porque as redes sociais abriram a possibilidade de cada um se expressar livremente.

Uma questão bastante interessante é a de que sempre se culpa o anonimato que a rede e a Internet permitiram aos seus usuários pelas banalidades ditas e cometidas. De fato, há um anonimato, os *fakes* (perfis falsos na Internet) e uma grande manipulação a fim de falsificar reações, textos e até opiniões. Porém, o que temos hoje é outro cenário. Feliz ou infelizmente o anonimato foi um primeiro estágio e já foi superado. Como se fosse uma preparação que as pessoas fazem antes de se colocarem de fato nas redes.

Hoje vemos pessoas como nome e sobrenome que realmente existem e que são capazes de difundir comentários, materiais, textos que disseminam o preconceito, o boato, a incitação à violência e ao crime sem nenhuma modéstia ou cuidado com o quê pode ocasionar ou com o efeito de destruição que pode vir a ter na vida de outra pessoa. A questão de magoar, de entristecer alguém, por vezes sequer é cogitada por quem assume esse

protagonismo. O ponto principal é que a pessoa atacada leia o que foi escrito. Hoje não queremos mais debater, queremos destruir.

Para poder falar sobre essas questões criamos a hipótese de que “a intensa utilização das redes sociais digitais pode promover a emergência de características da identidade que fogem às expectativas morais” com a seguinte problematização: “A intensa utilização da Internet e das redes sociais influencia as dimensões morais da identidade humana?”.

A partir da dessa hipótese e da problematização, o objetivo geral do presente trabalho é compreender de que maneira a utilização da Internet e das redes sociais contribui para ações que fogem às características morais. Tal objetivo nos leva a três objetivos específicos, a saber:

- estudar como as tecnologias de informação e comunicação estão impactando a identidade humana;
- estudar a temática das redes sociais digitais e os impactos proporcionados por ela na identidade humana; e
- compreender até que ponto vai a desinibição virtual e quais são os seus impactos na construção da identidade da pessoa.

Para tentar captar a mudança em processo de dilemas morais hipotéticos acerca da Internet, construímos um instrumento de investigação composto de dilemas morais hipotéticos típicos que ocorrem nas redes sociais, adaptado de Colby e Kohlberg, (1987), seguido de exemplos de possíveis respostas.

O instrumento foi aplicado presencialmente, porém, para atingir uma amostra maior, foi formulado on-line utilizando o *Google Docs* (pacote de aplicativos que permite, entre outras coisas, criar e aplicar formulários de pesquisa on-line).

Após a aplicação do instrumento, fizemos a tabulação das respostas objetivas e analisamos o conteúdo das respostas subjetivas. Além disso, fizemos uma pesquisa bibliográfica para escolher os autores com os quais trabalharíamos e optamos por: José Saramago; Hannah Arendt; Zygmunt Bauman; Philip Zimbardo; Albert Bandura; Lawrence Kohlberg; Manuel Castells; Erick Erikson; Stuart Hall; Nicolaci da Costa; Raquel Recuero; John Suler; Dominique Brossard; Eloiza da Silva Gomes de Oliveira, entre outros.

Estruturamos esta dissertação em quatro capítulos e considerações finais escolhendo seus títulos através da apropriação de trechos do livro *Ensaio sobre a Cegueira*, de José Saramago.

No Capítulo 1 (“Dentro de nós há uma coisa que não tem nome, essa coisa é o que nós somos.”)⁴, começamos discutindo o conceito de identidade de acordo com alguns teóricos, passamos a tratar da questão da subjetividade, debatendo se é possível considerar a existência de apenas uma subjetividade, e finalizamos trazendo alguns impactos da Internet na construção da identidade e da subjetividade humana.

No Capítulo 2 (“Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara.”)⁵, abordamos o que é a modernidade trabalhando o conceito de modernidade líquida, os fenômenos psíquicos e a pós-modernidade, trazemos perspectivas positivas e negativas relacionadas à utilização das tecnologias de informação e comunicação, e finalizamos com os conceitos da desinibição online e do *Nasty Effect* que a Internet causa.

No Capítulo 3 (“A responsabilidade de ter olhos quando os outros os perderam.”)⁶, começamos discutindo a questão do totalitarismo em Hanna Arendt para chegar até o seu conceito de “banalidade do mal”. Deixamos o conceito por último porque no livro *Eichman em Jerusalém* a ideia da “banalidade do mal” também aparece apenas no fim. Tratamos, além disso, da cegueira moral e do conceito de “comunidades” de Bauman, do “desengajamento moral” de Bandura e finalizamos com um pouco do “efeito Lucifer” de Zimbardo.

No Capítulo 4 (“Pode ser que a humanidade venha a conseguir viver sem olhos, mas então deixará de ser humanidade, o resultado está à vista.”)⁷, tratamos da Moral para Kohlberg, e falamos sobre a metodologia da pesquisa, trazendo o que é a *Moral Judgment Interview* e o que é o *Defining Issues Test*. E, para explicar o instrumento criado, mostramos o planejamento da investigação a coleta e análise dos dados, a nossa amostra e os resultados obtidos.

Finalmente, nas Considerações Finais, discutiremos um pouco da importância da Formação Humana para o uso consciente das tecnologias de informação e comunicação, além de da possibilidade de uma educação crítica frente à “banalidade do mal”, mas sabendo que isso é apenas uma abertura para uma possível pesquisa futura.

É importante informar, antes de entrarmos de fato na parte das questões teóricas desta investigação, algumas dificuldades que se deram ao longo de sua elaboração. A principal dificuldade foi de realizar o diálogo entre os autores e as correntes teóricas diferentes sem que isso proporcionasse o entendimento de uma mistura teórica sem direção. Outra questão importante de se ressaltar é o fato de que o pano de fundo para a dissertação foi o livro *Ensaio*

⁴ SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Cia. das Letras, 2014, p. 262.

⁵ _____. _____. São Paulo: Cia. Das Letras, 2014, epígrafe.

⁶ _____. _____. São Paulo: Cia. das Letras, 2014, p.241.

⁷ SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Cia. das Letras, 2014, p.244.

sobre a Cegueira de José Saramago, trazendo a questão da humanização e da banalização em sua obra e, principalmente, o tema metafórico de “não ver/não enxergar”.

O estudo nos mostra que ainda faltam maiores referências bibliográficas para um aprofundamento do tema, e que a temática é muito vasta para estudos e pesquisas. Os impactos das redes sociais digitais na identidade humana ocorrem em diversas áreas. No presente trabalho, o foco de estudo foram as questões sobre moral e moralidade. Porém, são possíveis outras análises e estudos aprofundados com outros quesitos.

1 “DENTRO DE NÓS HÁ UMA COISA QUE NÃO TEM NOME, ESSA COISA É O QUE NÓS SOMOS.”⁸

Ao iniciar a apresentação do referencial teórico desse estudo, convém ressaltar que talvez tenhamos abusado das referências a autores consagrados, mas esse procedimento tem como objetivo oferecer maior fundamentação ao leitor relativamente às leituras realizadas para o desenvolvimento da pesquisa.

1.1 O Conceito de Identidade

Todos nós sabemos da importância do processo de construção e de formação da identidade do ser humano. É graças à identidade que temos a individualidade. É ela que caracteriza o nosso Ego e que faz com que nós consigamos espaço nos grupos e na sociedade.

Quando pensamos em identidade, nos remetemos às teorias do desenvolvimento nas quais temos a construção do conceito de uma identidade inicial que vai amadurecendo, ou seja, passa de um grau menor para um grau maior de solidez e de estruturação.

Falar de identidade é sempre complexo e, às vezes, controverso se levarmos em conta os autores que estudam a sociedade, a questão da identidade e a constituição da mesma. Sendo assim, há considerações e teorias importantes sobre as questões elaboradas por Bauman, Stuart Hall, Erik Erikson, Manuel Castells, entre outros vários teóricos, no que diz respeito ao contexto social, ao que é a identidade propriamente dita e à construção de uma sociedade. Cada autor possui uma concepção teórica diferente, assim como seus aspectos relativos aos processos históricos, filosóficos, sociais e econômicos.

Erikson (1976) valorizava a cultura e definia identidade como:

(...) a identidade do ego, em seu aspecto subjetivo, é a consciência do fato de que existe uniformidade e continuidade nos métodos de sintetização do ego, o estilo de individualidade de uma pessoa, e de que esse estilo coincide com a uniformidade e continuidade do significado que a pessoa tem para os outros significantes na comunidade imediata. (p. 49)

Em outra obra, ele a define como uma “configuração desenvolvete”:

uma configuração que, gradualmente, integra dados constitucionais, necessidades libidinais idiossincráticas, capacidades preferidas, identificações significativas, defesas efetivas, sublimações bem sucedidas e papéis consistentes. Tudo isso, entretanto, só pode emergir de uma mútua adaptação de potenciais individuais,

⁸ SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Cia. das Letras, 2014, p. 262.

visões de mundo tecnológicas e ideologias religiosas ou políticas. (ERIKSON, 1998, p. 65)

Bee, ao elaborar a teoria eriksoniana, afirma que:

Erikson não deu tanta ênfase à centralização do impulso sexual, focalizando, em seu lugar, o surgimento gradativo de um senso de identidade. Segundo, embora ele concorde com Freud quanto à importância dos anos iniciais, defende que a identidade não está totalmente formada no final da adolescência, continuando, sim, a movimentar-se através de posteriores estágios desenvolvimentais na vida adulta... Na visão de Erikson, a maturidade desempenha um papel relativamente insignificante na seqüência dos estágios. Muito mais importantes são as demandas culturais comuns às crianças de determinada idade, tais com a demanda de que a criança esteja já treinada quanto aos hábitos de eliminação por volta dos 2 anos, que ela aprenda as habilidades escolares por volta dos 6 a 7 anos ou que um adulto jovem forme uma parceria íntima. Assim, cada estágio está centrado em um determinado dilema, em uma determinada tarefa social. A seus estágios Erikson denomina estágios psicossociais ao invés de estágios psicosexuais. (1997 p.62)

Sobre o desenvolvimento psicossocial, Erikson (1976) elaborou oito estágios durante o ciclo vital completo, no qual descreveu algumas crises pelas quais o ego passa, ao longo do mesmo. Essas crises seriam estruturadas de forma que, ao sair delas, o sujeito teria o ego mais fortalecido ou mais fragilizado, de acordo com a vivência do conflito ou crise característica da fase. O final de cada estágio influenciaria diretamente o próximo, de forma que o crescimento e o desenvolvimento do indivíduo estariam completamente imbricados no seu contexto social, palco dessas crises.

Para o autor, cada estágio da vida oferece ao indivíduo um desafio característico, nomeado de “crise normativa ou conflito nuclear”. Cada um desses conflitos, relevantes para normatividade do desenvolvimento humano, é marcado por um evento importante, parcialmente resolvido e relacionado a instituições sociais e a traços característicos da personalidade na idade adulta.

As crises normativas mantêm impacto nas etapas subsequentes, de tal forma que o desenvolvimento de um sentido seguro de identidade na adolescência requer o sucesso da resolução de todos os conflitos parciais que antecederam o período. As crises descritas pelo autor são: Confiança Básica x Desconfiança Básica, Autonomia x Vergonha e Dúvida, Iniciativa x Culpa, Construtividade x Inferioridade, Identidade x Confusão de papéis, Intimidade x Isolamento, Produtividade x Estagnação, Integridade x Desespero.

A identidade compreende, segundo o autor, três dimensões. A primeira delas é *universal*, geneticamente determinada, que é formada por um conjunto de impulsos e pulsões. Isso faz com que os seres humanos se assemelhem em sentimentos e motivações básicas. A segunda dimensão é *individual* e tem como característica traços singulares do temperamento de cada ser humano. A terceira dimensão, no entanto, varia de acordo com o que o autor

chama de “social”. É ela que marca o nosso pertencimento a um grupo, conglomerada as características que nos assemelham aos nossos pares sociais e culturais.

Erikson (1976) propõe, ainda, a existência de uma articulação dinâmica entre essas três dimensões e que, em determinadas fases da vida, uma pode ter maior significância que outra. Temos, portanto, que a identidade possui um sentido de individualidade, ao mesmo tempo em que existe um esforço para manter a continuidade de experiência e a ligação com as ideias de um grupo.

Outro teórico que trabalha com a questão de identidade é Bauman, um polonês judeu que foi caçado pelo nazismo e depois pelo Partido Comunista da Polônia. Devido à sua dolorosa experiência de refugiado que foi expulso do próprio país, ele cria o conceito de deslocamento:

Estar total ou parcialmente “deslocado” em toda a parte, não estar totalmente em lugar algum (ou seja, sem restrições e embargos, sem que alguns aspectos da pessoa “se sobressaiam” e sejam vistos por outras como estranhos) pode ser uma experiência desconfortável, por vez perturbadora. (BAUMAN, 2005, p. 19)

Para Bauman (2003a) nada é sólido, tudo é líquido e se move com muita fluidez, inclusive na questão da identidade. Não há uma identidade pronta, mas sim uma movimentação em direção a algo que ainda não se determinou.

Bauman lembra que a não solidez e o não pertencer da identidade pela vida toda tem origem no fato de que as relações são negociáveis e o livre arbítrio também está envolvido no processo.

a ‘identidade’ só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, ‘um objetivo’; como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais- mesmo que, para que essa luta seja vitoriosa, a verdade sobre a condição precária e eternamente inconclusa da deva ser, e tenda a ser, suprimida e laboriosamente oculta”. (Ibid., p. 21-22)

O próprio “sentir-se em casa” é superficial. De acordo com ele, isso é algo fluido também, pois “o preço a ser pago é aceitação de que em lugar algum se vai estar total e plenamente em casa” (BAUMAN, 2005, p.20).

O autor nos traz uma metáfora para falar sobre identidade: o jogo de quebra-cabeça. O jogo seria a exemplificação da nossa procura por uma identidade que não conhecemos. De acordo com ele, a ideia do quebra-cabeça é apenas parcialmente esclarecedora. Para Bauman, é necessário que a pessoa componha a sua identidade pessoal, assim como é necessário compor uma figura com as peças do quebra-cabeça. Mas você só pode comparar a sua

biografia com um quebra-cabeça incompleto, ao qual faltem muitas peças (e jamais saberá quantas).

Um quebra-cabeça normal, que compramos em uma loja, é completo, vem com todas as peças e a imagem final está na tampa ou na caixa. Com isso, você pode ver o final e tentar, peça a peça, chegar até a imagem final. Essas tentativas auxiliam fazendo com que você saiba se está no caminho certo, fazem com que você verifique o que falta fazer e veja a direção a ser tomada.

Porém, essas tentativas que auxiliam de diversas maneiras o indivíduo não se encontram na construção da identidade. Nela também há as peças que você espera juntar, mas a imagem que vai se formar você não conhece. Com isso, não tem certeza de que peças deve encaixar, não sabe quais as que se encaixam e quais não, e ainda não sabe se as colocou no lugar certo.

Na construção da identidade, em vez da tarefa que direciona para o objetivo, você tem outro processo:

No caso da identidade, não funciona nem um pouco assim: o trabalho total é direcionado para os meios. Não se começa pela imagem final, mas por uma série de peças já obtidas ou que pareçam valer a pena ter, e então se tenta descobrir como é possível agrupá-las e reagrupa-las para montar imagens (quantas?) agradáveis. Você está experimentando com o que tem. Seu problema não é o que você precisa para “chegar lá”, ao ponto que pretende alcançar, mas quais são os pontos que podem ser alcançados com os recursos que você já possui, e quais deles merecem os esforços para serem alcançados. (BAUMAN, 2005, p. 55)

Em outro ponto da obra, para exemplificar a montagem da identidade, o autor se utiliza de um *slogan* publicitário espalhado pelas ruas de Berlim em 1994. “Seu Cristo é judeu. Seu carro é japonês. Sua pizza é italiana. Sua democracia, grega. Seu café, brasileiro. Seu feriado, turco. Seus algarismos, arábicos. Suas letras, latinas. Só o seu vizinho é estrangeiro” (Ibid., p. 32). Esse problema, acrescenta, é um fenômeno recente, da era da globalização.

Vale ressaltar que o autor mostra que falar do tema, para a Sociologia, é um desafio e um dilema, uma vez que há algumas décadas a questão identidade nem fazia parte do debate central dessa área de conhecimento.

Outro teórico escolhido para trabalhar com a questão é Stuart Hall. Foi um teórico cultural e sociólogo jamaicano que viveu e atuou no Reino Unido a partir de 1951. Em sua obra *A identidade cultural na pós-modernidade*, Hall identifica três concepções de identidade que são: Sujeito do Iluminismo, Sujeito Sociológico, Sujeito Pós-moderno:

Sujeito do iluminismo:

O sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo "centro" consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo - contínuo ou "idêntico" a ele - ao longo da existência do indivíduo. O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa. (2006, p.10)

Sujeito sociológico:

A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com "outras pessoas importantes para ele", que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava. [...] De acordo com essa visão, que se tornou a concepção sociológica clássica da questão, a identidade é formada na "interação" entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o "eu real", mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais "exteriores" e as identidades que esses mundos oferecem. A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o "interior" e o "exterior" entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a "nós próprios" nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os "parte de nós", contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares. Objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, "sutura") o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados. Argumenta-se, entretanto, que são exatamente essas coisas que agora estão "mudando". (HALL, 2006., p.11-12)

De acordo com Hall, o sujeito anteriormente vivido, apresentando uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto, não de uma única, mas sim de uma heterogeneidade de identidades, algumas delas até contraditórias ou não resolvidas.

Da mesma maneira, as identidades que davam composição às paisagens sociais e segurança a uma conformidade subjetiva estão entrando em crise, como um resultado das mudanças estruturais e institucionais.

E o autor complementa, citando o Sujeito Pós-moderno:

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, contextualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2006, p.13)

O último autor escolhido para tratar da questão da Identidade é Manuel Castells Oliván, um sociólogo que nasceu em Hellín (Albacete), em 9 de fevereiro de 1942. É um dos

principais pensadores da influência da Tecnologia da Informação na sociedade. Em seu livro *O Poder da Identidade* (2001), volume II da trilogia *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*, ele fala sobre várias questões acerca da Identidade.

Para começar, nos mostra que Identidade é “a fonte de significado e experiência de um povo” (p. 22). E que, quando se trata de atores sociais, ele entende que identidade é o processo “de construção de significados com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(is) prevalece(m) sobre outras fontes de significados” (p. 22).

De acordo com o autor, para um indivíduo, ou até mesmo para um ator coletivo, podem existir identidades múltiplas. Essa quantidade e essa diversificação, porém, geram tensão e até mesmo uma contradição no que tange à autorrepresentação e à sua ação social.

Essa questão para Castells (2001) acontece porque é necessário realizar uma diferenciação entre a identidade e o que os sociólogos chamam de papéis e conjuntos de papéis. Papéis, de acordo com o autor (como ser mãe, vizinho, trabalhador), são definidos de acordo com normas que são estruturadas por instituições e organizações que existem na sociedade. Porém, identidades são fontes de significados para os próprios autores, são originadas por eles mesmos e são construídas pelo processo de individuação. Vale lembrar que existe a possibilidade de a identidade ser formada pelas instituições dominantes, mas a identidade só assume essa condição quando os atores a internalizam.

Outra questão que o autor traz é a de que, em certos momentos, autodefinições coincidem com papéis sociais. Isso acontece quando ser pai ou ser mãe é a mais importante definição que o ator faz dele próprio. É importante ressaltar, no entanto, que as identidades possuem significados mais importantes do que os papéis. Isso se deve ao processo de autoconstrução e de individuação que as envolve.

Para Castells (2001, p.23), “em termos genéricos, pode-se dizer que identidades organizam significados, enquanto papéis organizam funções”. Em seu livro, trata mais da questão da identidade coletiva e menos da individual, mas lembra que o individualismo também pode ser considerado uma identidade coletiva.

Um fato importante que o autor destaca é a questão de que, do ponto de vista sociológico, toda e qualquer identidade é construída. Para Castells, a questão principal é “como, a partir de quê, por quem, e para quê isso acontece” (2001, p.23).

A construção da identidade é feita por matérias primas que vêm da história, da geografia, da biologia e de instituições que produzem e que reproduzem, vem da memória coletiva e das fantasias das pessoas, pela religião e pelos aparatos de poder daquele local.

Todo esse material é processado pelos indivíduos, pelos grupos sociais e pela sociedade que realizam, assim, uma reorganização, sua função, tendências e projetos.

Segundo Castells, há três formas de origens da construção da identidade:

Identidade legitimadora: introduzida pelas instituições dominantes da sociedade no intuito de expandir e racionalizar sua dominação em relação aos atores sociais, tema este que está no cerne da teoria de autoridade e dominação de Sennett, e se aplica a diversas teorias do nacionalismo.

Identidade de resistência: criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes do que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo opostos a estes últimos, conforme propõe Calhoun ao explicar o surgimento da política de identidade.

Identidade de projeto: quando os atores sociais, utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, de buscar a transformação de toda a estrutura social. Esse é o caso, por exemplo, do feminismo que abandona as trincheiras de resistência da identidade e dos direitos das mulheres para fazer frente ao patriarcalismo, à família patriarcal e assim, a toda estrutura de produção, reprodução, sexualidade e personalidade sobre a qual as sociedades historicamente se estabelecem. (Ibid., p. 24)

Ainda segundo o autor, cada tipo de processo de construção de identidade gera um resultado distinto na constituição da sociedade. Na identidade legitimadora gera uma sociedade civil, ou seja, um conjunto de organizações e instituições, assim como vários atores sociais que são estruturados e organizados e que, às vezes de uma maneira conflitante, acabam por reproduzir a identidade que racionaliza as fontes de dominação.

Na identidade destinada à resistência, gera a formação de comunas ou comunidades. Esse pode ser o tipo de construção de identidade mais importante na sociedade. Ela gera formas de resistência coletiva quando se depara com uma opressão e não seria capaz de tal coisa se fosse definida com clareza pela história, geografia ou biologia. Exemplos disso são os nacionalismos radicais como o fundamentalismo religioso.

A última forma de origem, segundo Castells, é a construção de identidade de projeto, a que gera sujeitos. Sujeitos para Castells não são indivíduos, mesmo que sejam constituídos a partir de indivíduos. Sujeitos constituem o ator social “coletivo pelo qual indivíduos atingem o significado holístico em sua experiência” (2001, p.26). Nesse caso, a identidade se constrói consistindo em um projeto de vida diferente. “Como, e por quem, diferentes tipos de identidades são construídos, e com quais resultados, são questões que não podem ser abordadas em linhas gerais, abstratas: estão estritamente relacionadas a um contexto social” (Ibid., p. 26).

Vale destacar que existe uma diferença entre a identidade na modernidade e na sociedade em rede. Enquanto na modernidade a identidade do projeto é construída a partir da

sociedade civil, na sociedade em rede (conceito que será desenvolvido na seção 2.2.3) a identidade de projeto se dá a partir da resistência comunal, e é esse o significado real da nova política de identidade na sociedade em rede. A análise de processos, das condições e dos resultados de transformação da resistência comunal para sujeitos transformacionais é o espaço ideal para se desenvolver teorias de transformação social.

Castells (2001) explica também o que são as comunas culturais. Para ele, os atores sociais excluídos, ou que de alguma maneira ofereceram resistência à individualização da identidade relacionada à vida nas redes globais, formam as comunas culturais que podem ser de cunho religioso, nacional ou territorial e mostram ser a alternativa principal para construir significados na nossa sociedade. Essas comunas têm como características três principais traços:

Aparecem como reação a tendências sociais predominantes, as quais se opõem resistência em defesa de fontes autônomas de significado. Desde o princípio, **se constituem identidades defensivas** que servem de refúgio e são fontes de solidariedade, como forma de proteção contra um mundo externo hostil. **São construídas culturalmente**, isto é, organizadas em torno de um conjunto específico de valores cujo significado e uso compartilhado são marcados por códigos específicos de auto identificação: a comunidade de fieis, os ícones do nacionalismo, a geografia do local. (p. 84, grifo nosso)

A partir dessa leitura de Castells é fácil concluir que o nacionalismo cultural e o fundamentalismo religioso são, via de regra, reações defensivas a três ameaças que acontecem em toda sociedade, o que é uma questão importante, a saber: a globalização, que acaba com a autonomia das instituições e sistemas locais; a formação de redes e a flexibilidade, que tornam indistintas as fronteiras e individualizam as relações sociais; e a crise patriarcal, que ocorre nas bases das transformações do mecanismo de criação e de segurança.

Quando o mundo se torna grande demais para ser controlado, os atores sociais passam a ter como objetivo fazê-lo retornar ao tamanho compatível com o que podem conceber. Quando as redes dissolvem o tempo e o espaço, as pessoas se agarram a espaços físicos, recorrendo à sua memória histórica. Quando o sustentáculo patriarcal da personalidade desmorona, as pessoas passam a reafirmar o valor transcendental da família e da comunidade como sendo a vontade de deus. (CASTELLS, 2001, p.85)

Após essa roda de identidade, trabalharemos com outra questão bastante complexa e com diferentes pontos de vistas: a subjetividade.

1.2 O Conceito de Subjetividade

Antes de qualquer apontamento é importante salientar a existência da polêmica entre a enunciação dos conceitos de identidade e de subjetividade. Entendemos que existem discussões sobre a distinção entre um termo e o outro. Temos autores que defendem o fato de a subjetividade ser algo mais da realidade psíquica, emocional e cognitiva do ser humano, que é passível de despontar simultaneamente nos âmbitos individual e coletivo. A subjetividade é vista como comprometida com a apropriação intelectual dos objetos externos, ou seja, não sendo uma coisa” ou essência imutável.

Foucault (1984), por exemplo, nos trazia a questão dos “modos de subjetivação” “como modos de objetivação do sujeito”, ou seja, modos em que o sujeito aparece como objeto de uma determinada relação de conhecimento e poder. Os modos de subjetivação como as formas de atividade sobre si mesmo. Foucault desenvolve uma história das práticas nas quais o sujeito aparece não como instância de fundação, mas como efeito de uma constituição.

O autor descreve três formas distintas de objetivação: na primeira, o sujeito se dá a conhecer pela ciência e como um ser que produz economias e é parte de uma história biológica e natural; na segunda, o autor observa o sujeito como prática divisória, o que resulta em seus estudos sobre a segregação social dos loucos, prisioneiros etc; e a terceira, caracteriza-se pelo modo como o homem dá a si mesmo o *status* de sujeito, ou seja, o conhecimento de si e as práticas de si levam o homem a constituir-se e a reconhecer-se como sujeito. (FOUCAULT, 2004).

É importante destacar que entendemos o conceito de identidade de maneira abrangente o suficiente e por isso optamos por trabalhar com ele na maior parte do texto, mas sem deixar de tecer comentários e fazer uma análise do conceito da subjetividade.

A identidade, conceito muito utilizado pela Sociologia e para algumas escolas da Psicologia, em especial a Psicologia Social, tem o significado de uma unidade de semelhanças com razoável grau de permanência. Além da identidade singular, consideram a existência da identidade coletiva, ambas entendidas em uma dimensão temporal que implica relação com o passado, o presente e o futuro.

Quando falamos em subjetividade, falamos também de diversas questões complexas e polêmicas, passando da subjetividade individual para a coletiva e chegando à intersubjetividade, um termo que se refere a diferentes aspectos como uma interação, um vínculo etc.

Não nos propormos, no presente trabalho, definir um conceito de subjetividade e suas diversas questões. O enfoque, portanto, será explicar o conceito de subjetividade, sabendo que não é possível alcançar uma definição completamente satisfatória para um conceito tão complexo.

Oliveira (2009, p.51) nos mostra que a base inicial para o conceito de subjetividade foi feita por René Descartes, em uma abordagem na qual o conceito não pode ser construído se partimos de uma relação sujeito e objeto. A relação sujeito-objeto tem uma marca mais racional que se separa do emocional, e a questão da experiência se restringe à parte intelectual. A subjetividade, porém, é um envolvimento pessoal maior.

Prado Filho e Martins (2007) trazem a questão de que o conceito de subjetividade passou do campo da Psicanálise para o campo da Psicologia apenas na metade do século XX. Porém, só no final do mesmo ele deixa de ser um sentido natural e substancial de interioridade e passa a ser pensado em termos políticos, históricos e sociais, ou seja, com uma produção de subjetividade.

A subjetividade poderia, desse modo, ser uma problematização para identidade, segundo os autores.

Esta perspectiva histórico-política da subjetividade ganha destaque neste momento em decorrência do declínio do conceito de identidade, que se esgota numa exaltação ao “idêntico”: este movimento de se repetir, de se fazer idêntico a si mesmo para facilitar a visibilidade social e permitir a localização e captura pelos poderes. Visibilidade de duas vias: do sujeito que se repete e se reconhece idêntico a si mesmo, e que neste movimento se expõe à vista dos outros, tornando-se identificável e capturável pela lei, pela norma, pela moral. Questão política esta, portanto, ligada a práticas de individualização e identificação social de sujeitos, envolvendo jogos de normalização, formas de reconhecimento de si e dos outros, além de modos de subjetivação, que exigem posicionamento crítico e resistência a uma certa “política das identidades” exercida pelo Estado contemporâneo. (PRADO FILHO E MARTINS, 2007, p.16)

A subjetividade nos sugere algo de interioridade, mas isso não é natural. A subjetividade e a interioridade não dizem respeito a uma instância psicológica que é natural do ser humano, muito menos dizem respeito à experiência ou a um sinônimo da mesma.

Ao observarmos um quadro, admirarmos a beleza de uma pessoa ou no momento da escolha do curso para o qual prestaremos o vestibular, ao devanarmos à beira-mar, lembrando-nos de nossos amores passados, ou ao sonharmos com nosso futuro, às vezes incerto, às vezes promissor, ao ouvirmos aquela música que nos leva para longe, à nossa terra natal, ou que nos remete a um olhar, a um pôr do sol, a uma brisa suave soprando nos cabelos, poucos de nós então teriam dificuldades em classificar essas cenas como “subjetivas”, como fazendo parte da “subjetividade” de um indivíduo. Mas afinal, quando falamos de nossos sonhos, desejos, fantasias, esperanças, percepções, medos, anseios, pensamentos e lembranças, do que estamos tratando? O que está em jogo quando dissertamos acerca da subjetividade? (SOARES e MIRANDA, 2009, p.409)

É assim que o artigo “Produzir Subjetividade: O que isso significa?”⁹, de Leonardo Soares e Luciana Miranda começa. Os autores nos lembram de que escutamos a palavra subjetividade na TV, no jornal, em uma roda de conversa, e em várias outras localidades e situações. E que muitas vezes tratamos a temática da subjetividade sem darmos o devido cuidado ao conceito. É necessária uma melhor compreensão da temática para entender de que maneiras são concebidas as mais diversas formas de sentir, ver, se situar no mundo, entre outros.

A subjetividade e a noção de sujeito vêm sendo pontos centrais em diversas discussões e questionamentos dos paradigmas das ciências humanas. “A fim de promover a ‘verdade’ sobre a condição humana, vários perfis de sujeito são traçados: o sujeito do conhecimento, o sujeito psicológico e o sujeito do inconsciente” (MIRANDA, 2000, p.30).

Simultaneamente, a subjetividade, na maioria dos casos, vem acompanhada de um subjetivismo que às vezes é negado em nome de uma objetividade científica (o que poderíamos chamar de certa “neutralidade”, e às vezes avança em busca de uma constituição estrutural e universal do sujeito. “No entanto, ambas as concepções ‘objetivas’ ou ‘subjetivas’ apontam para o mesmo lugar: o sujeito transcendental, a subjetividade individualizante, prisioneira de uma interioridade” (MIRANDA, 2000, p.31).

Voltando ao texto de Soares e Miranda, os autores nos mostram que a subjetividade não é um tema exclusivo das ciências psicológicas, “a filosofia se debruça de formas diversas e em momentos históricos diferentes sobre a questão, dando lugar à pluralidade de concepções que torna exaustiva a tarefa de delimitação conceitual mais abrangente acerca do termo” (2009, p.410).

No século XVII, Descartes trouxe a ideia de cartesianismo. Segundo ele, a razão é a única via segura pela qual o conhecimento do mundo pode ser obtido. A visão racionalista de Descartes defende a possibilidade de alcance de uma verdade absoluta, incontestável. O método cartesiano influencia o desenvolvimento da Ciência e acaba por estabelecer uma cisão entre mente e corpo e entre teoria e prática.

Miranda (2000) nos mostra que a tradição filosófica promove uma divisão na relação sujeito e objeto, que compreende desde a supervalorização do sujeito, como no racionalismo de Descartes, até uma objetivação que é característica do empirismo lógico. “Filha pródiga de tal dicotomia, a subjetividade apresenta-se ao mesmo tempo universal e interiorizada” (p.32).

⁹ SOARES, L.B.; MIRANDA, L.L. “Produzir Subjetividade: O que isso significa?”. In: *Estudos e pesquisas em Psicologia*, UERJ, ano 9, n. 2, p.408-424, 2º semestre de 2009. Disponível em: <<http://www.revipsi.uerj.br/v9n2/artigos/pdf/v9n2a10.pdf>>.

Silvio Gallo (2008) traz a questão de René Descartes para o campo filosófico. Para tal ele traz uma verdade que é “Eu penso, eu sou” e, assim, faz uma metáfora para “eu sou uma coisa que pensa”. Gallo questiona quem ou o quê seria o outro no sistema cartesiano. “Isto significa dizer que penso, tematizo, concebo o outro sempre na interioridade de meu ser, na interioridade de meu pensamento. O outro é um conceito, um efeito do pensamento” (GALLO, 2006, p.2). Com isso, temos na filosofia cartesiana que o outro não passa do que eu mesmo crio.

Um pensador que nos ajuda a tematizar a subjetividade é Foucault quando critica a dicotomia sujeito-objeto. Ele nos mostra que a “constituição de um universo subjetivo paralelo a um objetivo representa uma estratégia filosófica, e que, na verdade, ambos encontram-se implicados entre si e são quase indissociáveis” (MIRANDA, 1996, p.32).

Já David Hume, subverte inteiramente a concepção cartesiana quando a questão é subjetividade. “Primeiro, que o projeto cartesiano de fazer coincidir pensamento e ser, sujeito e subjetividade, já não faz mais sentido, pois a subjetividade não é mais do que uma coleção de dados sem ordem” (SOARES e MIRANDA, 2009, p. 413).

Como nos mostra Deleuze, o sujeito se constitui no dado: “E, olhando bem, isso é tão só outra maneira de dizer: o sujeito se constitui no dado. Se o sujeito se constitui no dado, somente há, com efeito, sujeito prático”. (DELEUZE, 2001, p.118)

Temos uma nova questão relativa à subjetividade, na qual não é possível falar de uma subjetividade de maneira geral nem de um sujeito único universal, mas sim, de subjetividades práticas e de sujeitos que se constituem e se constroem.

Considerar a subjetividade sob o ângulo de sua materialidade é levar em conta seu caráter processual, parcial, imanente, pré-pessoal (na medida em que antecede a qualquer sujeito individuado, porque o constitui, polifônico (no sentido bakhtiniano do termo), coletivo e maquínico”. Mas, antes de tentar precisar o que estes termos querem dizer, a partir da concepção de Hume da subjetividade, podemos afirmar com Guattari que Não existe uma subjetividade do tipo “recipiente” em que se colocariam coisas essencialmente exteriores, as quais seriam “interiorizadas”. As tais “coisas” são elementos que intervêm na própria sintagmática da subjetivação inconsciente. (SOARES e MIRANDA, 2009, p.414)

As subjetividades se particularizam, se autonomizaram em uma esfera individual e se tornaram idiosincrasias que são remetidas a uma instância oculta, a algo fora do corpo, que se nutre do entendimento, da razão e das emoções do sujeito. Porém, se consideramos a “subjetividade a partir do ângulo da produção, assim como o proposto por Guattari aproxima-se, a nosso ver, da perspectiva de Hume, que advoga em favor de um sujeito prático que conforma uma subjetividade igualmente prática” (Ibid., p.415).

Essa individualização se deu através do desenvolvimento do capitalismo “que traz a marca da individualidade conforme hoje a entendemos, e se este sistema tende a criar padrões universais, a serializar, ao mesmo tempo individualizar tais padrões com um enorme poder coercitivo” (MIRANDA, 1996, p.38).

Porém, quando consideramos a subjetividade sendo um fluxo contínuo de sensações, de amar, de se comunicar, de imagens, de sons, valores, ideais, formas de consumos, modos de existir, entre várias outras questões que são fabricadas numa relação entre instâncias sociais, técnicas, institucionais e individuais, estamos realizando uma radicalização de possibilidades dos engendramentos da subjetividade. Poderíamos até considerar que todos os sujeitos e coletivos humanos, com maior ou menor grau de instrução e de conhecimento tecnológico, produzem subjetividade (SOARES e MIRANDA, 2009, p.414).

Com isso, temos uma das definições de subjetividade como tudo aquilo que concorre para a produção de um “si”, ou um modo de existir, de viver, um estilo de vida e de existência.

Quando tratamos de uma perspectiva mais contemporânea temos a subjetividade tomada como um objeto construído a partir do conhecimento, mas também, como um espaço onde as experiências do sujeito não implicam interioridade.

Quando pensamos em modernidade, temos a questão da informação, que também perpassa pela subjetividade. Na modernidade a questão principal para a subjetividade é a informacional.

Subjetividades sendo produzidas por todos os lados em agenciamentos insuspeitos, materializando-se no cotidiano, em nossas relações familiares, afetivas, institucionais, libidinais. Nesse “admirável mundo novo” povoado de máquinas de subjetivação a nós apresentado por Deleuze e Guattari, talvez se possa lançar a pergunta acerca das características da produção de subjetividade(s) na contemporaneidade. Em que contexto sócio-histórico ela se dá, e que subjetividades são majoritariamente produzidas? Há de fato uma produção de subjetividade(s) altamente diferenciada(s) ou, ao contrário, o que se tem é uma função subjetiva hegemônica e homogeneizante de todas as outras formas de existir? (SOARES e MIRANDA, 2009, p.419)

Não é novo falar que a subjetividade é heterogênea, e isso advém das diversas facetas que a compõem, em que estão as tecnologias, as questões históricas, culturais, familiares, entre outras. “Atualmente, por exemplo, uma criança tem como vetor de subjetivação tanto a família como a TV, que desfila valores, comportamentos, num jogo de afetos que a mobiliza. Escola, mídia, trabalho, formas de modelo econômico e político são vetores atuantes de subjetivação” (MIRANDA, 1996, p.37).

A subjetividade, então, não se situa em um campo individual, mas sim em um campo de todos os processos das produções social e material, nos quais o indivíduo se apresenta como um consumidor de subjetividade e, sendo assim, não é da ordem natural ou do universo.

Não é apenas a mídia, mas sim as tecnologias de maneira total que se colocam como verdadeiros vetores de subjetivação. “O essencial é entender que as máquinas que cada vez mais nos circundam e das quais é impossível escaparmos, representam formas hiperdesenvolvidas e hiperconcentradas de certos aspectos de subjetividade” (MIRANDA, 1996, p.40).

Hoje, os impactos que as mídias causam, assim como a rápida velocidade que existe tanto no mundo interno quanto no externo, fazem com que surjam diversos problemas: depressão, excesso de informação, ansiedade, indefinição do que fazer da vida, e tantos outros.

O homem recebe, nos dias de hoje, informação em grande quantidade. Ainda estamos longe, no entanto, do momento em que todos os indivíduos poderão se apropriar das tecnologias de forma democrática e igualitária.

Há grandes diferenças sociais, desníveis de distribuição de renda e de qualidade de vida, processos de exclusão social e digital que impedem em muitos casos que as tecnologias de informação e comunicação sejam utilizadas como instrumentos de construção ativa, reflexiva e crítica do conhecimento. “Diante dos avanços da tecnologia, da fugacidade dos (des)encontros, da espetacularização da vida, o sujeito contemporâneo sente um vazio. Assistimos a uma corrida desenfreada por novidades, ao mesmo movimento em que essas novidades tornam-se obsoletas” (MIRANDA, 1996, p.29).

Quando traçamos um paralelo entre as revoluções tecnológicas e as implicações subjetivas, queremos dizer que a identidade do homem impacta cada uma dessas grandes mudanças com alterações profundas da sua identidade e repercussões consequentes no mundo.

Uma citação do livro extremamente conhecido *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll, explica ligeiramente a situação do mundo moderno: “Agora aqui veja, é preciso correr o máximo que você puder para permanecer no mesmo lugar. Se quiser ir a algum outro lugar, deve correr pelo menos duas vezes mais depressa que isso” (CARROLL *apud* BAUMAN, 2003a, p.64).

É sempre bom lembrar, porém, que a tecnologia não passa de um instrumento e as consequências futuras da sua utilização dependem exclusivamente da relação que o homem constrói com ela.

Se o assujeitamento traduz uma homogeneidade da subjetividade capitalística, a possibilidade da singularização encontra-se exatamente na criação, na abertura da heterogeneidade. Contudo, a criação de novos campos de possibilidades se inscreve menos sob o signo da esperança, que requer um tanto de conformismo e resignação, do que sob uma perspectiva de uma construção marcada desde já pela processualidade, que reivindica a imanência da singularidade, a multiplicação nos modos de subjetivação, o resgate da criatividade ao invés da massificação, deste imenso senso comum que marca a produção subjetiva contemporânea”. (MIRANDA, 1996, p.45)

Algumas palavras e expressões atualmente são muito comentadas, faladas e reproduzidas. Desde os jornais, às TVs, passando pelas discussões e ideias. Meritocracia e empreendedorismo são algumas delas. E com elas vêm muitas outras “capacitação, *coaching*, diferenciação, *profiling* e por aí vai. Ideias e valores derivados dos princípios de concorrência que estruturam o projeto neoliberal” (ROQUE, 2017, s.p.).

Tatiana Roque (2017) nos mostra a relação da subjetividade com a política e porque ela virou alvo dos governos com tendências neoliberais:

Sabemos que o neoliberalismo não se reduz a um sistema econômico. Em escala pouco visível, atuam mecanismos para instalar a concorrência em todas as relações sociais e, por isso, as subjetividades viraram alvos do governo neoliberal. Governar não significa apenas deter o poder político, significa organizar, facilitar e estimular a concorrência nos mais diversos âmbitos da vida social, como resume Foucault. [...] O sucesso da empreitada depende da capacidade das formas de governo neoliberais para continuar convencendo a população que o empreendedor de si é atraente, bem como são suportáveis as relações sociais que o sustentam. Nessa dimensão se dará a disputa de corações e mentes. Por não estar sendo capaz de enfrentar essa disputa no terreno das subjetividades, a esquerda não tem conseguido adesão às suas propostas. Logo, a tarefa mais urgente para um novo projeto de esquerda será propor modos de vida alternativos à subjetividade empreendedora fundada na concorrência. Precisamos calibrar as lentes, focar nas subjetividades e buscar figuras capazes de substituir o self empreendedor, elemento-chave da racionalidade neoliberal. (s.p.)

Porém, se pararmos para analisar, que modo de vida poderia servir de contrapartida à promessa desgastada de um trabalho assalariado na fábrica, que conseguiria mobilizar as pessoas? Ou até mesmo quais perspectivas de emancipação seriam capazes de nos tirar desse “jogo”? Nisso a subjetividade possui grande importância. A disputa do terreno das subjetividades, calibrar as lentes e enxergar o problema na escala das subjetividades é um passo incontornável para qualquer projeto. (Ibid., s.p.).

Dentro dessa luta, talvez os Secundaristas, ou seja, os jovens de segundo grau que são ligados a movimentos estudantis, já tivessem nos dado as respostas para a briga pelo terreno da subjetividade.

A resistência, o repensar, as ações. A questão que entra na discussão é de como alargar o campo da política ou de que forma pensar a dimensão política das formas de vida, da sensibilidade que lhes são correspondidas. Ou, se quiséssemos ser mais diretos, como diz

Pelbart, como pensar a própria política à luz dessa questão das formas de vida que lhe antecedem?

Talvez Foucault continue tendo razão: hoje em dia, ao lado das lutas tradicionais contra a dominação (de um povo sobre outro, por exemplo) e contra a exploração (de uma classe sobre outra, por exemplo), é a luta contra as formas de assujeitamento, isto é, de submissão da subjetividade, que prevalecem. Pois nosso tempo inventou modalidades de servidão inauditas. E o que os secundaristas nos ensinaram é que também as formas de resistência se reinventam. A horizontalidade e a ausência de centro ou comando nas ocupações e nas manifestações dramatizaram uma outra geografia da conflitualidade. É difícil nomear uma tal mudança, e sobretudo transformá-la em pauta concreta (PELBART, 2016, s.p.)

No momento das ocupações, na formulação dos seus ideais, de sua forma de combater e protestar, talvez outra subjetividade política e coletiva estivesse surgindo e tenha sido experimentada. Uma subjetividade mais anônima, mais subversiva, de fluxo, tensão, impulso, e com um poder de organização e convocação de maneira inédita.

É difícil medir tais movimentos sem usar a régua da contabilidade de mercearia ou do jogo de futebol. “Quanto lucraram”, “no que deu”, “quais forças favoreceu”, “no final quem venceu”? Perguntarão. Não se trata de menosprezar a avaliação das forças em jogo, sobretudo num País como o nosso, em que uma vasta aliança conservadora distribui as cartas e leva o jogo há séculos, independente dos regimes que se sucedem ou do que dizem as urnas. Ou seja, não se trata de confiar no deus-dará, mas ao contrário, aguçar a capacidade de discriminar as linhas de força do presente, fortalecer aquelas direções que garantam a preservação dessa abertura, e distinguir no meio da correnteza o que é redemoinho e o que é pororoca, quais direções são constituintes, quais apenas repisam o instituído, quais comportam riscos de retrocesso. (PELBART, 2016, s.p.)

Como nos mostravam Soares e Miranda (2009), é sempre provável resistir ao presente, conseguir escapar das modelizações que são impostas pelo sistema dominante, é sempre possível conseguir apropriar-se diferentemente do que é oferecido no dia a dia pela televisão, pelo cinema, pelo padrão e pelo próprio sistema.

A problematização da subjetividade sob signo da produção no contexto do CMI¹⁰ alerta para o crescente enrijecimento da subjetividade. Num mundo em que vivenciamos o extremo recrudescimento do individualismo, a produção de uma subjetividade massificada é vendida como promessa de singularização para milhões de sujeitos. No entanto, mesmo neste contexto de laminação das subjetividades, é possível singularizar no cotidiano, ensejando pequenas práticas que sejam focos de criatividade e de experiências de vida enriquecedoras das relações das pessoas com o mundo. (SOARES E MIRANDA, 2009, p.421)

Não há uma definição única de subjetividade e não é essa a questão principal do presente trabalho; até porque poderíamos nos estender durante um longo tempo nessa discussão. Porém, “podemos então dizer que a subjetividade abriga o conjunto de

¹⁰ Guattari chamou de Capitalismo Mundial Integrado (CMI), o período histórico marcado pela expansão e consolidação da hegemonia do modo de produção capitalista em nível planetário.

experiências particulares de um sujeito, o que implica não somente a sua relação passiva com o mundo e com o outro, mas também o seu engajamento ativo nessas direções” (OLIVEIRA, 2009, p.51).

Finalizando, Tony Hara (2012), em seu texto “Escrita de Si: um rascunho da vida”, de forma bastante eloquente contribui para fechar este estudo:

E ao olhar os gregos a gente realmente se espanta. Todos os filósofos falam sobre a vida reta. Esse é o grande ideal. E o que é a vida reta? É a retidão, é a coerência quase que brutal entre o que você diz e o que você faz, a coerência entre o pensar e o agir. E aí, o ponto de reflexão está corretíssimo. É o “como fazer” que define a coerência entre o pensar e o agir. A gente está mais desatento ao que fazemos de nossas vidas. E o mais engraçado e, trágico ao mesmo tempo, é que observando os filhotes de humano a gente percebe que eles assimilam o que a gente faz. Eles estão mais atentos ao modo como agimos, ao exemplo que damos, do que para a falação de todo o dia. Eles estão aprendendo aquilo que temos de pior e mal nos damos conta disso. (p.112)

Com isso, rumamos para a próxima seção, na qual discutiremos os impactos da Internet no ser humano, no que diz respeito a diversas questões da identidade, da subjetividade e da constituição do ser.

1.3 A Internet e o Homem

No início, o computador era uma tecnologia de luxo e poucos o tinham nas suas casas. Só as pessoas com uma renda alta conseguiam comprar um aparelho desses. Após alguns anos, a classe média começou a ter acesso a ele também e assim por diante. Com o computador veio algo extraordinário: a Internet.

O avanço da Internet trouxe consigo uma maior facilidade, comodidade e até mesmo convivência em diversas áreas. É mais fácil conversar com pessoas, fazer pesquisas, trabalhar, comprar e vender produtos e até mesmo fazer amigos. Essas facilidades estão cada vez mais fazendo com que surjam novos adeptos à Internet.

Com essa tecnologia que é recente faz-se possível ter contatos com pessoas de qualquer lugar do mundo, de importar e exportar produtos mais facilmente, consultar materiais em diversas línguas, além de ter um banco de dados sobre qualquer assunto, tudo isso a qualquer hora do dia e em qualquer dia da semana. O famoso *Google* é um desses exemplos.

Por mais que tenhamos falado da Internet, hoje em dia ela praticamente dispensa apresentações. Como já dito, além de ajudar na comunicação e na busca por informações ela cumpre um papel importante no que diz respeito ao contato social. Pessoas que são mais

tímidas utilizam os *chats* com mais facilidade do que quando precisam conversar pessoalmente, ou seja, os *chats* se tornaram um grande aliado das interações sociais.

Tudo isso faz com que as pessoas, de qualquer faixa etária, passem cada vez mais tempo no mundo virtual. Atualmente, crianças passam muito tempo na Internet, seja jogando, seja em *sites* ou em qualquer outro local. Essa nova maneira de viver faz com que se torne necessária a discussão sobre uma socialização e uma subjetividade mediadas pelas tecnologias de informação e comunicação.

Assim como com as crianças, o mesmo acontece com os jovens, que passam muito tempo na Internet. Junto com o aumento da utilização da Internet e de outras tecnologias como o videogame, surgem também aspectos negativos. Um deles é a dependência que se cria tanto dos jogos, como da rede em si. Isso já é tema recorrente em noticiários, revistas e pesquisas. Muitos pais reclamam das horas passadas nas redes sociais, da falta de contato físico e do diálogo, entre inúmeras outras queixas.

Abreu, Karam e Góes nos mostram que esses fenômenos são recentes, mas que já há autores que tratam disso:

Embora esses fenômenos ainda sejam pouco estudados, a maioria dos autores sugere que o uso excessivo do videogame e da Internet pode se tratar de um novo transtorno psiquiátrico. Pesquisas realizadas principalmente em países desenvolvidos e nos tigres asiáticos, aonde o acesso à tecnologia ocorre de modo mais intenso, apontam que uma parcela da população jovem e adulta apresenta características de uso problemático desses novos recursos eletrônicos. Tais estudos, porém, são bastante heterogêneos e a variabilidade da nomenclatura e a inexistência de uma síndrome clinicamente identificável e confiável, devido à falta de critérios diagnósticos e definições operacionais estabelecidos, são alguns dos fatores responsáveis por essa heterogeneidade. (2008, p.157)

Essas mudanças estão causando impactos no comportamento humano e na cultura como, por exemplo, o fato da pessoa se sentir mais à vontade ao mandar um *e-mail* anônimo do que conversar pessoalmente, face a face com alguém.

Há pessoas que possuem tendência a sofrer de baixa autoestima se sentem inadequadas em várias situações, percebendo dos outros uma constante desaprovação. Nessas situações há um estímulo adicional para se desenvolver uma identidade on-line secreta e distinta da que se possui no mundo real.

A comunicação na Internet modificou todas as outras formas de comunicação. Com uma comunicação de escala mundial, pessoas de diversos locais podem se comunicar de forma síncrona ou assíncrona. Além disso, a Internet possibilitou o acesso a canais de comunicação e *sites* de diversos locais do mundo. Graças à Internet as pessoas podem trocar informações, imagens, dados, em curto espaço de tempo, além disso, é possível encontrar

velhos amigos, fazer novos amigos e se comunicar com pessoas que antes eram inatingíveis. A Internet integra milhares de pessoas.

Com a Internet, os jovens passaram a se comunicar através dos chats, das salas de bate-papo, dos serviços de troca de mensagens, entre outros. A chamada comunicação mediada pelos computadores modificou de forma imensa o modo como as pessoas se falam. As possibilidades de comunicação no ciberespaço, por ela oferecidas, nos permitem hoje falar em redes sociais digitais.

Cada vez mais cedo a Internet passa a fazer parte do cotidiano dos alunos (principalmente as redes sociais digitais) e essa é uma realidade imutável. Embora o conceito de redes sociais venha sendo fortemente difundido nos últimos anos, o fenômeno precede o início da era digital. Na sociedade moderna elas vêm adquirindo importância cada vez maior e têm como características a descentralização, a autogeração e a horizontalidade.

As redes, ao longo da história e dos anos, se constituíram por serem uma grande vantagem em relação a outras formas de organização social. Elas são as formas de organização mais flexíveis e adaptáveis, seguindo de um modo muito eficiente o caminho evolutivo dos esquemas sociais humanos.

Quando falamos de redes falamos, então, de uma estrutura social que é composta por organizações e/ou pessoas que estão conectadas estabelecendo, compartilhando e trocando valores e objetivos. Uma das suas características é a abertura, que possibilita relacionamentos horizontais e não hierárquicos entre as pessoas que participam. Parte de sua força está na habilidade de se fazerem e desfazerem rapidamente.

Há tipos diversos de redes sociais. Elas transformam os fluxos de informação, criando novos canais e novos *memes*¹¹. Grupos sociais surgem, novas amizades são feitas, novas conversas e histórias criadas, grupos de pessoas diferentes formados e até mesmo aparecem novas formas de se identificar.

Raquel Recuero nos mostra um pouco dessas ferramentas sociais:

Diante disso, surgem, nos últimos anos, as chamadas ferramentas ditas “sociais”, ou seja, aquelas que focam esse exercício da sociabilidade e as chamadas redes sociais, e de um modo especial, os chamados sites de redes sociais (Boyd & Ellison, 2007) que têm crescido nos últimos anos. Esses sistemas compreendem processos interacionais e as redes expressas através deles constroem-se através das conversações estabelecidas. Através desses sistemas são, portanto, identificados

¹¹ Termos bastante conhecidos na Internet referindo-se ao fenômeno da "viralização" de uma informação, ou seja, vídeos, imagens, frases, ideias, músicas, entre outros, que se espalham entre vários usuários rapidamente, alcançando muita popularidade. Vale destacar que trabalharemos esse tema nas próximas seções com mais aprofundamento.

atores sociais e suas conexões, compreendidas como os laços e o capital social. (2009, p.118)

Conforme as tecnologias vão envolvendo gradualmente mais hábitos do dia a dia, o uso das mesmas cada vez passa a ser um fato comum e, por isso, a quantidade de atividades realizadas através delas cresce de forma considerável.

Razzouk mostra que os “dependentes” buscam a Internet sem um objetivo definido:

Os "dependentes" de Internet buscam a Internet, sem um objetivo definido, com preferência pelos "chats" e grupos de bate-papo, enquanto, que os usuários não dependentes utilizam a Internet com um objetivo mais definido, e em geral em busca de uma informação seja ela técnica ou de uso pessoal e em geral, nos sites da web. Este estudo sugere que os indivíduos com dependência por Internet utilizam este instrumento não pelo seu principal recurso (informação), mas para estabelecer contatos virtuais que se tornam prioritários e às vezes exclusivos em relação aos seus relacionamentos reais. (1998, s.p.)

A Internet não é um mundo que se isola da vida real, mas serve como um meio que agiliza e dá suporte de comunicação às atividades do dia a dia e do cotidiano. Pierre Lévy (1996) nos mostra que as novas formas de relações e de comunicabilidade que foram criadas graças ao ciberespaço promovem a reconstrução do laço social e acabam por inventar a “democracia em tempo real”.

De acordo com o autor (1996), as relações virtuais, graças as suas quantidade e pluralidade, formam relações de trocas de conhecimentos, e assim sendo, um circuito onde se há troca de saberes que podem aumentar de frequência, enriquecer e até mesmo se potencializar.

O aspecto multimídia das novas tecnologias transforma as experiências humanas de percepção e criação simbólica e traz novo caráter ao sistema de comunicação que, diversificado, multimodal e versátil, “é capaz de abarcar e integrar todas as formas de expressão, bem como a diversidade de interesses, valores e imaginações, inclusive a expressão de conflitos sociais” (CASTELLS, 1999, p.461).

Outra tecnologia que vem impactando de forma crescente as pessoas e a sociedade é o celular. Durante as últimas duas décadas, se iniciando primeiramente nos Estados Unidos e no Japão, o mundo assistiu ao surgimento de um fenômeno social e cultural que atravessou a cultura de forma muito forte: a disseminação do uso dos telefones celulares, que passaram a fazer parte importante do cotidiano de um número crescente de indivíduos, em todas as partes do planeta.

No início ainda os, popularmente chamados, “tijolões”, celulares volumosos e pesados, mas que com o passar do tempo foram se aprimorando. Nicolaci-da-Costa nos mostra um pouco sobre a Internet e os celulares.

A Internet e a telefonia celular são redes de telecomunicação interativa que têm muitos aspectos em comum. Dentre eles, ao menos dois merecem destaque. Primeiramente, ambas resultam da convergência de várias tecnologias da informação a microeletrônica, as telecomunicações, a computação, a optoeletrônica. Apesar desses aspectos tecnológicos comuns, desde os momentos iniciais de sua difusão, em meados da década de 1990, a Internet e os celulares vêm gerando diferentes reações. Enquanto a penetração social dos celulares se deu suavemente porque a telefonia celular foi percebida como uma continuidade da telefonia fixa, a Internet gerou – e ainda gera – muita comoção porque foi percebida como um fator de ruptura com as formas tradicionais de trabalharmos, vivermos, nos relacionarmos uns com os outros e muito mais. (2005a, p.50)

Baumann (2005) critica a maneira como a tecnologia tem sido utilizada, dizendo que as telas, as comunidades virtuais, os encontros virtuais não podem substituir os pessoais. O autor mostra a relação com o mundo moderno, que ele chama de “modernidade líquida” e mostra como a nossa identidade e as nossas referências comuns estão em movimento.

A conectividade exacerbada, assim como o acesso contínuo às redes sociais e aos games, modificou sensivelmente os relacionamentos sociais e amorosos dos nossos jovens. A possibilidade de utilizar identidades falsas, as relações superficiais, o sexo virtual, o *sexting* (divulgação de conteúdos eróticos e sensuais através de celulares), assim como novas formas de assédio sexual e *bullying* virtual (constituindo cibercrimes) são exemplos disso.

A análise de Nicolaci-da-Costa estudando a sociabilidade nos meios virtuais é elucidativa:

Antes de tudo, são relações, entre pessoas que não se conhecem fisicamente, travadas e mantidas por meio das redes digitais de telecomunicação interativa Internet e telefonia celular. Paradoxalmente, no entanto, essas relações virtuais não são por ele definidas em função de suas características próprias e atuais. Pelo contrário, são definidas, de modo indireto e confuso, por oposição aos relacionamentos “reais” (face a face, olho no olho). (2005a, p.51)

A conversa através dos dispositivos tecnológicos possui elementos próprios. Ela privilegia o anonimato, ao contrário da conversa comum que privilegia a identidade. Ela também proporciona o distanciamento físico entre as pessoas, mas assemelha-se a uma conversa face a face, porém à distância.

Com essa nova forma de comunicação que começou a existir graças a diversos *sites*, vários tabus começaram a se dissolver e alguns deles são os tabus relacionados a sexo. Graças ao fato de ficarem anônimas, por assim dizer invisíveis, as pessoas deixam transpor e se sentem mais à vontade para conversar, contar intimidades, realizar seduções. É a descoberta

de uma nova forma de sexo seguro, em que adolescentes ensaiam os primeiros contatos com o sexo oposto e adultos realizam fantasias sem o sentimento de culpa.

De acordo com Coleta e Guimarães (2008), os contatos inicialmente são interpessoais, pois eles são em nível virtual, a partir disso cabe a uma das pessoas continuar ou não o relacionamento. Após esse processo, começa o segundo momento, em que o relacionamento que era virtual pode vir a se tornar real, materializando o que ocorria no ciberespaço.

Os problemas comuns tanto ao relacionamento físico como ao virtual, tais como mentiras e até mesmo decepções, são de caráter subjetivo, ou seja, vão depender da forma como o casal lida entre si. O usuário é responsável por suas ações e atitudes na esfera do virtual e, posteriormente, na esfera da realidade.

O conjunto de fenômenos descrito levanta uma polêmica, em relação à qual não nos aprofundaremos nesse momento, a utilização indiscriminada ou diferenciada entre as expressões “mundo virtual” e “mundo digital”.

Nossos comportamentos e hábitos acabam por se alterar em função dessas novas tecnologias. O mais importante é saber que algumas possuem um impacto maior sobre as pessoas do que outras, causando, em certos casos, alterações ainda maiores. Hoje, temos canais de *Streaming* como a *Netflix* e acabamos por ver mais filmes e séries nessa plataforma do que em cinemas ou canais de TV a cabo (a dita TV fechada), temos aplicativos de transporte como *Uber*, *Cabify* que modificam a forma de transporte, ou o próprio *WhatsApp* que fez com que as mensagens de texto e até mesmo as ligações ficassem mais escassas.

Se de um lado entendemos que as tecnologias mudam nossos hábitos e até mesmo nossa forma de agir e de viver em sociedade, do outro ainda não entendemos tão bem como algumas alteram nosso modo de ser.

A sociedade atual tem forte presença da globalização e se utiliza muito da questão da informação e do conhecimento. Essa base está sendo alterada devido às novas tecnologias de informação e comunicação que mudam as relações sociais e até os sistemas políticos.

Hoje, as tecnologias de informação e comunicação (TIC) são os principais canais através dos quais a sociedade se apresenta. Desde o comércio eletrônico até o aprendizado eletrônico, elas estão presentes. Como dito anteriormente, a Internet vem trazendo impactos poderosos em todos os setores da vida e milhares de pessoas sofrem esse choque, até mesmo as que não a utilizam.

Na realidade, os impactos da Internet podem ser divididos em dois tipos principais – a) impactos diretos: aqueles gerados pela interação dos usuários com a rede de computadores ou pela interação entre usuários por meio dela; b) impactos indiretos: aqueles que incidem tanto sobre os usuários da rede quanto sobre homens e

mulheres que podem jamais ter tido qualquer experiência direta com a Internet. Isso porque tanto os primeiros quanto os últimos sofrem os efeitos das profundas alterações introduzidas pela Internet no mercado de trabalho, na circulação do capital, no exercício da cidadania, no acesso à informação, na educação etc. (NICOLACI-DA-COSTA, 2005b, p.72)

Falando de tecnologias de informação e comunicação não podemos deixar de abordar a questão da informação, que é um paradigma muito forte sobre o qual as sociedades que se baseiam no conhecimento e se apoiam. Ele exige uma organização do trabalho que é diferente das anteriores. Hoje, nessa nova organização, é comum haver um elemento virtual em seu cotidiano. Essa interação virtual envolve desde os *e-mails*, aos *chats*, fóruns e diversos outros recursos.

É possível conseguir variados dados, a partir dos mesmos dar um significado para essas transformações e, após isso, tornar possível interpretá-las. Só assim simples dados passam a ser uma informação. Vale destacar, porém, que nem sempre nesse processo ocorre uma construção de conhecimento. Às vezes, a informação não se transforma em um conhecimento. A etapa da construção do conhecimento é uma etapa emancipadora, uma vez que é nela que o homem consegue utilizar as informações e processá-las. A Tabela 1, a seguir, auxilia esse entendimento mostrando a diferença entre dado, informação e conhecimento.

Tabela 1 — Diferença entre dado, informação e conhecimento.

Dado	Informação	Conhecimento
Dados são itens referentes a uma descrição primária de objetos, eventos, atividades e transações que são gravados, classificados e armazenados, mas não chegam a ser organizados de forma a transmitir algum significado específico.	Informação é todo o conjunto de dados organizados de forma a terem sentido e valor para seu destinatário. Este interpreta o significado, tira conclusões e faz deduções a partir deles.	Conhecimento consiste em dados e informações organizados e processados para transmitir compreensão, experiência, aprendizado acumulado e técnica, quando se aplicam a determinado problema ou atividade.

Fonte: SANTOS, 2014, p.45-47

Vale lembrar que utilizamos com muita frequência, embora erradamente a expressão “a tecnologia é neutra”. Estamos nos referindo à retirada do juízo de valor maniqueísta de que ela não é nem boa nem má, que ela sozinha não gera efeito negativo ou positivo. A forma, a quantidade e a qualidade do seu uso é que geram a base para a intensidade de seus efeitos.

Essas tecnologias não estão isoladas de tudo, há contextos histórico, cultural e social que valorizam sua utilização e performance. Isso significa que elas estão sempre imersas em ideologia, pois é ela que determina os modos de aplicação das tecnologias de informação e comunicação.

Castells (1999), em seu livro *A Sociedade em Rede*, nos traz a ideia de um espaço novo, um espaço de fluxos, um espaço que possui organização material das práticas sociais através de fluxos. Os materiais que serviriam para eles são os circuitos de impulsos eletrônicos, através dos nós e centros de comunicação. Ou seja, o espaço onde os fluxos ocorrem é feito pelas redes de computadores. Esse espaço já recebeu outras denominações como, por exemplo, ciberespaço, conceito criado por Pierre Lévy.

Nicolaci-da-Costa (2002) faz uma análise e nos mostra que os impactos das TIC são profundos:

A primeira constatação a que se chega quando se examina o que já foi produzido sobre a Revolução da Internet é a de que a história se repete. Tal como aconteceu antes, as novas formas de organização social (virtual e em rede) e o novo espaço (imaginário, porém vivido como concreto) geraram (e ainda vêm gerando) alterações não somente nos comportamentos, mas também na constituição psíquica dos homens, mulheres e crianças dos nossos dias. (p.197)

A autora ainda propõe três categorias de classificação desses impactos. A primeira, de registros de alterações superficiais de comportamento; a segunda, de relatos de comportamentos vistos como problemáticos, assim como os de conflito gerados pela utilização da Internet e; por fim a terceira, de registros, descrições e análises de transformação que ocorrem na organização subjetiva de homens e mulheres atualmente.

Nicolaci-da-Costa (2002) conclui que os estudos sobre a subjetividade contemporânea mostram que, assim como ocorreu na primeira Revolução Industrial (um longo processo de mudanças que deu origem ao homem do século XX), a Revolução da Internet deu origem a um processo de transformações que ainda está em curso e gerando o homem do século XXI.

Nicolaci-da-Costa, em uma leitura de Castells, nos mostra que para o autor duas foram as Revoluções Industriais.

Castells procura identificar os fatores que transformam o desenvolvimento de uma nova tecnologia em uma revolução tecnológica. Restringindo o escopo de sua análise aos últimos 250 anos, julga ser importante fazer um levantamento dos aspectos invariantes daquelas que vê como as duas Revoluções Industriais: a desencadeada no final do século XVIII pela descoberta da energia a vapor e aquela gerada, na segunda metade do século XIX, pela invenção da energia elétrica. Segundo ele, entre as duas há muitas diferenças que, pelo próprio fato de serem cruciais, ressaltam os aspectos que ambas têm em comum. E são exatamente as características partilhadas por diferentes revoluções geradas por diferentes desenvolvimentos tecnológicos que, a seu ver, oferecem subsídios preciosos para uma compreensão da lógica das revoluções tecnológicas. Entre essas, destacam-se as seguintes: (a) uma transformação tecnológica em aceleração e sem precedentes em comparação com os padrões históricos, (b) a difusão das novas tecnologias por todo o sistema econômico, (c) a penetração dessas mesmas tecnologias em todo o tecido social. Quanto às diferenças, talvez por conta de seu grande interesse na geração de novas tecnologias e nos impactos destas sobre os modos de produção, Castells

aponta explicitamente apenas uma: a de que somente a invenção da energia elétrica se baseou em conhecimentos científicos. (2002, p.194)

O contato direto com a Internet, seus hipertextos, suas comunicações, sua velocidade e agilidade, seus excessos e suas possibilidades de integração e outras diversas características e objetos causam efeitos que vão além do virtual. Nicolaci-da-Costa (2005b) descreve quatorze características do perfil do sujeito do século XXI que está diretamente ligado ao contato com as tecnologias. Embora a citação seja longa, vale a pena conhecer os aspectos destacados pela autora.

- 1- Um sujeito que sente prazer em praticamente tudo o que faz on-line;
- 2- Um sujeito que está disposto a experimentar novas formas de ser;
- 3- Um sujeito multitarefa, que faz diversas coisas ao mesmo tempo;
- 4- Um sujeito que é ágil e está em constante movimento (mesmo quando seu corpo está imóvel);
- 5- Um sujeito que, por meio de sua escrita e não de seu corpo, habita vários espaços (muitas vezes simultaneamente). Nesses espaços – como, por exemplo, os de programas interativos *on-line* como o ICQ, o IRC, e os blogs – ganha acesso a diferentes realidades (culturais, imaginárias, sociais etc.);
- 6- Um sujeito que, nesses espaços, pode se apresentar com identidades e características diferenciadas, ou seja, pode construir diferentes narrativas (verídicas ou não, sinceras ou não, anônimas ou não) a respeito de si mesmo;
- 7- Um sujeito que ganha conhecimento sobre si mesmo e sua singularidade na medida em que escreve sobre si e tem retorno sobre essa escrita;
- 8- Um sujeito que, em decorrência do retorno que recebe a partir do que escreve sobre si próprio, submete as definições de si a um constante processo de revisão;
- 9- Um sujeito que, por se expor a tantos espaços, realidades, experiências e retornos, tem a si mesmo como a única fonte de integração possível dos resultados dessas múltiplas exposições e desses múltiplos retornos;
- 10- Um sujeito que, em consequência dessas múltiplas exposições, múltiplos retornos e integrações possíveis, se submete a um constante processo de definição e redefinição das fronteiras entre as esferas do público e do privado (para a defesa das quais cria novas formas e lança mão de novos recursos);
- 11- Um sujeito que está tendo dificuldades para encontrar fórmulas com que se proteger dos excessos gerados por sua constante mobilidade e exposição à diversidade;
- 12- Um sujeito que, por efetuar, um recorte nas realidades às quais está exposto, torna-se cada vez mais singular e auto referido;
- 13- Um sujeito que é flexível, adaptável, inquieto e ávido de novas experiências;
- 14- Um sujeito que conhece poucos limites para seus desejos.

Além da influência sobre os processos de socialização, a Internet e as tecnologias de informação e comunicação também interferem de forma impactante na construção da subjetividade e sobre as motivações e o desejo. A ausência de contato físico não implica a ausência de contato emocional e cognitivo, ainda que mediados pelo computador.

Sem pensarmos em relação às culturas locais, das quais os jovens são representantes, continuadores e modificadores, a Internet e as TIC favoreceram o avanço da indústria cultural, unificando valores, crenças, e até estilos de vida, e determinando padrões de consumo.

Entretanto, os valores levados pelas mídias convencionais a todos os cantos do mundo e que constituem o que se refere genericamente como cultura global não se limitam ao individualismo, materialismo, hedonismo e consumismo. Também fazem parte dessa cultura global a democracia, direitos humanos, igualdade racial e de gênero, liberdades individuais, como liberdade de orientação sexual, liberdade religiosa, liberdade de escolher parceiros amorosos e carreiras profissionais. (SILVEIRA, 2004, p. 48).

Mas sabemos que nessa sociedade nem tudo é só positivo.

A influência das redes baseadas na Internet vai além do número de seus usuários: diz respeito também à qualidade do uso. Atividades econômicas, sociais, políticas, e culturais essenciais por todo o planeta estão sendo estruturadas pela Internet e em torno dela, como por outras redes de computadores. De fato, ser excluído dessas redes é sofrer uma das formas mais danosas de exclusão em nossa economia e em nossa cultura. (CASTELLS, 2003, p.8)

Nós e todos aqueles que vivem hoje na nossa sociedade estão perdendo as antigas formas de se organizar, viver, se comunicar, comprar, vender. O que achávamos referências do período moderno, que serviam de base para nossa organização enquanto sociedade e para nossa organização psíquica, está deixando de existir e novas formas e bases referenciais estão em construção.

Estamos em uma época de muita liberdade. Podemos falar o que quisermos, nos comunicarmos com praticamente todo mundo, consumismo é desenfreado, porém, estamos também em uma época de muita experimentação. O que importa destacar é que um sujeito novo está surgindo e que ele precisa ser conhecido de forma profunda através de pesquisas e estudos.

2 “SE PODES OLHAR, VÊ. SE PODES VER, REPARA.”¹²

2.1 Fenômenos Psíquicos e Modernidade

Há diversos estudiosos da modernidade. Um deles é Bauman, o idealizador do conceito da obra *Modernidade Líquida* (2003a). O conhecido sociólogo, crítico da modernidade e das suas consequências sobre o homem, criou o termo “modernidade líquida” para designar a condição atual do mundo, em contraste com a “modernidade sólida” que a precedeu. De acordo com Bauman (2003a), a passagem da modernidade sólida para a modernidade líquida criou um ambiente novo e sem precedentes para as atividades da vida individual, confrontando os indivíduos com uma série de desafios nunca enfrentados.

Para o autor, as pessoas desejam interagir, buscam a vivência do afeto, mas não querem se comprometer. É o que ele chama de “amor líquido”, vivenciado em um universo marcado pelos laços fluidos, que não permanecem, não se estreitam, desobedecem à lei da gravidade, ou seja, à ausência de peso. São algumas características da modernidade líquida, segundo Bauman (2003a)

- fragmentação e descontinuidade do conhecimento;
- fragmentação e instabilidade dos discursos;
- redução da experiência ao presente vivido;
- perda de valores e crenças tradicionais;
- perda da temporalidade;
- tudo é fluido/ líquido/efêmero;
- tudo que é sólido se desmancha no ar;
- as mídias compõem esse cenário;
- mundo mediatizado pela circulação da informação, pela conectividade, pelo rompimento das noções de tempo e espaço;
- relações líquidas: amores líquidos;
- capitalismo líquido: o capital não é mais da acumulação, mas do consumo.

Essa vida fragmentada exige que o indivíduo seja flexível e adaptável para estar constantemente pronto e disposto a mudar de tática em curto prazo, abandonar compromissos e lealdades sem arrependimento e buscar oportunidades de acordo com sua disponibilidade

¹² SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Cia. das Letras, 2014, epígrafe.

atual. Entre os sintomas mais comuns desse impacto da pós-modernidade sobre o homem podemos destacar:

- as manifestações no ambiente de trabalho (estresse, síndrome de Burnout, assédio moral);
- depressão;
- suicídio;
- transtorno do pânico;
- ansiedade de informação ou síndrome da fadiga da informação; e
- consumo compulsivo.

Não é de estranhar, então, que comecem a surgir termos como “adiccção à Internet”, “*cyber* patologias”, “computerfobia”, “adiccção sem substância” e diversos outros que indicam um conjunto de distúrbios psicológicos que se relacionam a utilização dos computadores e da *Web*. A Internet e as tecnologias de informação e comunicação (TIC) se tornaram objetos desejados por muitas pessoas, objetos mediadores do amor e do prazer.

A utilização de TIC, enquanto evento estressor, depende da apreciação do usuário, momento em que determina as consequências esperadas. Pode realizar uma avaliação positiva, considerando que sua utilização fará com que o trabalho seja mais interessante e que aprenderá novas habilidades para seus procedimentos de trabalho; ou pode realizar uma avaliação negativa, temendo perder o emprego ou que não terá habilidades necessárias para sua utilização (CARLOTTO, 2011, p.53).

O intuito não é dissertar sobre todos os males causados pelas TIC, sequer sobre todos os aspectos positivos. O objetivo é elencar alguns distúrbios e patologias e apresentar o que são e o que podem vir a acarretar ao ser humano nessa modernidade líquida. É importante tratar desses impactos, pois são fundamentais para o entendimento do ser humano desse novo século.

2.1.1 Transtorno de adiccção à Internet

A existência do transtorno de adiccção à Internet (TAI) é algo ainda polêmico. A Internet, além de ter seus fatores positivos, também pode assumir singularidades contraproducentes. Uma delas seria a existência dos “netdependentes”, ou seja, pessoas que utilizam a Internet de forma excessiva, acarretando prejuízos às vidas pessoal e profissional. Essa perda de controle se dá através de um conjunto de sintomas emocionais, cognitivos e fisiológicos. Oliveira (2006) nos mostra como isso pode ocorrer e como são os ciclos:

Por exemplo, em vez do ciclo que podemos considerar “normal” quando surge um novo recurso tecnológico na rede: interesse inicial mais intenso, domínio progressivo do recurso citado e estabilidade, com a inclusão do mesmo nas ferramentas de interação já conhecidas, o dependente da Internet desenvolve atitudes obsessivas, que podem levar à perda de sono e de apetite, à levitação de relacionamentos e ao abandono das atividades cotidianas e das tarefas profissionais, buscando dominar este novo recurso. (p.52)

Para alguns, o TAI pode ser considerado um Transtorno de Personalidade Ansiosa, podendo ser, portanto, incluído nessa categoria. Os sintomas mais importantes do TAI são:

- preocupação intensa com a Internet;
- necessidade de usar Internet durante cada vez mais tempo;
- esforço malsucedido para controlar, reduzir ou deter o uso da Internet;
- inquietação, mau humor, depressão ou irritação quando tenta reduzir ou parar com o uso da Internet;
- conexão durante mais tempo do que havia sido planejado originalmente;
- perda de relações pessoais significativas;
- uso de mentiras para ocultar a extensão do uso da Internet;
- utilização da Internet como uma maneira de evadir-se dos problemas.

Algumas consequências desses sintomas são:

- mudanças drásticas nos hábitos de vida a fim de ter mais tempo para conectar-se;
- diminuição generalizada da atividade física;
- descaso com a própria saúde em consequência da atividade na Internet;
- afastamento de atividades importantes para dispor de mais tempo para permanecer conectado;
- privação ou importantes mudanças do sono com o objetivo de dispor de mais tempo para permanecer conectado;
- negligência a respeito da atenção à família e aos amigos.

2.1.2 Tecnoestresse

Outra “doença” característica da nossa sociedade atual é o tecnoestresse. Ele é causado principalmente pela profunda inserção de tecnologias no ambiente de trabalho, fazendo com que os funcionários (trabalhadores) se tornem mais propensos aos estresses ligados às tecnologias. O conceito de tecnoestresse foi formulado pelo psicólogo americano Larry Rosen, uma autoridade mundial em estudos sobre a relação entre o homem e a tecnologia.

Em entrevista à Revista *Veja* (edição 1674 de 08/11/2000), “Tecnologia cansa”¹³, Rosen comentou alguns pontos de como a tecnologia pode impactar as pessoas:

A velocidade da tecnologia está alterando nosso relógio biológico. As pessoas querem fazer tudo na velocidade do computador, querem que tudo se resolva num piscar de olhos. A consequência é que eles estão se programando para correr cada vez mais. Estão vivendo um constante estado de alerta. E isso gera nervosismo, ansiedade. O elevador demora e as pessoas já se irritam. Tecnologia está invadindo nossos limites por todos os lados. As pessoas estão mais impacientes do que nunca. Você começa a ver isso nas crianças. [...] dependência da tecnologia significa que você não pode viver sem ela. Uma pessoa que fica nervosa por que não tem acesso à tecnologia, ou que não se lembra de como fazia suas atividades antigamente, certamente sofre de tecnose. Não podemos esquecer que a tecnologia falha, às vezes. Aí você começa a ver pessoas entrando em crise porque o microondas estragou ou o computador pifou. Eu conheço pessoas que se viciaram tanto em tecnologia que passaram a levar uma vida fora do normal. Elas não sabem o que é relaxar, sair em férias, tirar um dia de folga. Ficam totalmente perdidas. E, acredite, isso está se tornando cada vez mais comum. As máquinas estão ditando as regras. Guardadas as devidas proporções, é como nos filmes de ficção científica: elas estão nos controlando! (p.14)

Carlotto (2011) realizou uma pesquisa que utilizou como instrumento a Escala de Tecnoestresse (Red/Tic). “A Escala de Tecnoestresse – RED/TIC avalia o tecnoestresse a partir de um modelo teórico de quatro dimensões: fadiga, ansiedade, descrença e ineficácia” (CARLOTTO, CÂMARA, 2010) e nos traz que seu conceito está diretamente relacionado aos efeitos psicossociais negativos do uso de TIC:

Segundo Weil e Rosen (1997), trata-se de qualquer impacto negativo, no tocante às atitudes, pensamentos, comportamentos ou fisiologia, causado direta ou indiretamente pela utilização de tecnologia. Mais recentemente, Salanova (2003) o caracterizou como um estado psicológico negativo relacionado com o uso de TIC, sendo este condicionado pela percepção de um desajuste entre demandas e recursos inerentes ao uso de TIC, que conduz a um alto nível de ativação psicofisiológica não prazerosa, dessa maneira, promovendo o desenvolvimento de atitudes negativas frente às TICs. (CARLOTTO, 2011, p.53)

2.1.3 Excesso de informação: a neurose do século XXI

A tendência que temos atualmente de abarcar todos os assuntos graças à maior facilidade de acesso, sejam eles os mais distintos possíveis, é uma pauta de discussão em diversas áreas do conhecimento. Muitas pessoas dedicam tempo e esforço para tentar entender essa chamada “explosão informacional”. Uma delas é Ryon Braga. Para o autor, o excesso de informação é a neurose do século XXI.

Chegou o fim de semana. Terei para ler três imensos jornais de domingo e uma pilha de revistas de marketing, de management, de publicidade, de informática, de

¹³ Disponível em: <<https://acervo.veja.abril.com.br/#/edition/32849?page=10§ion=1>>.

variedades e de educação, além de todo o clipping do setor educacional, acumulado durante a semana. Trouxe para casa cinco livros novos que comprei esta semana, para se juntar às dezenas de outros livros que estão, há meses, na fila de espera para serem lidos. Passei na locadora e aluguei dois filmes imperdíveis, que todos já viram, menos eu.

Além disso, pretendo colocar em dia os mais de 100 e-mails atrasados, que estão aguardando resposta. Tem ainda uma festa de aniversário da família para ir, os slides de duas palestras para preparar e um espetáculo teatral excelente que, é claro, já está nos últimos dias na cidade.

Este é um típico final de semana em minha vida, mas, tenho certeza, soa familiar à grande parte das pessoas que estão lendo este artigo. Ele faz parte dos “efeitos colaterais” da chamada Era da Informação – uma era em que a quantidade de informação disponível e acessível pegou a todos nós de surpresa. Não estávamos preparados para ela. Antes, as pessoas não sabiam que não sabiam. Agora, sabem que não sabem, e isso, num mundo competitivo e predatório, gera uma sensação de frustração e incapacidade que, aos poucos, vai se transformando em uma ansiedade cada vez maior. (BRAGA, 2012, s.p.).

As pessoas, com medo de ficarem desatualizadas a respeito do que acontece e na busca de acompanhar a situação da sociedade, das pessoas e do mundo, acabam por desenvolver sentimentos de ansiedade e de frustração. Essas informações às vezes não são sequer notícias, mas sim o que o outro indivíduo está fazendo e o que ele está curtindo, expressão comumente usada em relação a gostar ou não gostar de uma matéria disponibilizada na internet, por exemplo.

2.1.4 Normose informacional

O conceito é explicitado por Pierre Weil (2000), em seu artigo “A Normose Informacional”.

(...) é o resultado de um conjunto de crenças, opiniões, atitudes e comportamentos considerados normais, logo em torno dos quais existe um consenso de normalidade, mas que apresentam consequências patológicas e/ou letais. Alguns exemplos de normoses: usos alimentares como o açúcar, o uso de agrotóxicos e inseticidas, o consumo de drogas como o cigarro ou o álcool, o paradigma newtoniano cartesiano e a fantasia dualista sujeito-objeto em ciência, o consumismo associado à destruição da vida no planeta. (p. 62)

O autor utiliza dos termos “cibernose” e “informatose” para melhor caracterizar a normose informacional. A cibernose se refere a “(...) situações de perturbação de comunicações, com efeitos patogênicos sobre o sistema nervoso, ou funções mentais, causados na sua maioria pelo uso de aparelhos cibernéticos” (Ibid., p.62).

Segundo Weil, há três grandes consequências da cibernose:

1- o desequilíbrio dos hemisférios cerebrais com pequena estimulação da criatividade, ligada ao hemisfério cerebral direito;

2- a atrofia da função numérica da mente humana com a perda da capacidade de executar cálculos mentais simples; e

3- as frustrações nas comunicações e relações humanas com perda de liberdade causada pelo uso das TIC.

O autor ressalta que todas as patologias não podem ser atribuídas diretamente à informática e à tecnologia, mas sim ao modo como as utilizamos. E conclui que os internautas se encontram:

(...) constantemente na situação de depararem com milhares de indicações, referências e informações diversas a respeito de cada assunto que estão pesquisando. Eles ficam com a constante ilusão de que podem tudo conhecer. Ficam então noites a fio pesquisando, em um ambiente bem parecido a de jogadores de cassino que nunca perdem a esperança de ganhar e que praticamente nunca ganham. Esta fome de saber já existia no tempo de Simone de Beauvoir a respeito dos livros. No fim da vida, ela chegou à conclusão de que não podemos tudo saber... O problema é que os internautas arriscam esgotar as suas reservas energéticas em apostas infernais. Por trás deste comportamento estão emoções destrutivas, mais particularmente o apego. (Ibid., p.62).

2.1.5 Ansiedade e fadiga de informação

A ansiedade pode ser caracterizada como um desconforto que as pessoas experimentam frente a uma situação de perigo presente e que faz com que se preparem para uma possível redução ou prevenção da ocorrência. Por vezes, ocorre como uma sensação de apreensão quanto a algum perigo futuro bem descrito. Ela pode ser também um processo passageiro, uma característica da personalidade de determinada pessoa ou até mesmo um estado emocional.

Neiva (2010) nos mostra como a diferenciação dos componentes da ansiedade é bastante ampla e, para tal, traz a concepção de alguns autores. Entre eles Buss (1966) e Varela (2002). Buss (1966) distinguiu quatro sistemas compondo a ansiedade:

1- **somático:** suor, secura da boca, respiração leve, dores de cabeça, sensação de fraqueza, palpitação cardíaca e mau funcionamento intestinal;

2- **afetivo:** agitação, pânico, depressão e irritabilidade;

3- **cognitivo:** inquietude, receio, desatenção, distração, esquecimento e pesadelos; e

4- **motor:** tensão muscular. tremores, calafrios, reações de alarme.

Para Varela (2002), a ansiedade pode manifestar-se em três campos:

1- **fisiológico:** dores, tremores, contraturas, tensão, calafrios, adormecimento;

2- **cognitivo:** nervosismo, apreensão, insegurança, dificuldade de concentração, sensação de estranheza, preocupação, antecipação catastrófica; e

3- **comportamental:** fuga e esquivas, hipervigilância, insônia.

Em relação à ansiedade de informação propriamente dita, há várias situações gerais que costumam provocá-la, como: não compreender a informação; sentir-se assoberbado por seu volume; não saber se uma informação existe; não saber onde encontrá-la; e saber exatamente onde encontrá-la, mas não ter a chave de acesso.

Por fim, falemos da fadiga de informação. Estudos apontam que está surgindo um novo tipo de distúrbio que foi chamado de “fadiga da informação”. É um problema que advém da exposição excessiva e sem controle a fontes de informação, no qual o conteúdo é muito superior à capacidade de assimilação dos usuários de sistemas de informação como a Internet, por exemplo.

Entre os sintomas da doença, apontam-se a paralisia da capacidade analítica, o aumento das ansiedades e das dúvidas, a inclinação para decisões equivocadas e até levianas. Nada avançou tanto no mundo como as comunicações. (...) É claro que esse processo não vai estancar e muito menos regredir. A informação não poderia estar à margem do mercado competitivo. Não há dúvida, porém, de que precisamos aprender a filtrá-la, a ajustá-la ao nosso metabolismo de público-alvo. A eletrônica e a informática estão a nosso serviço, mas não substituem as limitações orgânicas, cerebrais e emocionais do homem. A informação nos faz também sentir as dores do mundo, onde quer que ocorram, sob a forma de calamidades, tragédias, adversidades coletivas ou individuais. Ou buscamos um equilibrado "modus vivendi" com as pressões da prodigiosa tecnologia da comunicação, ou o feitiço virará contra o feiticeiro. O oxigênio da informação, sem o qual no passado recente não conseguiríamos respirar, terá de ser bem inalado para não nos ameaçar com a asfixia, o estresse, as neuroses e, quem sabe, o infarto. (MARZAGÃO, 1996, s.p.)

Tabela 2 — Definição de ansiedade e fadiga de informação.

Ansiedade de Informação	Fadiga de Informação
<p>Informação pode gerar ansiedade devido ao sempre crescente abismo entre o que compreendemos e o que achamos que devíamos compreender. É o buraco negro entre dados e conhecimento, que ocorre quando a informação não nos diz o que queremos, ou precisamos saber".</p>	<p>Incapacidade para lidar com todo o volume de informações que recebemos, não somente causa distúrbios psicológicos, mas também pode ter impacto significativo na saúde e nos negócios.</p>

2.1.6 Real x virtual?

Para iniciar essa discussão, destacamos uma citação de Pierre Lévy (1996), mostrando o virtual:

Seres humanos, pessoas daqui e de toda parte, vocês que são arrastados no grande movimento da desterritorialização, vocês que são enxertados no hiper corpo da humanidade e cuja pulsação ecoa as gigantescas pulsações deste hiper corpo, vocês

que pensam reunidos e dispersos entre o hipercórtex das nações, vocês que vivem capturados, esquarterados, nesse imenso acontecimento do mundo que não cessa de voltar a si e de recriar-se, vocês que são jogados vivos no virtual, vocês que são pegos nesse enorme salto que nossa espécie efetua em direção à nascente do fluxo do ser, sim, no núcleo mesmo desse estranho turbilhão, vocês estão em sua casa. Bem-vindos à nova morada do gênero humano. Bem-vindos aos caminhos do virtual! (p.150)

Vale ressaltar que Pierre Lévy se opõe à atribuição de significado à palavra “virtual” para designar o que não existe ou é ilusório.

Consideremos, para começar, a oposição fácil e enganosa entre real e virtual. No uso corrente, a palavra virtual é empregada com frequência para significar a pura e simples ausência de existência, a “realidade” supondo uma efetuação material, uma presença tangível. O real seria da ordem do “tenho”, enquanto o virtual seria da ordem do “terás”, ou da ilusão. (LÉVY, 1996, p.15)

Podemos considerar que o uso do termo “digital” talvez possa dar conta dessa polêmica.

É necessário lembrar que por vezes entendemos virtualidade como sendo uma contraposição à realidade. Essa polarização representa um forte indicador de uma corrente incompreensão do que significam ambas as concepções e, também, fonte para a insurgência de um pensamento simplista sobre os fenômenos da virtualização. Isso porque, se entendemos o virtual como uma antítese do real, ele tem apenas uma função de imaginário, ilusório.

Sherry Turkle (1999) ao falar sobre as fronteiras entre o real e o virtual, em entrevista, nos mostra que:

(...) se comete um erro grave ao falar-se em vida real e em vida virtual, como se uma fosse real e a outra não. Na medida em que as pessoas passam tempo em lugares virtuais, acontece uma pressão, uma espécie de expressão do desejo humano de tornar mais permeáveis as fronteiras do real e do virtual. Em outros termos, creio que enquanto os especialistas continuam a falar do real e do virtual, as pessoas constroem uma vida na qual as fronteiras são cada vez mais permeáveis. Assim, não gosto de falar do real e do virtual, mas antes do virtual e do resto da vida. Não V-R, Vida Real, mas R-V, Resto da Vida, pois se as pessoas gastam tanto tempo e energia emocional no virtual por que falar do material como se fosse o único real? Enquanto a maioria das pessoas parece querer separar o virtual do real, R-V, não faço essa distinção. Prefiro, insisto, referir-me ao virtual e ao resto da vida, R-V, para evitar o emprego da palavra “real”. Penso que, cada vez mais, há menos necessidade de usar uma oposição tão categórica. No futuro, as fronteiras permeáveis serão as mais interessantes para estudar e compreender. As pessoas sempre terão necessidade da “imediatez” do contato humano, sempre terão vontade de discutir em torno de uma xícara de chá, de ver onde o outro mora, fisicamente, com o corpo. (p.118)

Porém, sabemos que é necessário tomarmos medidas para que nem todos sofram dessas questões. Weil (2000), em artigo já citado anteriormente, sugere dois planos de ação pretendendo uma saída para esses problemas que podem advir do uso excessivo das TIC: o

educacional e o terapêutico. Sobre o primeiro plano, o educacional, que é o que mais nos interessa, diz Weil (2000):

O educacional, de natureza preventiva, consistirá em incluir, nos programas escolares, noções sobre os benefícios e perigos da informática e das tecnologias em geral, alertando sobre os diferentes aspectos assinalados anteriormente, da informatose, da cibernose e da normose tecnológica. Para adultos, campanhas de ética no uso das tecnologias se revelam bem eficientes. O exemplo do caso da normose do cigarro é bastante eloquente. (p. 68)

Além da influência sobre os processos de socialização, a Internet e as tecnologias de informação e comunicação também interferem de forma impactante na construção da identidade, sobre as motivações e o desejo. A ausência de contato físico não implica a ausência de contato emocional e cognitivo, ainda que mediados pelo computador.

Sem pensarmos em relação às culturas locais, das quais os jovens são representantes, continuadores e modificadores, a Internet e as TIC favoreceram o avanço da indústria cultural, unificando valores, crenças e até estilos de vida e determinando padrões de consumo.

2.2 Perspectivas Positivas e a Crítica em relação ao Uso das TIC

É importante também tratarmos de algumas perspectivas positivas em relação ao uso das tecnologias, mas sempre dando atenção a uma teoria crítica da mesma.

Para começar, tratemos de Pierre Lévy e da sua oposição à atribuição do significado à palavra “virtual” para designar o que não existe ou é ilusório. Já tratamos um pouco dessa questão quando discutimos o real x virtual (seção 2.6.1), mas aprofundaremos um pouco mais.

A palavra virtual vem do latim medieval *virtualis*, derivado por sua vez de *virtus*, força, potência. Na filosofia escolástica, é virtual o que existe em potência e não em ato. O virtual tende a atualizar-se, sem ter passado, no entanto, à concretização efetiva ou formal. A árvore está virtualmente na semente. (LÉVY, 1996, p.16)

O autor aborda vários significados das palavras que vão do seu sentido comum, como falso, irreal e imaginário, ao seu sentido virtual (em sentido tecnológico) como uma ilusão de interação.

Para o autor, o mundo virtual é um sentido amplo, é um espaço de possíveis e diversos calculáveis que se tem a partir de um modelo digital. Quando interage com o mundo virtual, o usuário pode explorar e pode atualizá-lo ao mesmo tempo.

Quando as interações podem enriquecer ou modificar o modelo, o mundo virtual torna-se um vetor de inteligência e criação coletivas. Computadores e redes de

computadores surgem, então, como a infraestrutura física do novo universo informacional da virtualidade. Quanto mais se disseminam, quanto maior sua potência de cálculo, capacidade de memória e de transmissão, mais os mundos virtuais irão multiplicar-se em quantidade e desenvolver-se em variedade. (LÉVY,1999, p.75)

Para Lévy, há três tipos de virtualizações que são importantes na história da humanidade, são elas:

1- **a linguagem:** que abstrai o presente e faz com que o homem possa contar histórias, fazer planos;

2- **a técnica:** que materializa as ações e os movimentos graças, por exemplo, à criação de ferramentas; e

3- **o contrato:** que virtualiza a violência, normatiza a sociedade e dá permissão para a criação de leis que regulam as relações entre as pessoas.

2.2.1 Ciberespaço

O termo ciberespaço, outro conceito muito importante, foi criado por Willian Gibson em sua obra *Neuromancer*, publicada em 1984. Em seu texto, Gibson conceitua o ciberespaço sendo:

Uma alucinação consensual vivida diariamente por bilhões de operadores autorizados, em todas as nações, por crianças aprendendo altos conceitos matemáticos. Uma representação gráfica de dados abstraídos dos bancos de dados de todos os computadores do sistema humano. Uma complexidade impensável. Linhas de luz abrangendo o não-espaço da mente; nebulosas e constelações infundáveis de dados. Como marés de luzes da cidade. (2003, p.67)

Para Lévy (1999), esse conceito é fundamental e tem as seguintes definições:

- Um espaço de comunicação que é aberto pela interconexão mundial de computadores e das memórias dos computadores.

- Um espaço que inclui o conjunto dos sistemas de eletrônicos de comunicação, pelo fato de que eles transmitem informações que vêm de fontes digitais ou são destinadas à digitalização.

- É um termo que especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também dá conta do universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse espaço.

Pierre Lévy (1999) também fala sobre os princípios que esse ciberespaço possui, que para ele são três (p.127-132):

1º- Interconexão generalizada:

É o que impulsiona o crescimento do ciberespaço, ele emerge como uma nova forma universal que conecta graças ao contato e à interação. Essa generalização exige que se participe desse novo espaço que liga qualquer ser humano a outro. Ele permite a comunicação das comunidades, faz com que cada um envie mensagens e as receba de quem estiver envolvido ou de quem queira ver.

2º- Criação de comunidades virtuais:

Nas palavras do próprio autor é a

(...) expressão da aspiração de construção de um laço social, que não seria fundado nem sobre links territoriais, nem sobre relações institucionais, nem sobre relações de poder, mas sobre a reunião em torno de centros de interesses comuns, sobre o jogo, sobre o compartilhamento do saber, sobre a aprendizagem cooperativa, sobre processos abertos de colaboração. O apetite para as comunidades virtuais encontra um ideal de relação humana desterritorializada, transversal, livre. As comunidades virtuais são os motores, os atores, a vida diversa e surpreendente do universal por contato. (LÉVY, 1999, p.130).

3º- Inteligência coletiva:

É “distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências” (LÉVY, 2003, p. 28).

O crescimento do ciberespaço fez com que surgisse outro conceito para Lévy, o de cibercultura. Se levarmos em consideração o sentido etimológico da palavra, temos que a palavra cibercultura vem do prefixo *ciber* com junção de cultura. Cultura pode ser entendida como um sistema de ideias, técnicas e artefatos, padrões de comportamento. E *ciber* vem de cibernética. Ao falar da cibercultura, o autor afirma, sobre o seu surgimento, que

(...) o crescimento do ciberespaço resulta de um movimento internacional de jovens ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas nos propõem. Em segundo lugar, que estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação, e cabe apenas a nós explorar as potencialidades mais positivas deste espaço nos planos econômico, político, cultural e humano. (LÉVY, 1999, p.11)

2.2.2 Tecnologias da inteligência e inteligência coletiva

De acordo com Lévy (1993), uma sucessão de diferentes tecnologias vem surgindo na história e a cada uma delas corresponde a mudanças profundas que ocorrem na vida cotidiana e na subjetividade das pessoas. Um exemplo disso foi que a escrita superou a oralidade, ou seja, em uma época o predomínio era da oralidade, após o advento da escrita ela se tornou

mais utilizada que a oralidade e modificou formas de comunicação, de trabalho e diversas outras. Isso vale para a informática que, quando surgiu, alterou tudo de maneira radical e potencializou inteligências, instituições.

Essas tecnologias de inteligência têm representação principalmente nas linguagens, nos signos, nos recursos e nos instrumentos. Possuem forte potencial de democratizar o acesso ao conhecimento, agitando o binômio poder/conhecimento.

Pierre Lévy pode ser considerado um otimista em relação à utilização das tecnologias e, principalmente, aos seus impactos na sociedade. Ele nos mostra a apropriação da técnica e da tecnologia tendo como fim a emancipação do homem e o compartilhamento de conhecimento de forma solidária entre todos.

A inteligência coletiva seria, desse modo, uma nova forma de se pensar sustentável, graças a conexões sociais que são feitas e que se tornam possíveis graças à utilização das redes de computação abertas. É uma das maneiras que o homem possui de compartilhar conhecimentos com os outros, utilizando a Internet e outras tecnologias.

Para Lévy (2003), a inteligência coletiva pode ser dividida em inteligência técnica, conceitual e emocional: a primeira (inteligência técnica) é a inteligência que trabalha com o mundo concreto e o mundo dos objetos; a segunda (conceitual) é a inteligência que está ligada ao conhecimento abstrato e que não incide sobre a matéria física; e a terceira (emocional) é a inteligência que representa a relação que se tem entre os humanos e parte emotiva, passional e de confiança que se envolve.

Na sociedade atual as ideias seriam o capital mais importante, e esse capital só poderia ser adquirido quando as pessoas pensassem em conjunto. Para isso ocorrer, são necessários três tipos de capitais:

- **capital técnico:** que dá suporte estrutural à construção das ideias;
- **capital cultural:** que é mais abstrato, representado pelo conhecimento; e
- **capital social:** que corresponde ao vínculo entre as pessoas e ao grau de cooperação entre elas.

O capital técnico dá base às condições necessárias para haver uma disseminação dos capitais cultural e social que criarão o capital intelectual. Logo, todas as ideias inventadas e criadas pela população, uma vez expostas, passam a ser de todos. E é esse capital o núcleo da inteligência coletiva.

A teoria do autor pode ser resumida na sua chamada “ecologia das ideias”.

Se as pessoas (não) ajudam a reprodução de conhecimento, este lhe será totalmente (des)favorável. De outro modo, se as ideias (des)favoráveis são mantidas e

disseminadas, a população (não) se reproduz. O papel da Internet é fundamental para o funcionamento desse sistema. O ciberespaço é a principal fonte para a criação coletiva de ideias, de forma que elas sejam usadas para o bem de todos, através da cooperação intelectual. (PERRET 2002, s.p.)

Essas teorias levantam questões sobre os movimentos sociológicos técnico e cultural em que a sociedade se insere, uma vez que culturas nacionais tendem a se fundir com culturas globalizadas e cibernéticas.

Computadores controlam o tráfego aéreo, as redes ferroviárias, os voos espaciais, pilotam uma multidão de máquinas variadas. Controlam a distribuição da eletricidade, do calor, da água, comandam o funcionamento dos robôs, das máquinas-ferramentas e das linhas de produção. Programas organizam o trânsito urbano e regem as comutações das redes telefônicas. Desde a vigilância interna dos prédios até a condução do funcionamento das centrais nucleares, por toda a parte os computadores coordenam, harmonizam, guiam, regulam e administram as redes, os processos e complexos técnicos sobre os quais o tecnocosmo se apoia. O acesso direto às coisas se afasta em mais um grau. (LÉVY,1998, p.17)

2.2.3 A sociedade em rede

Para falar de sociedade em rede, vamos retornar a Manuel Castells, já citado no presente trabalho em seções anteriores (seções 1.1, 1.3 e 2.6), quando discorreremos sobre o conceito de identidade, as questões da Internet e o homem e do real *versus* virtual. “Sociedade em rede” é um de seus principais conceitos e nesta seção vamos desenvolvê-lo, começando pelo conceito de “redes”:

Redes são estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação (por exemplo, valores ou objetivos de desempenho). Uma estrutura social com base em redes é um sistema aberto altamente dinâmico suscetível de inovação sem ameaças ao seu equilíbrio. Redes são instrumentos apropriados para a economia capitalista baseada na inovação, globalização e concentração descentralizada; para o trabalho, trabalhadores e empresas voltadas para a flexibilidade e a adaptabilidade; para uma cultura de desconstrução e reconstrução contínuas; para uma política destinada ao processamento instantâneo de novos valores e humores públicos; e para uma organização social que vise à suplantação do espaço e a invalidação do tempo. (CASTELLS, 1999, p.498-499)

A sociedade em rede seria, assim, uma sociedade na qual a tecnologia se faz mais presente, permitindo que a conexão cada vez cresça e apareça mais. Esses impactos modificam, assim, a base material e a transformam em ritmo acelerado.

Nessa sociedade, a sociabilidade acaba por assumir uma dimensão virtual, uma vez que as TIC ultrapassam as questões do espaço e do tempo. Nesse mundo torna-se cada vez mais difícil uma pessoa pensar sozinha ou até mesmo agir sozinha. Essa nova configuração exige dos seres humanos uma nova visão de mundo.

Segundo o autor,

(...) é uma estrutura social baseada em redes operadas por tecnologias de computação e informação, fundamentadas na microeletrônica e em redes digitais de computadores que geram, processam e distribuem informação a partir de conhecimento acumulado nos nós dessas redes. (CASTELLS, 2003, p.20)

A Tabela 3 apresenta os atributos e as características da sociedade em rede.

Tabela 3 — Atributos e características da sociedade em rede.¹⁴

Atributos	Características
Flexibilidade	Criadas pelos atores que a constituem. Construção–desconstrução permanente.
Horizontalidade	Descentralizadas, quase sem hierarquia.
Interconexão	Fluxo multidirecionais de informações.
Articulação	Possibilitam ações coletivas.
Multiplicação	Potencializam forças isoladas e dispersas.
Intercâmbio	Fundamentam-se em valores compartilhados.

A sociedade em rede surge das TIC, da crise econômica a que o capitalismo sobreviveu graças à integração de espírito e práticas de informacionalismo nas novas formas de produção que trouxeram consigo inovações, de competitividades que foram estimuladas pela globalização e pelo aparecimento de novos movimentos socioculturais. Tal sociedade apresenta como características ser uma nova estrutura social (em rede), ter uma nova economia (informacional e global) e ter uma nova cultura (uma virtualidade do real).

2.2.4 Informacionalismo

Este é outro conceito importante para o Castells (2000):

A crise dos modelos de desenvolvimento econômico tanto do capitalismo como do estatismo motivaram sua reestruturação paralela a partir de meados dos anos 70. Nas economias capitalistas, empresas e governos estabeleceram várias medidas e políticas que, em conjunto, levaram a uma nova forma de capitalismo. Suas características são a globalização das principais atividades econômicas, flexibilidade organizacional e maior poder para o patronato em suas relações com os trabalhadores. Pressões competitivas, flexibilidade de trabalho e enfraquecimento de mão-de-obra sindicalizada levaram à redução de despesas com o Estado do bem-estar social, alicerce do contrato social na era industrial. As novas tecnologias da informação desempenharam papel decisivo ao facilitarem o surgimento desse capitalismo flexível e rejuvenescido, proporcionando ferramentas para a formação de redes, comunicação à distância, armazenamento/processamento de informação,

¹⁴ Retirado de <http://silveiraneto.net/downloads/Slivre_Fortaleza.pdf>

individualização coordenada do trabalho e concentração e descentralização simultâneas do processo decisório. (CASTELLS, 2000, p.411)

Durante os anos 1990 houve um grande movimento em prol das privatizações e do desmantelamento dos contratos entre capital e trabalho, sintomas neoliberais. Essas reformas projetavam:

- o aprofundamento da lógica capitalista na busca de lucro na relação capital/trabalho;
- criar uma maneira de aumentar a produtividade do trabalho e do capital;
- a globalização da produção para se realizar lucro em todos os lugares; e
- ter o apoio do Estado direcionado para os ganhos através da produtividade e da competitividade das economias nacionais, contrariando a proteção social.

Para que isso ocorresse foram de extrema importância a inovação tecnológica e a transformação das organizações, a fim de uma reestruturação do sistema capitalismo. Temos com isso que o informacionalismo está ligado à transformação do capitalismo e à sua expansão. Essa nova estrutura gera derrotas políticas das organizações dos trabalhadores nos diferentes países capitalistas e, em outros países, uma difícil aceitação de disciplina econômica comum.

De acordo com Castells (1999), o informacionalismo surge de um declínio do industrialismo e se dá graças a três revoluções:

1- **A revolução sociocultural**, como por exemplo, movimentos feministas, ambientalistas, de direitos humanos, de justiça étnica, de igualdade social, de participação democrática.

2- **A revolução econômica**, como por exemplo, alterações associadas à globalização: privatizações, megafusões, fundos competitivos, flexibilidade laboral.

3- **A revolução tecnológica**, como por exemplo, tecnologias e mudança social, paradigma informacional, sociedade em rede.

(...) o crescimento da produtividade com base em redes e a globalização com base em redes – são liderados por um setor específico: o setor da tecnologia da informação, cada vez mais organizado ao redor da Internet, como fonte de novas tecnologias e know-how administrativo para toda a economia, e o setor financeiro como força motriz da formação de um mercado financeiro global eletronicamente conectado, a fonte suprema dos investimentos e da geração de valor para toda a economia. (CASTELLS, 1999, p.202)

Para o autor, as tecnologias assumem um papel de importância em todos os segmentos da sociedade, permitem o entendimento de uma nova estrutura social e, em consequência disso, o entendimento de uma nova economia, na qual a tecnologia de informação é

considerada ferramenta indispensável para se manipular as informações e construir conhecimento através das pessoas.

O informacionalismo possui algumas características, entre elas destacamos, a seguir, cinco:

- A informação é a sua matéria-prima: há uma relação simbiótica entre a tecnologia e a informação, uma complementa a outra, questão que diferencia esta nova era das revoluções anteriores, quando era dada proeminência a um aspecto em detrimento de outro.
- Capacidade de penetração dos efeitos das novas tecnologias: é o poder de influência que os meios tecnológicos exercem na vida social, econômica e política da sociedade.
- Lógica de redes: característica principal deste novo modelo de sociedade que facilita a interação entre as pessoas e pode ser implementada em todos os tipos de processos e organizações devido às recentes tecnologias da informação.
- Flexibilidade: característica que se refere ao poder de reconfigurar, alterar e reorganizar as informações.
- Convergência de tecnologias específicas para um sistema altamente integrado: é um contínuo processo de convergência entre os diversos campos tecnológicos, resultado da sua lógica comum de produção da informação, no qual todos os utilizadores podem contribuir, exercendo um papel ativo na produção deste conhecimento.

2.2.5 A galáxia da Internet

Castells (2003) inicia a sua obra chamada *A galáxia da Internet* relembrando seis eventos que tiveram importância na criação da Internet:

- 1- Cooperação que foi característica do comportamento estabelecido entre pesquisadores, estudantes e profissionais da computação no fim da década de 1960 e início da década de 1970 e que deu a base do que hoje permite a comunicação global a qualquer tempo e em qualquer espaço.
- 2- Combinação entre ciência, pesquisa militar e a cultura libertária da época.
- 3- Desenvolvimento de inovação tecnológica nos *campi* universitários, impulsionada pelo simples prazer do descobrimento.
- 4- Arquitetura aberta dos protocolos de comunicação.
- 5- Evolução autônoma da Rede a partir da produção e do uso das ferramentas não só por técnicos, mas pelos próprios usuários.

6- Governo da Internet, que não se deixou sucumbir ao governo americano nem a uma estrutura descentralizada, mas a uma estabilidade que a caracteriza, acima de tudo, como criação cultural.

Nesse livro, o próprio Castells (2003) questiona:

A emergência da Internet, como um novo meio de comunicação esteve associada a afirmações conflitantes sobre a ascensão de novos padrões de interação social. Por um lado, a formação de comunidades virtuais, baseadas sobretudo em comunicação on-line, foi interpretada como a culminação de um processo histórico de desvinculação entre localidade e sociabilidade na formação da comunidade: novos padrões seletivos de relações sociais substituem as formas de interação humana territorialmente limitadas. Por outro lado, críticos da Internet, e reportagens da mídia, por vezes baseando-se em estudos de pesquisadores acadêmicos, sustentam que a difusão da Internet está conduzindo ao isolamento social, a um colapso da comunicação social e da vida familiar, na medida em que indivíduos, sem face, praticam uma sociabilidade aleatória, abandonando ao mesmo tempo interações face a face em ambientes reais. (p.98)

Para o autor, a cultura da Internet nasceu da interação entre ciência, pesquisa universitária, pesquisa militar e contracultura libertária.

(...) é uma cultura feita de uma crença tecnocrática no progresso dos seres humanos através da tecnologia, levado a cabo por comunidades de hackers que prosperam na criatividade tecnológica livre e aberta, incrustada em redes virtuais que pretendem reinventar a sociedade, e materializada por empresários movidos a dinheiro na nova economia. (Ibid., p.59)

No segundo capítulo do livro *A Galáxia da Internet*, são apresentadas e discutidas as culturas fundadoras da Internet. Escolhemos três para desenvolver neste trabalho: cultura tecnomeritocrática, cultura empresarial e cultura hacker.

Cultura tecnomeritocrática

É uma cultura que engloba as descobertas científicas que se voltam para a tecnologia e para a Internet.

Tem como característica o desenvolvimento científico e tecnológico como um progresso, o mérito decorre de contribuições para o avanço da tecnologia; tem como missão construir e desenvolver um sistema de comunicação global; o conhecimento tem a orientação para a solução de problemas; e a descoberta de tecnologias é um valor supremo.

Cultura empresarial

É uma cultura que envolve os grupos nos quais os membros recebem benefícios com os avanços tecnológicos. Estabelece a cultura do lucro, uma vez que há interesses financeiros por trás dos progressos tecnológicos propiciados pela cultura tecnomeritocrática.

Cultura hacker

Um dos autores que mais trata da questão *hacker* é Steven Levy (2001). Em sua obra *Hackers: heroes of the computer revolution*, ele nos traz o código de ética criado pelos primeiros *hackers* que se reuniam no final da década de 1950. Esses grupos se juntavam e se articulavam nos laboratórios das universidades e, com isso, trabalhavam desenvolvendo protótipos tecnológicos junto à sua formação acadêmica.

Esses jovens se reuniam para desvendar e aprender sobre os primeiros equipamentos informativos. Eles possuíam princípios de ética que acreditavam ser de extrema importância para o bom desenvolvimento desses clubes e de seus projetos. Eram os princípios da ética hacker (LEVY, 2001):

- A informação deve ser livre;
- Desconfie das autoridades e promova descentralização;
- Julgue as pessoas pelo que elas criam e não por suas credenciais;
- O acesso aos computadores deve ser ilimitado;
- As pessoas podem criar arte e beleza com os computadores;
- Os computadores podem mudar a vida e o mundo para melhor.

Castells, em entrevista ao jornal *Extra Classe*, em 07 de março 2005,¹⁵ também fala dos *hackers* e os diferencia das pessoas que invadem sistemas e cometem crimes. Para o autor, esses últimos são os *crackers*.

Vale destacar que os dois termos servem para caracterizar pessoas que apresentam habilidades com computadores, porém cada um dos grupos utiliza essas habilidades de formas bastante distintas. Os *hackers* utilizam o conhecimento para melhorar *softwares* de forma legal e nunca invadem um sistema com o intuito de causar danos. Os *crackers*, ao contrário, possuem como prática a quebra da segurança de um *software* e utilizam seu conhecimento de forma ilegal, portanto são vistos como criminosos.

2.2.6 Crítica da tecnologia

Para encerrar a análise das perspectivas positivas e a crítica em relação ao uso das TIC e, conseqüente, a seção 2.2, trazemos uma parte da análise de Andrew Feenberg, que apresenta postura crítica acerca das tecnologias.

¹⁵ Disponível em: <https://www.extraclasse.org.br/geral/2005/03/o-caos-e-o-progresso/>

Andrew Feenberg construiu uma das mais elaboradas teorias da relação tecnologia/sociedade. Em um dos seus mais conhecidos trabalhos, *Questioning Technology*, ele demonstra ativamente as insuficiências que as teorias tradicionais sobre a tecnologia possuem, e que acabam por caracterizar a tecnologia como sendo neutra, ou como sendo uma força autônoma que determina e homogeneiza a sociedade.

Feenberg (1999) nos mostra que não há ausência da tecnologia. Ela é definida pelo local e se dá através de um contexto entre a relação particular de tecnologia e sociedade. Ele afirma que a “tecnologia não pode nunca ser removida do seu contexto, e, portanto, não pode nunca ser neutra” (p.213).

O *design* tecnológico da tecnologia é expressamente político e, em consequência disso, deve-se observar que, na escolha do *design*, não se tem uma essência da tecnologia, mas se pode ter uma explicação, graças ao controle hegemônico do processo.

De acordo com Veak (2010), Feenberg sugere uma política que seja

(...) política democrática radical de tecnologia pode contrariar esta hegemonia e abrir espaço para que a modernidade seja governada a partir de dentro. O processo de escolha do design deve ser libertado através do que ele chama de “racionalização democrática”, onde os atores subjugados interferem no processo de design tecnológico para moldar a tecnologia de acordo com os seus próprios fins. (p.179)

A afirmação de Feenberg (1993) é de que as lutas dos ambientalistas com a tecnologia representam “o domínio mais importante da intervenção democrática na tecnologia” (p. 93) e são de extrema importância. O autor argumenta, mostrando que as interpretações existentes na academia sobre a construção social da tecnologia têm estabelecido de forma convicta que a relação tecnologia/sociedade não é linear.

Feenberg (1999) oferece uma crítica que é de dois níveis: um que se foca no nível local do *design* tecnológico; e outro que se foca em um meta-nível de visão de mundo cultural, ou hermenêutica. Porém, existe uma tensão óbvia entre a cota observada no processo de escolha de *design* e as coações impostas por este processo pelo ambiente social, político e cultural que é mais amplo. Essa tensão é caracterizada por Feenberg (1999) como “ambivalência” da tecnologia.

Veak (2010) nos mostra do que ele fala nos dois princípios a seguir:

1. Conservação da hierarquia: a hierarquia social geralmente pode ser preservada e reproduzida enquanto uma nova tecnologia é introduzida. Este princípio explica a extraordinária continuidade do poder nas sociedades capitalistas avançadas nas últimas gerações, tornada possível pelas estratégias da modernização, apesar das enormes mudanças tecnológicas.
2. Racionalização democrática: novas tecnologias também podem ser usadas para minar a hierarquia social existente ou para forçá-la a conhecer necessidades que ela ignorou. Este princípio explica as iniciativas

tecnológicas que muitas vezes acompanham as reformas estruturais perseguidas pelos movimentos sindicais, ambientais e outros movimentos sociais. (p.182).

Feenberg (1999) afirma que é “inegável que as sociedades avançadas possuem as maiores concentrações de poder em organizações mediadas tecnologicamente” e que “apesar da resistência ocasional, o design das instituições técnicas desqualifica o homem e a mulher modernos para uma participação política mais significativa” (p. 101).

Outro ator com o qual trabalharemos é Carlos París. Um de seus principais escritos é uma obra densa, chamada *O Animal Cultural* (2002), na qual ele explicita a teleologia de um processo humano “evolutivo, embora não linear contraditório. Nesse processo destaca a ciência, a técnica e a tecnologia como atividades humanas centrais e, ao mesmo tempo, o seu potencial destrutivo e mutilador sob o capitalismo” (FRIGOTTO, 2006, p.279).

Para París (2002), há uma diferenciação entre inovações técnicas e tecnológicas:

As primeiras pressupõem um aperfeiçoamento numa linha estabelecida de energia e de materiais – como ilustraria o desenvolvimento da navegação a vela; as segundas implicam saltos qualitativos, pela introdução de recursos energéticos e materiais novos – assim na arte de navegar, com o aparecimento dos navios a vapor e depois os movidos por combustíveis fósseis e por energia nuclear. (p.119)

Como o próprio autor mostra, não são produtos do trabalho humano separados. A própria origem do significado de tecnologia (conhecimento da técnica) articula essas ideias dialeticamente na unidade do diverso.

París também fala da manipulação ideológica do avanço tecnológico dizendo que este “pretende apresentar-nos a imagem de um mundo em que os grandes problemas estão resolvidos, e, para gozar a vida, o cidadão só precisa apertar diversos botões ou manejar objetos de apoio” (Ibid., p.175). Na verdade, trata-se de uma das formas de disfarçar uma situação onde há maioria de seres humanos que não conseguem ao menos satisfazer às suas necessidades primárias.

Do que se pode depreender de uma detalhada análise de Carlos París (2002), partindo das raízes biológicas da técnica à sua dimensão de realização humana, ela constitui-se em um saber e num conhecimento específico, embora não isolado

Essa questão, nos mostra o autor, “o Homo faber não só vai dilatando o âmbito e a perfeição de sua técnica, mas iluminando o Homo sapiens” (Ibid., p.103). É interessante destacar que esta concepção de tecnologia como aplicação da ciência pode ter raízes no papel atribuído à técnica ou à produção material:

(...) formas básicas, primordiais, as do laborar (Homo laborans) e as do fabricar (Homo faber), por vezes consideradas, em razão do caráter genericamente corporal

nas primeiras e fundamentalmente manual nas segundas, como expressões inferiores da vida, assunto de criados, escravos e mulheres, destinados somente a servir a mesa, cuidar da casa do guerreiro – ou, no máximo, a forjar suas armas – ou também do pensador. Pede-se, assim, toda a riqueza de uma realização básica do ser humano em seu contato primário com a natureza, do qual nascem categorias e simbolismos decisivos. (Ibid., p.154)

Vale ressaltar que París (2002) observa que, na época contemporânea, a tradição intelectual mantém uma postura diferente e, de certo ponto, minimizadora da técnica afastada do mundo da necessidade e da produção. Nesse sentido, o autor nota que a classe intelectual atribuiu a si um papel de importância extrema, o de difusora de saber, e que acaba por deixar de lado o papel das classes produtivas, que tiveram grande esforço para criar uma nova sociedade.

A análise elaborada pelo autor nos leva a um resultado no qual os saberes técnicos, tecnológicos e até científicos (cada um com sua especificidade e limite) se relacionam dialeticamente.

Desde que o ser humano se faz, pelo trabalho, humano-social, fabrica objetos e estes inspiram o processo de construção do conhecimento. “Desse modo, os instrumentos adquirem uma nova função a serviço não da ação, mas do conhecimento, da dilatação do âmbito de nossos sentidos e de uma maior precisão da observação” (FRIGGOTO, 2006, p.254). O “conhecimento fundamenta as possibilidades da técnica e esta, por sua vez, leva ao conhecimento humano conceitos, experiências e materiais, como os aparatos científicos que contribuem para o desenvolvimento do saber” (PARÍS 2002, p. 221-222).

Um dos temas que o autor também aborda, e que atualmente é de extrema importância, é a questão da mentira. Faz uma crítica à sociedade do conhecimento em uma entrevista ao jornal *Crônica Popular*¹⁶, em 2013.

Bueno, a esta época se le ha querido dar muchos nombres, como comento yo, entre otros, el de la época del conocimiento. Se habla de la sociedad del conocimiento, pero bueno, a mi modo de ver, no es muy exacto esto, puede inducir a error porque se incurre en interpretaciones idealistas. Parece que vivimos en un mundo del conocimiento y nos olvidamos de lo que es el trabajo físico, de lo que es la producción, de lo que son las necesidades, de lo que es todo el mundo material; pensamos como Descartes cuando decía: pienso, luego existo. Se ha hablado también de la época de la imagen. Esto me parece un poco más exacto, porque, efectivamente, con los actuales medios de comunicación se puede decir que la imagen ha sido ensalzada hasta el punto de decir que una imagen vale más que mil palabras, a lo que se puede responder que una frase suscita mil imágenes también. En fin, la sociedad del espectáculo es un término que también se le ha dado; pero a mí me llamó la atención, lo que dijo José Saramago -que era muy buen amigo y presentó aquí mis libros y hemos tenido mucha relación-, que él dijo un día que era la sociedad de la mentira. Yo creo que esto es lo que realmente caracterizaría nuestro

¹⁶ Disponível em: <<http://www.cronicapopular.es/2013/10/carlos-paris-filosofo-hay-que-conseguir-la-republica-bajo-la-monarquia-continuamos-el-triunfo-del-franquismo/>>.

tiempo. Es verdad que la mentira recorre toda la historia humana. Ya los griegos pensaban que Hermes, el mensajero de los dioses, mentía desde la cuna, lo cual tiene bastante gracia. Junto a la mentira, yo comentaba también las figuras que han representado el silencio y el disfraz. El silencio no es mentir, es ocultar la verdad; por eso en los juicios se dice: diga usted la verdad, toda la verdad y sólo la verdad. Y luego el disfraz. Son formas menores, pero en las cuales falta la verdad y esto ha llenado toda la historia. (s.p.)

O autor segue a entrevista e fala sobre como as tecnologias de informação e comunicação contribuem para as mentiras

Lo que ocurre que hoy día es que la mentira es mucho más fuerte por dos razones: en primer lugar, los medios de comunicación han alcanzado una potencia extraordinaria y estos medios como la tele, por ejemplo, que siguen teniendo tanta influencia en las mentalidades, solamente son accesibles (para lanzar mensajes) a quienes tienen mucho dinero Y, si vemos los canales que tenemos, que podemos ver en un aparato de televisión hoy en Madrid, la mayoría son reaccionarias y que transmiten unos mensajes completamente retrógrados. Yo suelo recordar una cosa que leí hace ya mucho tiempo en Norbet Wiener, el creador de la cibernética, que no es que sea una persona con prejuicios anti tecnológicos, sino al revés, es uno de los mayores tecnólogos y básicos para entender el desarrollo que luego han tenido todas las nuevas tecnologías. Ya en el año 48, Wiener decía en uno de sus libros que le preocupaba que el desarrollo de las técnicas de comunicación, tan potentes, cayera en manos de los poderosos que tendrían ganas de hacerse con ellas y entonces, en lugar de difundir la verdad, difundirían las noticias y las ideas que les convienen a estos sectores poderosos. Y ésta es una de las razones de que realmente hoy día la mentira tenga tanta fuerza, se difunde. (PARÍS, 2013, s.p.)

Um ponto importante da entrevista está em o autor nos mostrar que a mentira não é mais necessariamente uma notícia enganosa, mas que ela já constitui o próprio corpo da nossa civilização. Nos dias atuais, já não é mais estranho ouvirmos o termo “*Fake News*”¹⁷ no nosso cotidiano. O que muitos chamavam antigamente de mentira, “balela”, “cão”, entre outros termos e expressões regionais, ganhou muita força com advento da Internet.

O debate político, a discussão sobre questões do cotidiano, entre outros nos mostram que cada vez mais recebemos e compartilhamos mensagens que não são verdadeiras, as chamadas *fake*. O nível foi tão grande que a Agência Brasil fez uma matéria sobre um estudo de professores universitários que por meio de agência de checagem de fatos analisavam os tipos de conteúdo compartilhado pelos brasileiros no *WhatsApp* (que vem sendo apontado como vetor de disseminação de notícias falsas no país, especialmente durante o período eleitoral).

O estudo analisou conteúdos enviados entre os dias 16 de setembro e 7 de outubro, ou seja, em boa parte do 1º turno das eleições deste ano. A amostra trouxe 347

¹⁷ “(...) o termo diz respeito a *sites* e *blogs* que publicam intencionalmente notícias falsas, imprecisas ou simplesmente manipuladas, com a intenção de ajudar ou combater algum alvo, normalmente político. Eles também copiam notícias verdadeiras de outros veículos, mas mudam as manchetes, alterando o sentido ou colocando algo sensacionalista para atrair leitores”, definição do jornalista e cartunista brasileiro Luciano Pires, disponível no Portal Café Brasil, disponível em: <<http://www.portalcafebrasil.com.br/artigos/fake-news/>>.

grupos monitorados pelo projeto Eleição sem Fake, da UFMG. Os resultados, portanto, não podem ser generalizados. Mas trazem indícios importantes para a compreensão deste fenômeno. Ao todo, eles reuniram mais de 18 mil usuários. No período, circularam 846 mil mensagens, entre textos, vídeos, imagens e links externos. (Revista Exame, 2018)¹⁸

No total, 56% das imagens que mais circularam foram consideradas “enganosas”. Ou seja, a maior parte das imagens podiam até ser chamadas de *fake*, o que vai de encontro ao que París nos mostrou em sua entrevista.

Embora o tema Fake News seja atual e fascinante, não é nossa intenção nos aprofundarmos nessa área por enquanto.

2.3 Redes sociais e o Homem

As redes sociais tiveram início desde as primeiras aglomerações humanas. Formaram-se grupos de amigos, de inimigos, grupos de trocas, de processos de comunicação, surgiram em diferentes línguas e tipos de relacionamento. Dependendo da frequência com que os contatos aconteciam, dependendo de que temas surgiam e de quais lideranças apareciam, tínhamos a consistência, ou seja, a densidade e a importância, conhecida como relevância de cada rede.

Cada vez mais cedo as redes sociais passam a fazer parte do cotidiano dos seres humanos e essa é uma realidade imutável. Embora o conceito de redes sociais venha sendo fortemente difundido nos últimos anos, o fenômeno precede o início da era digital. Na sociedade moderna, elas vêm adquirindo importância cada vez maior e têm como características a descentralização, a autogeração e a horizontalidade.

Para Boyd e Ellison (2007), redes sociais são serviços baseados na Web que permitem aos indivíduos construir perfis públicos ou semipúblicos dentro de um sistema fechado, elencar outros usuários com os quais podem compartilhar conexões, ver e pesquisar as listas de conexões destes, bem como aquelas feitas por outros usuários dentro do sistema.

Conforme Recuero (2005, p.12), “a comunidade virtual é, assim, um grupo de pessoas que estabelecem entre si relações sociais, que permaneçam um tempo suficiente para que elas possam constituir um corpo organizado, através da comunicação mediada por computador”. Falamos, então, de uma estrutura social que é composta por organizações e/ou pessoas que estão conectadas estabelecendo, partilhando e trocando valores e objetivos.

¹⁸ Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/estudo-aponta-que-so-8-de-imagens-em-grupos-de-whatsapp-sao-verdadeiras/>

Como dito anteriormente, uma das suas características é a abertura e, em consequência disso, possibilita relacionamentos horizontais que não são hierárquicos entre as pessoas que delas participam. Parte de sua força está na habilidade de se fazer e desfazer rapidamente.

Para Marteleto (2001, p.72), redes sociais são “um conjunto de participantes autônomos, unindo ideias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados” e, segundo Downes (2005, p.411), “uma rede social é um conjunto de indivíduos ligados entre si por um conjunto de relações”. Para Recuero (2005), uma rede social é composta por dois elementos: os atores (membros) e as relações que eles desenvolvem entre si.

O que as tecnologias da informação e comunicação fizeram foi propiciar o surgimento de novas formas de redes sociais e novos instrumentos de interação e comunicação entre seus membros. Segundo Ugarte (2009), a Internet potencializa o funcionamento da rede, funcionando como plataforma de auxílio.

Sendo assim, as redes sociais virtuais podem utilizar recursos diversos, tais como, e-mails, fóruns, chats, listas de discussão, newsletters e softwares sociais (*Orkut, Witter, myspace*) (MACHADO e TIJIBOY, 2005).

Rheingold (1993) fala de comunidades virtuais: “agregados sociais que surgem na Rede [Internet], quando uma quantidade suficiente de gente leva adiante discussões públicas durante um tempo suficiente, com suficientes sentimentos humanos para formar redes de relações pessoais no espaço cibernético” (p. 20).

Na obra de Castells (1999), a comunidade virtual é “uma rede eletrônica de comunicação interativa autodefinida, organizada em torno de um interesse ou finalidade compartilhados, embora algumas vezes a própria comunicação se transforme no objetivo” (p.385).

No caso dos movimentos contestatórios realizados pelas gerações jovens, as redes sociais virtuais são poderosos instrumentos de divulgação de atividades, troca de informações e experiências e de mobilização popular. Elas funcionam através de mídias digitais, veículos e aparelhos de comunicação não analógicos que permitem a comunicação oral e escrita de forma digital, e funcionam como mídias sociais, permitindo a criação e a divulgação colaborativa de informações e dando suporte às redes sociais.

Manuel Castells afirma que o tipo de interação através de redes virtuais permite às mobilizações uma comunicação mais rápida, autônoma, interativa e auto propagável. Para ele, “quanto mais interativa e autoconfigurável é a comunicação, menos hierárquica é a organização e mais participativo é o movimento” (CASTELLS, 2013, p.32).

A conexão de diferentes sujeitos através das TIC permite o compartilhamento de sentimentos como: indignação e solidariedade e a construção de projetos alternativos para a sociedade. Os espaços digitais podem ser pensados como espaços potenciais de contrapoder que viabilizam o desejo e a prática de mudanças sociais.

Breno Bringel (2017) também discorre sobre os impactos das tecnologias de informação e comunicação:

Las nuevas tecnologías de la información y la comunicación (NTICS) han sido utilizadas de forma distinta con respecto a los otros patrones de acciones colectivas globales previos y actualmente existentes. Los movimientos territorializados innovaron en el uso de las webs y listas de comunicación; las redes transnacionales de advocacy utilizaron Internet para facilitar la mediación y contribuir para visibilizar la presión político-social, extendiendo repertorios como las firmas electrónicas; el movimiento antiglobalización se apropió de las NTICS para la movilización y para la construcción de plataformas de contrainformación (con el lema “Be the Media” que condujo a la creación de los Indymedia). En el caso de este ciclo de indignación global, las redes sociales digitales (ya sean corporativas o alternativas) se oponen a la mediación de terceros y permiten un mayor protagonismo personal y una descentralización de las convocatorias globales, lo que, a su vez, está por detrás del carácter efímero de muchas de estas acciones. (p.34-35)

Outro autor que nos traz perspectivas sobre as redes sociais é Geoffrey Pleyers (2017).

Vejamos abaixo as suas quatro perspectivas sobre a temática:

1. El uso de Internet no provocó un dominio de acciones y movimientos virtuales que habrían sustituido a las movilizaciones en los “espacios físicos”. Al contrario, desde 2011, la ocupación de espacios urbanos y especialmente de plazas simbólicas son centrales para estos movimientos. 2. A pesar de que Internet sea un espacio virtualmente global, sus usos contribuyeron más a construir movimientos nacionales y locales que movilizaciones globales. 3. Las redes sociales e Internet no sustituyen a los medios de comunicación tradicionales. Cuando se articulan a estos, los medios alternativos y militantes tienen mayor visibilidad e impacto. 4. Al contrario de la idea de que Internet desplegaría una “cultura horizontal de redes y de participación”, lo que inevitablemente terminaría contaminando y transformando el mundo real (Castells, 2012), Internet y las redes sociales se volvieron también espacios semipúblicos donde prosperaron el racismo y las corrientes más conservadoras y autoritarias. (p.38)

O autor ainda nos mostra que as redes sociais e a Internet favorecem indescritivelmente as conexões, a difusão de formas de práticas e de mensagens dos movimentos democráticos em níveis nacionais e internacionais. Diz que as mobilizações dos últimos anos seriam diferentes sem a explosão do número de usuários da Internet no mundo árabe ou sem jovens ativistas que espalham as demandas, imagens e símbolos da injustiça, sua indignação e suas mobilizações em *YouTube* e *Facebook*, ou *twittando* ao vivo durante as suas atuações na rua, suas assembleias, ocupações, entre outras. (Ibid)

2.3.1 O efeito da desinibição on-line e o nasty effect: os impactos dos comentários na Internet

Na rede social *Twitter* existiu uma conta, até meados de 2014, chamada “Don’t read the comments” que, em uma tradução rápida, seria “não leia os comentários”. Essa conta aconselhou mais de 40.000 seguidores todo dia, como um lembrete, durante dois anos. Em um de seus *posts* a conta informava que “há um motivo para os comentários ficarem na parte de baixo”.

Isso advém de uma discussão atual, relacionada aos comentários que podem ser feitos nas redes sociais e em vários *sites* na Internet. Essa ferramenta de comentários não é algo apenas das redes sociais, ela surgiu junto aos *blogs* e aos meios de comunicação na década de 2000. Inicialmente, os comentários eram vistos como uma forma de horizontalidade que a Internet oferecia, uma vez que colocavam mídia e leitor em um mesmo nível, todos opinando.

Principalmente nos blogs, era comum ver diversos comentários, e muitos blogueiros se aproveitavam disso, criando comunidades, clube de fãs, entre outros, que trocavam opiniões, textos e mensagens. Nessa época, apagar uma mensagem, ou uma informação chegava a ser considerado absurdo. Mas aos poucos foi necessário criar algo para mediar e moderar a quantidade enorme de comentários em certos *sites*.

A interatividade pode ser considerada um conjunto de processos que envolvem a relação com computadores, publicações ou outras pessoas, todos conectados à internet. (LEMOS 1997; MIELNICZUK, 2000). Sendo assim, os comentários, além de serem uma forma de estímulo e resposta, também fariam com que o participante se sentisse confortável o suficiente para o diálogo. Vale sempre lembrar que interatividade e interação não são a mesma coisa. Por falar nisso, trazemos a elucidação de Belloni (1999):

[...] o conceito sociológico de interação – ação recíproca entre dois ou mais atores onde ocorre intersubjetividade, isto é, encontro de dois sujeitos (...) e a interatividade (...) com dois significados diferentes (...): de um lado a potencialidade técnica oferecida por determinado meio (...), e, de outro, a atividade humana, do usuário, de agir sobre a máquina, e de receber em troca uma ‘retroação’ da máquina sobre ele. (p.58)

Outro ponto que vale o destaque é o de que, em um pensamento mais generalista, quanto mais comentários em uma matéria, vídeo ou reportagem, maior é o interesse pela leitura por diversos autores, assim como a vontade de registrar uma opinião ou comentário. A relação é direta: “para além da introdução de diferentes pontos de vista enriquecer a notícia, um maior número de comentários corresponde a um maior número de visitas, o que é apreciado pelos leitores” (CANAVILHAS, 2001, p.3).

Hoje, a discussão se dá em relação ao fato de muita gente comentar uma notícia, uma publicação, um vídeo, ou o que for, sem ter lido ou visto o mesmo por completo.

Em inglês há uma expressão já usada “too long didn’t read” que pode ser traduzida para “longo demais, não li”, ou algumas expressões em português mesmo como “nem li, muito grande”, “quando sair o filme, me avisa”, “alguém resume?”. Porém, mesmo assim, a opinião é emitida. É comum vermos “não vi o vídeo, mas”, “não li o texto, mas”.

Um estudo famoso é o chamado *Nasty Effect*, que traduzido significaria “Efeito Desagradável”, uma das suas autoras é a professora Dominique Brossard.

O estudo tinha como tema:

The purpose of this study is to examine how uncivil online interpersonal discussion may contribute to polarization of perceptions about an issue. We examine these dynamics in the context of nanotechnology, which is an interesting case because it is a largely unfamiliar topic that offers a rare chance to examine attitude formation and development. The majority of the public does not have a clear understanding of nanotechnology, and tend to use mental shortcuts—or heuristics, such as value predispositions or knowledge about science—when forming attitudes about it. (Brossard et al., 2014, p.374)

Brossard et al. (2014) nos mostram também que outros fatores podem interferir, como a questão religiosa, o conhecimento anterior de certo assunto, entre outros:

People rely on shortcuts in information processing to make social judgments about complex policy issues (Popkin, 1991). In the context of an unfamiliar emerging technology, such as the issue of interest in this study, people will rely on cognitive shortcuts, otherwise known as heuristics, in order to form judgments (Scheufele & Lewenstein, 2005). Mental shortcuts may be employed when encountering uncivil online discussion because hostile language may cause individuals to be less receptive to new information. In this study, we examine whether issue familiarity, issue support, and religiosity, three common heuristics that influence perceptions about nanotechnology, make a difference in how individuals form judgments in the context of uncivil audience comments. In other words, will incivility further accentuate differences among individuals that rely on different mental shortcuts when making judgments about debate in an online setting? People rely on shortcuts in information processing to make social judgments about complex policy issues (Popkin, 1991). In the context of an unfamiliar emerging technology, such as the issue of interest in this study, people will rely on cognitive shortcuts, otherwise known as heuristics, in order to form judgments (Scheufele & Lewenstein, 2005). Mental shortcuts may be employed when encountering uncivil online discussion because hostile language may cause individuals to be less receptive to new information. In this study, we examine whether issue familiarity, issue support, and religiosity, three common heuristics that influence perceptions about nanotechnology, make a difference in how individuals form judgments in the context of uncivil audience comments. In other words, will incivility further accentuate differences among individuals that rely on different mental shortcuts when making judgments about debate in an online setting? (p.376)

Os autores ainda afirmam que os resultados do estudo concluem que a incivilidade online pode impedir um objetivo democrático, principalmente quando se aborda assuntos ainda mais fortes para questões científicas mais conhecidas e controversas.

Online communication and discussion of new topics such as emerging technologies has the potential to enrich public deliberation. Nevertheless, this study's findings show that online incivility may impede this democratic goal. Much in the same way that watching uncivil politicians argue on television causes polarization among individuals, impolite and incensed blog comments can polarize online users based on value predispositions utilized as heuristics when processing the blog's information. The effect of online, user-to-user incivility on perceptions towards emerging technologies may prove especially troublesome for science experts and communicators that rely on public acceptance of their information. The effects of online incivility may be even stronger for more well-known and contentious science issues such as the evolution vs. intelligent design debate or climate change. Future research may explore these issues to gain a better understanding of the formation of risk perceptions for controversial political or science topics in the context of user-generated online comments. (BROSSARD et al., 2014, p.384)

Seguindo esse conceito de incivilidade, temos os comentários preconceituosos, machistas, com palavrões, discurso de ódio, entre outros problemas. A rede foi infestada pelos *trollings*. O jornal *Público*, em matéria publicada dia 26 agosto de 2013¹⁹, explica um pouco sobre esse papel:

Há muito que a gíria da Internet tem um termo para este tipo de insultos: trolling. Na mitologia escandinava, os trolls são seres sobrenaturais que vivem longe dos humanos. São anti-sociais e agressivos. Alguns têm uma aparência de monstros. Na linguagem moderna da Internet, os trolls são pessoas que, em fóruns, redes sociais e caixas de comentários, discutem sem argumentos racionais ou simplesmente insultam e ofendem os outros, embora não necessariamente com a violência dos exemplos acima.

Porém, não temos apenas os *trolls*, mas também os *haters*. Ambos “[...] são grupos de audiência que gastam suas energias em expressar opiniões negativas e críticas jocosas sobre os conteúdos midiáticos” (PESSOTTO; TOLEDO, 2014, p. 87).

(...) um único grupo de espectadores, que zombam de produtos e celebridades, pregando ódio a qualquer mínima manifestação ou elemento que os desagrade. Seu mote é repetido em inglês, por outros espectadores ‘comuns’: haters gonna hate (odiadores odiarão). Os dois grupos podem ser confundidos, mas possuem diferenças principalmente em relação ao vínculo com o texto. (Ibid., p.87)

O *hater* seria aquela pessoa que tem ódio a determinado conteúdo, pois não o agrada “[...] tem uma relação de proximidade com o texto que ‘odeia’, consumindo-o para poder ter conhecimento detalhado de tudo que parece desagradá-lo no texto em questão” (PESSOTTO; TOLEDO, 2014, p.87). Já o *troll* diferentemente seria “[...] um indivíduo que perturba o bom andamento de uma comunidade virtual através da postagem de mensagens negativas ou fora de contexto” (ZAGO, 2012, p.151).

O *troll* está muito presente na Internet, principalmente nas redes sociais digitais, tendo um comportamento muito parecido entre si. Dentre os comentários realizados por eles

¹⁹ Disponível em: <<https://www.publico.pt/2013/08/26/p3/noticia/no-mundo-digital-somos-mais-rudes-e-desinibidos-1817909>>.

podemos ter desde mensagens agressivas, até mensagens irônicas, ameaças, entre diversas outras. O objetivo é o de interferir na conversa através de comentários maldosos, “o comportamento padrão de um *troll* envolve postar uma mensagem, geralmente em resposta a uma questão, buscando insultar, chatear ou perturbar o grupo” (ZAGO, 2012, p.151-152).

Para Pessotto e Toledo (2012), “[...] Os conteúdos produzidos e compartilhados por haters e trolls têm uma grande importância na estruturação do ecossistema de consumo midiático” (p. 91).

Poderíamos dar a esse fenômeno o nome de “desinibição tóxica” (SULER, 2004). Essa desinibição on-line é uma força que impacta os seres humanos mesmo quando estamos conscientes da mesma, chegando a operar até em nível inconsciente.

However, the disinhibition is not always so salutary. We witness rude language, harsh criticisms, anger, hatred, even threats. Or people visit the dark underworld of the Internet—places of pornography, crime, and violence—territory they would never explore in the real world. We may call this toxic disinhibition. (p.321)

Suler (2004) também fala do ponto positivo, coloca a desinibição benigna, que faz com que sejamos mais propensos a revelar emoções e desejos, ou a dar conselhos e ajudar os outros. No lado positivo, a desinibição indica uma tentativa de nos entendermos e explorarmos a nós próprios, trabalhando os nossos problemas e encontrando novas maneiras de ser. Já as desinibições tóxicas, por vezes, representam uma espécie de catarse, uma forma de realização de desejos proibidos.

Suler (2004) cunhou o termo “desinibição on-line” para descrever o fenômeno pelo qual que as pessoas se comunicam e se comportam de maneira diferente quando estão conectadas. Ele criou esse conceito definindo seis características geralmente presentes na desinibição virtual, as quais apresentamos a seguir acompanhadas de uma tradução livre:

- *Dissociative Anonymity* / “Você não me conhece”: O anonimato dá um sentido de proteção.
- *Invisibility* / “Você não pode me ver”: Só um apelido une a pessoa ao personagem.
- *Asynchronicity* / “Até logo” ou “Até Mais”: A comunicação é assíncrona, o que permite emitir comentários incendiários e se desconectar. É fácil escapar do diálogo ou das consequências.
- *Solipsistic Introjection* / “Está tudo na minha cabeça”: Há projeções de características diversas.

- *Dissociative imagination* / “É só um jogo” ou “É só uma brincadeira”: Linha tênue entre o que é real e o que é virtual. Cria-se um sentimento de fuga das normas da vida cotidiana.

- *Minimization of status and authority* / “Nós somos iguais” ou “Suas leis não valem aqui”: Na Internet ninguém sabe a condição de ninguém, diferente do mundo real onde há hierarquias e limites.

No final há uma desconexão moral na qual o *trollador* considera que suas ações são obra de um personagem, não da pessoa, e acredita que todos deveriam achar o mesmo.

Além da desinibição on-line, existe outro conceito utilizado para descrever as mudanças psicológicas que ocorrem quando a pessoa está conectada que é a desindividuação. Ele é referente da psicologia social desde os anos 1970 e um de seus atores famosos é Zimbardo. A desindividuação alinhada com a desinibição cria uma poderosa força na Internet impactando diretamente o ser humano.

Não discutiremos a questão da desindividuação agora, mas o faremos no próximo Capítulo, no qual trataremos a discussão para a psicologia social, utilizando Zimbardo e Bandura. Além disso, discutiremos sobre a banalidade do mal de Hanna Arendt, trataremos sobre o conceito de comunidade de Bauman e sobre o Efeito Lúcifer de Zimbardo.

3 “A RESPONSABILIDADE DE TER OLHOS QUANDO OS OUTROS OS PERDERAM.”²⁰

3.1 Hannah Arendt e Banalidade do Mal

Começaremos esta seção, falando de Hanna Arendt, filósofa política alemã de origem judaica, uma das mais influentes do século XX. A privação de direitos e a perseguição de pessoas de origem judaica, ocorrida na Alemanha a partir de 1933, assim como o seu breve encarceramento nesse mesmo ano, fizeram-na decidir emigrar. O regime nazista retirou-lhe a nacionalidade em 1937, o que a tornou apátrida até conseguir a nacionalidade norte-americana, em 1951. Começaremos discorrendo sobre a questão do totalitarismo.

Quando buscamos compreender o totalitarismo, temos como primeira característica sua novidade. Não é tão antigo assim se parmos para analisar, e tem grande originalidade política que possibilitou uma modificação sobre o pensamento político que era até então vigente. O totalitarismo não tem uma referência com outras formas de governar, como a ditadura, o absolutismo e outros, é uma forma que visa o domínio total sobre o homem.

Outro ponto importante de se destacar é que Hanna Arendt falava que não podíamos utilizar em demasiado a palavra “totalitarismo”, até porque ela seria uma forma única de governo. “[...] o domínio total é a única forma de governo com o qual não é possível coexistir. Assim, temos todos os motivos para usar a palavra ‘totalitarismo’ com cautela” (ARENDR, 2013, p.268). Foi a forma da autora delimitar de fato o que era o totalitarismo, que esteve presente na Rússia de Stalin entre 1930 e 1953 – com suspensão no período da Segunda Guerra Mundial – e na Alemanha de Hitler a partir de 1938 até o término da guerra. Vale ressaltar que, de acordo com Arendt, não é descartada uma volta ao regime: “[...] a crise de nosso tempo e a sua principal experiência deram origem a uma forma inteiramente nova de governo, que, como potencialidade e como risco sempre presente, tende a ficar conosco de agora em diante” (Ibid., p. 409).

A autora descreve algumas características do totalitarismo, cuja primeira é o apoio irrestrito das massas:

Os movimentos totalitários são possíveis onde quer que existam massas que, por um motivo ou outro, desenvolveram certo gosto pela organização política. As massas não se unem pela consciência de um interesse comum e falta-lhes aquela específica articulação de classes que se expressa em objetivos determinados, limitados e atingíveis. O termo massa só se aplica quando lidamos com pessoas que,

²⁰ SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Cia. das Letras, 2014, p.241.

simplesmente devido ao seu número, ou à sua indiferença, ou a uma mistura de ambos, não se podem integrar numa organização baseada no interesse comum, seja partido político, organização profissional ou sindicato de trabalhadores. Potencialmente, as massas existem em qualquer país e constituem a maioria das pessoas neutras e politicamente indiferentes, que nunca se filiam a um partido e raramente exercem o poder de voto. (ARENDDT, 2013, p.280)

Mas o que seria esse homem das massas? Seria uma consequência da automatização da sociedade, do isolamento do indivíduo que não se relaciona de maneira social e que está sem raízes. “É ele, e não o comunista convicto ou nazista fanático, o súdito perfeito para o regime totalitário, ao contrário do que se poderia pensar.” (RESENDE, 2015, p.854). Isso se dá porque, em sua falta de habilidade política e de um lugar no mundo, o homem das massas encontra apoio, coerência e sentido na ideologia totalitária. Essa organização dos indivíduos seria o movimento totalitário, necessário para compor as massas.

Somente a rale e a elite podem ser atraídas pelo ímpeto do totalitarismo; as massas têm de ser conquistadas por meio da propaganda. Sob um governo constitucional e havendo liberdade de opinião, os movimentos totalitários que lutam pelo poder podem usar o terror somente até certo ponto e, como qualquer outro partido, necessitam granjear aderentes e parecer plausíveis aos olhos de um público que ainda não está rigorosamente isolado de todas as outras fontes de informação (ARENDDT, 2013, p.303)

Outro ponto que merece destaque são os campos de concentração. Para a autora, os campos são a instituição que caracteriza de forma específica o regime, local cujo objetivo era puramente transformar a natureza humana, e que desafiava o pensamento humano.

Se é verdade que os campos de concentração são a instituição que caracteriza mais especificamente o governo totalitário, então deter-se nos horrores que eles representam é indispensável para compreender o totalitarismo. Mas a recordação não pode levar a isso mais do que o pode o relato incomunicativo da testemunha ocular. Em ambos há uma tendência de fugir da experiência; instintiva ou racionalmente, ambos são tão conscientes do abismo que separa o mundo dos vivos do mundo dos mortos-vivos que não conseguem oferecer senão uma série de ocorrências lembradas, que parecem tão incríveis para os que as relatam como para os que as ouvem. Somente pode dar-se ao luxo de continuar a pensar em horrores a imaginação amedrontada dos que, embora provocados por esses relatos, não foram realmente feridos na própria carne, daqueles que, conseqüentemente, estão a salvo do pavor bestial e desesperado que, após a experiência do horror verdadeiro e presente, paralisa inexoravelmente tudo. (Ibid., p.374)

Arendt (2013) traz um ponto de extrema importância que é o da impossibilidade de comparações entre os campos de concentração com qualquer outra coisa. O horror produzido pelos campos não pode ser alcançado pela imaginação humana, porque era como se os sobreviventes retornassem ao mundo dos vivos. Para a autora, era como se “fosse uma história de outro planeta, pois para o mundo dos vivos, onde ninguém deve saber se ele está

vivo ou morto, é como se ele jamais houvesse nascido. Assim, todo paralelo cria confusão e desvia a atenção do que é essencial” (p.377).

Ela ainda mostra que muitas vezes pensamos nos trabalhos forçados nas prisões, na escravidão, e que por um momento ainda tentamos fazer uma comparação com o regime totalitário. Ela nos explica porque não se pode comparar:

O trabalho forçado como punição é limitado no tempo e na intensidade. O preso retém os direitos sobre o próprio corpo; não é torturado de forma absoluta nem dominado de modo absoluto. O banimento apenas transfere o banido de uma parte do mundo para outra, também habitada por seres humanos; não o exclui inteiramente do mundo dos homens. Em toda a história, a escravidão foi uma instituição dentro de uma ordem social; os escravos não estavam, como os internos dos campos de concentração, longe dos olhos e, portanto, da proteção dos seus semelhantes; como instrumentos de trabalho, tinham um preço definido e, como propriedade, um valor definido. O interno do campo de concentração não tem preço algum, porque sempre pode ser substituído; ninguém sabe a quem ele pertence, porque nunca é visto. Do ponto de vista da sociedade normal, ele é absolutamente supérfluo, embora em épocas de intensa falta de mão de obra, como na Rússia e na Alemanha durante a guerra, fosse usado para o trabalho (Ibid., p.377)

Como uma instituição, o campo de concentração não foi criado em nome da produtividade, isso sem levar em conta o fato de que em épocas de guerra os recursos são escassos e a única função econômica permanente do campo era o financiamento dos seus próprios supervisores. Sendo assim, do ponto de vista econômico, os campos de concentração não se justificam, uma vez que qualquer forma de trabalho que tenha sido realizada neles poderia ter sido executada muito melhor e com menor custo em condições diferentes. Duarte (2000) nos traz mais um comentário sobre os campos de concentração: “[...] denunciam a verdadeira destinação dos campos de concentração: a de não servirem para coisa alguma, senão para a destruição da liberdade; e a de não gerarem produto final algum, a não ser uma pilha de cadáveres” (p.68).

Com a impossibilidade de comparação a questões humanas e irreabilidade, produzida por uma ausência de propósitos, era uma verdadeira cortina de ferro que escondia dos olhos do mundo todas as formas de campos de concentração. Para quem olhava de fora, os campos e o que neles acontecia só podiam ser descritos com imagens extraterrenas, como se a vida fosse neles separada das banalidades deste mundo. Com isso, Arendt (2013) os classifica em três tipos, as três concepções ocidentais básicas de uma vida após a morte: o Limbo, o Purgatório e o Inferno.

Limbo corresponde àquelas formas relativamente benignas, que já foram populares mesmo em países não totalitários, destinadas a afastar da sociedade todo tipo de elementos indesejáveis — os refugiados, os apátridas, os marginais e os desempregados —; os campos de pessoas deslocadas, por exemplo, que continuaram a existir mesmo depois da guerra, nada mais são do que campos para os que se

tornaram supérfluos e importunos. O Purgatório é representado pelos campos de trabalho da União Soviética, onde o abandono alia-se ao trabalho forçado e desordenado. O Inferno, no sentido mais literal, é representado por aquele tipo de campo que os nazistas aperfeiçoaram e onde toda a vida era organizada, completa e sistematicamente, de modo a causar o maior tormento possível. Os três tipos têm uma coisa em comum: as massas humanas que eles detêm são tratadas como se já não existissem, como se o que sucedesse com elas não pudesse interessar a ninguém, como se já estivessem mortas e algum espírito mau, tomado de alguma loucura, brincasse de suspendê-las por certo tempo entre a vida e a morte, antes de admiti-las na paz eterna. (p.378)

Às vezes, quando não dispomos de uma dimensão humana, temos que utilizar da religião para explicar o inexplicável. Para tentar contemplar algo inédito, Hanna Arendt passou a projetá-lo como “radical”. “E, se é verdade que, nos estágios finais do totalitarismo, surge um mal absoluto (absoluto, porque já não pode ser atribuído a motivos humanamente compreensíveis), também é verdade que, sem ele, poderíamos nunca ter conhecido a natureza realmente radical do Mal” (Ibid., p.7). Essa concepção de “radical” foi arquitetada pela autora, advém do fato de que não havia episódios de tentativas de desejo de destruição da natureza humana, “em seu afã de provar que tudo é possível, os regimes totalitários descobriram, sem o saber, que existem crimes que os homens não podem punir nem perdoar” (Ibid., p.389).

Essa forma de mal “radical” era tão nova que não havia como o punir, porque não havia como colocar os crimes totalitários na justiça comum, e além disso era um crime imperdoável.

(...) além de não se poder perdoar o assassinio em massa, o totalitarismo foi capaz de destruir os limites entre assassino e vítima. Qual pena seria justa para os homens que organizaram a morte de milhares de maneira impessoal e fria, para pessoas que queriam degenerar a natureza do ser humano? Como falar de perdão e punição se as próprias vítimas, em alguns casos, auxiliaram na mortandade dos seus companheiros? (RESENDE, 2015, p.861)

Arendt (2013) também falava sobre essa nova espécie de criminosos:

Do mesmo modo como as vítimas nas fábricas da morte ou nos poços de esquecimento já não são ‘humanas’ aos olhos de seus carrascos, também essa novíssima espécie de criminosos situa-se além da própria solidariedade do pecado humano. (p.389)

Esse “mal radical” conseguiu fazer com que grande parte da população dos países onde tivemos regimes totalitários aprovasse e achasse normal o que ocorria.

Encontramo-nos perante uma forma de mal que não encontra fundamentação em motivos compreensíveis. Não se pode enquadrá-lo como uma forma de inveja, ressentimento, desejo de poder etc. Sendo assim, essa nova forma de mal proporcionada pelo regime totalitário não pode ser abordada dentro de um modelo ético e moral, como havia sido trabalhada até aquela época. A solução será recorrer

a um viés político, tentando, assim, compreender o inexplicável e refletir sobre uma forma de governo que, pela primeira vez na história, baseou-se no extermínio de homens e de sua natureza. Por isso, Arendt introduz as noções de mal radical e mal absoluto, que resultarão num tratamento desse assunto numa perspectiva política. (RESENDE, 2015, p.861)

Porém, Hannah Arendt acaba por abandonar o termo “mal radical”, em uma carta dirigida a Gerhard Scholem, citada por Lafer (1988, p.179), Arendt dirá que o mal totalitário não pode ser radical.

O abandono do termo mal radical se dará de forma definitiva através de uma nova percepção acerca do mal proporcionado pelos regimes totalitários desenvolvida em *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal* (1963). Ao saber que Adolf Eichmann havia sido capturado pelo estado israelita e que, em breve, seria levado a julgamento, Hannah Arendt se oferece como repórter para uma revista norte-americana a fim de cobrir aquele que seria o maior julgamento de um oficial nazista após o tribunal de Nuremberg. O réu era responsável pela organização do transporte de prisioneiros para os campos de concentração. (RESENDE, 2015, p.863)

A obra *Eichmann em Jerusalém* (1999) foi escrita por Hannah Arendt a partir do acontecimento do julgamento de Adolf Eichmann em Jerusalém. Arendt participou como jornalista do jornal *The New Yorker*, mesmo sem ter um vínculo de atuação direta, mas foi graças a isso que teve acesso e participação. A publicação do que escrevia ocorreu em dois momentos diferentes: no primeiro foram publicados pelo jornal e depois, com acréscimos, transformou os escritos em livro.

Assy (2015) nos mostra que Arendt pontuava três motivos para se interessar pelo julgamento de Eichmann:

Primeiro, saber quem, de fato, era Eichmann, “em carne e osso”, particularmente um espécime de mentalidade totalitária como Arendt havia analisado em seus escritos dos anos 1950 sobre o totalitarismo. Segundo, avaliar a possibilidade de um novo tipo de crime e criminoso do ponto de vista jurídico e a capacidade das instituições legais de lidar com eles. E por fim, e mais notavelmente, em suas palavras: “tenho refletido há muitos anos, mais especificadamente trinta anos, sobre a natureza do mal. E o desejo de me expor, não aos feitos os quais no final das contas, eram do conhecimento de todos, mas ao próprio perpetrador do mal, foi provavelmente a minha mais convincente motivação por trás da decisão de ir a Jerusalém”. (p.2)

Muitos criticaram a autora, insinuando que seria uma nova teoria para o mal. Porém, o retrato do tipo de banalidade que Arendt identificou em Eichmann foi muito mais do que uma lição. Na obra *Eichmann em Jerusalém* (1999), a banalidade do mal não assumia a feição de um fenômeno puro, assim como também não era uma formulação da teoria do mal nem mesmo apenas uma lição. A banalidade do mal foi usada como base para uma série de investigações sobre a moralidade e a capacidade de uma pessoa de distinguir o certo e o errado, e Eichmann era a pessoa certa para tal.

No livro, Arendt só cita o termo “banalidade do mal” no final. De acordo com a autora, a obra não objetivava analisar o mal nem a sua própria banalidade, mas sim discutir os problemas que o julgamento de Eichmann colocam em relação à justiça.

A banalidade do mal remete principalmente à personalidade de Eichmann. Ele não era um herói, não era um fanático, não era um “monstro”, não era doente, não era um masoquista, por fim, ele não era um personagem. Ele não possuía originalidade, não despertava curiosidade. Eichmann cumpria o que era ordenado com eficácia, sem medir nem pensar nas consequências dos próprios atos e dos resultados de suas atividades, tampouco mensurou sua abrangência.

Acerca dessa visão arendtiana, Assy (2015) escreve,

A banalidade de Eichmann nos primeiros momentos soava atípica e surpreendente pois implicava na incapacidade de um pensamento crítico independente. [...]A primeira reação de Arendt ao ver Eichmann “o homem na cabine de vidro” foi “nicht einmal unheimlich” – nem sequer sinistro. “Os feitos eram monstruosos, mas o executante[...] era ordinário, comum, e nem demoníaco nem monstruoso (A vida do espírito, p.5-6). A percepção de que Eichmann era um homem comum, possuidor de uma superficialidade e de uma mediocridade transparentes, deixou Arendt atônita ao avaliar a proporção do mal incalculável por ele cometido. Eichmann costumava afirmar repetidamente o mesmo chavão, “Minha honra é minha lealdade” (Eichmann em Jerusalém, p.121). Esta honraria implicava uma lealdade absoluta, levando-o a nunca tomar decisões por si só, “tinha sempre extremo cuidado em estar “coberto” por ordens[...] não gostava de oferecer sugestões e sempre exigia diretrizes” (p.109). Quando afirmava que cumprira seu dever, estava implícito que obedecera a todas as ordens, conforme o exigia seu juramento, e não admitira o descumprimento de quaisquer regras. (p.7)

Eichmann não era um psicopata, e também não era uma simples peça no sistema nazista, era essencialmente um ser obediente. Porém, tal obediência não se constituía em uma submissão completa que implicaria a perda do livre arbítrio. Ele não era alienado nem mesmo um robô, e era nessa situação que ele se encontrava “entre um líder apaixonado ou paranoico e o escravo alienado – que faz dele um sujeito banal. Assim como também eram banais suas maldade, perniciosidade e sua insensibilidade.” (DEJOURS, 2006, p.110)

Quando saímos da análise da banalidade do mal no campo criminoso, e entramos no tema da personalidade, temos uma questão muito importante que é o fato da diversidade e das variadas formas de personalidade em um povo, e que nem todas são banais. Mas como seria possível que mesmo com toda a diversidade de personalidade e de pessoa tivéssemos uma compatibilidade na participação de grande parte da população alemã em um regime totalitário?

Por trás da terrível e assustadora normalidade da massa burocrática, Arendt cunharia o termo banalidade do mal. A conexão entre atos horrendos e pessoas ordinárias seria indubitavelmente a arria elétrica (electric ray) socrática que o fomentaria o

vínculo estabelecido pela autora entre banalidade do mal e ausência da capacidade de pensar. A apática normalidade de Eichmann acentuou a possibilidade de que atos normalmente repudiados fossem cometidos por cidadãos absolutamente comuns. (ASSY, 2015, p.10-11)

Dejours, em seu livro *A Banalização da Injustiça Social* (2006), traz outro ponto, que é o de antes de tratarmos da banalidade do mal, tratarmos da banalização do mal, “isto é, do processo graças ao qual um comportamento excepcional, habitualmente reprimido pela ação e o comportamento da maioria, pode erigir-se em norma de conduta ou mesmo em valor” (p.110). Sendo assim, a banalização do mal implica a criação de condições próprias para conseguir o consentimento e a cooperação de todos nessas condutas.

Estar realizando a cobertura jornalística e acompanhando o julgamento de Eichmann possibilitou que Arendt voltasse ao tema sobre o mal, de que já tratava, e sobre seus escritos:

Este livro, portanto, não trata da história do maior desastre que se abateu sobre o povo judeu, nem é um relato sobre o totalitarismo, nem uma história do povo alemão à época do Terceiro Reich, nem é, por fim e sobretudo, um tratado teórico sobre a natureza do mal. (ARENDR, 1999, p.171)

Nesse tema, da banalidade do mal, Arendt conceitua que a novidade consistia no modo pelo qual era realizado, se antes existia um motivo, dessa vez Arendt se refere a Eichmann:

Quanto mais se ouvia Eichmann, mais óbvio ficava que sua incapacidade de falar estava intimamente relacionada com sua incapacidade de pensar, ou seja, de pensar do ponto de vista de outra pessoa. Não era possível nenhuma comunicação com ele, não porque mentia, mas porque se cercava do mais confiável de todos os guardacostas contra as palavras e a presença de outros, e portanto contra a realidade enquanto tal. (Ibid., p.33)

O problema que Hannah Arendt colocava não era psicológico, mas sim um problema de justiça, de direito e, principalmente, de ética. Arendt caracterizava Eichmann pela falta da “faculdade de pensar”. “A tendência a mentir para os outros, assim como para si mesmo, a fim de gabar-se, de aparentar grandeza” (DEJOURS, 2005, p.112) são algumas características às quais essa deficiência da capacidade de pensar está associada.

Não havia em Eichmann o culto megalomaniaco de si, assim como não havia a tentativa de despertar admiração ou respeito ou paixão. Mentia para impressionar, para fazer-se de importante. Não ia muito além disso. Ele não tinha o objetivo de fascinar o outro, não era por essência ambicioso. Não produzia constantes novas mentiras, mentia ocasionalmente, sem tentar construir uma imagem toda poderosa.

“A tendência à obediência, à disciplina, ao rigor no exercício de suas funções, na qualidade de seu trabalho e também no que diz respeito às convenções, aos acordos e aos contratos” (DEJOURS, 2005, p.112) Eichmann não estava em uma relação de submissão, ou

de servidão, nem tampouco de robotização. Eichmann não havia deixado seu livre arbítrio, mesmo que a amplitude da deliberação fosse modesta, até chegar ao ponto de suas ideias parecerem, às vezes, simplistas.

“A tendência a acomodar-se, a satisfazer-se, a deleitar-se mesmo com certas fórmulas que lhe agradam, mais pela forma do que pelo conteúdo.” (Ibid., p.112) Dejours traz que elas infundem um entusiasmo comparável ao efeito que o álcool faz sobre certas personalidades, algo como um desinibidor, euforizante, psicoestimulante e sedativo da angústia.

“A tendência a cair em estados de decepção, seguidos de desânimo e apatia, de absoluta falta de entusiasmo, de déficit estênico, de *taedium vitae laborisque*. Tais estados não chegam à completa depressão.” (Ibid., p.112) Seriam provocadas por ordens contraditórias, pelo questionamento daquilo que ele considera a base contratual de seu compromisso ou de seu trabalho. Dejours coloca que é como se uma ordem contraditória ordenada pelos superiores ou uma mudança de orientação trouxesse um efeito desorganizador na visão de mundo da pessoa, sobre o sentido de seu trabalho, sua contribuição e esforços. Como se significasse uma negação, uma recusa de reconhecimento.

“A tendência à teimosia, à obstinação, que todavia não chegam à pertinácia, ao gosto pelo esforço, ao aferro ou à paixão.” (Ibid., p.113) Para Dejours, essa teimosia é um prolongamento de sua obediência, que, no entanto, não é cega. Somente teimosia. E essa tendência se concretiza de fato na forma do zelo das missões que lhe são incumbidas.

“A tendência à dependência em relação às instruções, ao comando, à proteção conferida pelos papéis assinados.” (Ibid., p.113) Dejours comenta que sem as ordens que gerem seu mundo, ele ficaria desconcertado, indeciso, chegando a se tornar apático. Sem as ordens que regulam seu mundo, e não somente seus atos, ele fica desconcertado, indeciso, soturno, a ponto de tornar-se apático. Eichmann respeita as pessoas, mas não parecia ceder a impulsos de fascinação que faz de seu comportamental excepcional.

“A falta de espírito crítico: ele pode às vezes ficar insatisfeito com o que lhe pedem ou com o comportamento de alguém à sua volta.” (DEJOURS, 2005, p.113) Eichmann não argumenta, não teoriza, não generaliza. Só lhe cabe a insatisfação, a rabugice. Ele não se opõe de verdade. Quando não está de acordo, descompromete-se, resmungo, mas não enfrenta, não insiste, sua teimosia afinal dura pouco, mas é suficiente para não fazer dele um mero fantoche. E, finalizando, quando não há comando — o que é diferente das situações em que modifica suas orientações —, ele tende a sentir-se perdido, sem energia.

Eichmann não possuía consciência moral, autonomia moral nem capacidade de julgamento. Sua moralidade era reduzida a apenas um egocentrismo. Porém, Arendt afirmava

que Eichmann “Ele não era burro. Foi pura irreflexão — algo de maneira nenhuma idêntico à burrice — que o predisps a se tornar um dos grandes criminosos desta época” (ARENDR, 1999, p.172). Ele era tão vazio de pensamento e tinha tanta falta de sensibilidade, que em momento algum em seus relatos se perguntava pelas consequências e o que significava estar mandando milhares de pessoas, incluindo crianças, para a morte.

Arendt (1999) chamava atenção ainda para um traço que era de extrema importância na definição do caráter de Eichmann: a obediência cadavérica (*kadavergehorsam*), como ele próprio havia definido em seu julgamento.

Até hoje há várias perguntas de como as pessoas concordavam em fazer o que estavam fazendo, qual é o limite da obediência, até onde vai o discernimento, entre várias outras dúvidas que surgem. Essas questões nos levam a refletir sobre os impactos de uma obediência cega, sem juízo de valor e reflexão. Para explicar um pouco essa questão, Siviero (2016) busca em Sérgio Adorno uma explicação:

“É justamente a anestesia moral que tornou possível a solução final” (ADORNO, 2013, p.99). E a anestesia moral consiste no seguinte: “o princípio da alteridade foi completamente neutralizado: seu sintoma mais evidente é a absoluta falta de compaixão para com o sofrimento do outro. Se não há um gênero humano, porém, seres superiores e inferiores, tudo passa a funcionar a base de uma lei natural da evolução, qual seja a eliminação dos fracos e inferiores pelos superiores e mais fortes” (ADORNO, 2013, p.90). (SIVIERO, 2016, p.114)

No fundo, Eichmann tinha como principal característica em sua banalidade a falta de personalidade de verdade, ou seja, Eichmann era um normopata – termo que Arendt designava como banalidade do mal. Porém, essa normopatia impressionou Arendt ao ponto de ela tratar melhor sobre em seu livro *A vida do Espírito* (2000):

Minha preocupação com as atividades espirituais tem origem em duas fontes bastante distintas. O impulso imediato derivou do fato de eu ter assistido ao julgamento de Eichmann em Jerusalém. Em meu relato, mencionei a “banalidade do mal”. Por trás desta expressão não procurei sustentar nenhuma tese ou doutrina, muito embora estivesse vagamente consciente de que ela se opunha à nossa tradição do pensamento – literário, teológico ou filosófico – sobre o fenômeno do mal. (...) O que me deixou aturdida foi que a conspícua superficialidade do agente tornava impossível retrair o mal incontestável de seus atos, em suas raízes ou motivos, em quaisquer níveis mais profundos. Os atos eram monstruosos, mas o agente – ao menos aquele que estava agora em julgamento – era bastante comum, banal e não demoníaco ou monstruoso. Nele não se encontrava sinal de firmes convicções ideológicas ou de motivações especialmente más, e a única característica notória que se podia perceber tanto em seu comportamento anterior, quanto durante o próprio julgamento e o sumário de culpa que o antecedeu era algo de inteiramente negativo: não era estupidez, mas irreflexão. (...) Clichês, frases feitas, adesão a códigos de expressão e conduta convencionais e padronizadas tem a função socialmente reconhecida de nos proteger da realidade, ou seja, da exigência de atenção do pensamento feita por todos os fatos e acontecimentos em virtude de sua mera existência. (...) Foi essa ausência de pensamento – uma experiência tão comum em nossa vida cotidiana, em que dificilmente temos tempo e muito menos desejo de

parar e pensar que despertou meu interesse. Será o fazer o mal (pecados por ação e omissão) possível não apenas na ausência de “motivos torpes” (como a lei os denomina), mas de quaisquer outros motivos, na ausência de qualquer estímulo particular ao interesse ou a volição? Será que a maldade – como quer que se defina estar “determinado a ser vilão” – não é uma condição necessária para o fazer-o-mal? Será possível que o problema do bem e do mal, o problema de nossa faculdade para distinguir o que é certo do que é errado, esteja conectado com nossa faculdade de pensar? (p.5-6)

Dejours (2005) falando sobre essa citação complementa que nesse ponto se encontram as três características da normopatia: “indiferença para com o mundo distal e colaboração no ‘mal tanto por omissão quanto por ação’; suspensão da faculdade de pensar e substituição pelo recurso aos estereótipos economicistas dominantes propostos externamente; abolição da faculdade de julgar e da vontade de agir coletivamente contra a injustiça” (p.117).

Hannah Arendt, ao se deparar com Eichmann, encontrou uma manifestação do mal diferente, que não se enraizava em um motivo maléfico, “como se o mal se espalhasse como fungo, superficial, rápido, e não engendrado. É como se esse mal em particular estivesse em posição oposta às faculdades de pensar e julgar – já que ‘pensar por definição consiste em querer alcançar raízes’ – e fosse explicado como o resultado da ausência de reflexão.” (ASSY, 2015, p.14)

Eichmann era incapaz de exercer as atividades do pensar. Não havia possibilidade para achar uma razão profunda nos seus atos, pois ela só advém por meio do pensamento. Essa era a banalidade de Eichmann, a banalidade do mal.

3.2 A Cegueira Moral de Bauman e as Comunidades

Trabalharemos nesta seção com um autor já apresentado anteriormente: Bauman. Mas agora traremos dois outros conceitos que ele aborda: o da cegueira moral e o das comunidades.

O livro *Cegueira Moral* (2017) apresenta uma troca de diálogos entre Zigmunt Bauman e o filósofo Leônidas Donskis, e traz à tona a questão da perda de sensibilidade nas relações sociais do mundo líquido-moderno.²¹

Para iniciarmos, devemos saber que a sociologia de Bauman é, acima de tudo, uma sociologia da imaginação, uma sociologia do sentimento e das relações humanas, como amor, amizade, desespero, indiferença, entre outras (podemos perceber isso nas diferentes obras do

²¹A obra é de Bauman e Donskis, e é constituída por uma troca de carta entre os dois. Para uma maior facilidade e compreensão do texto por parte dos leitores citaremos individualmente cada autor quando estivermos falando de uma de suas cartas para que fique mais claro e fácil compreensão. E quando citamos os dois é devido ao fato dos dois autores dialogarem sobre essa temática.

autor, como *Amor Líquido*, *Medo Líquido*, *Vida Líquida*, entre outros) e, principalmente, sobre as experiências íntimas.

Donskis (2017), em um de seus diálogos, nos aponta que uma cidade torna-se um modo de viver, de pensar, algo em que se expressam as histórias, as arquiteturas, as músicas, as artes plásticas, entre vários outros, um espaço onde o mundo moderno nasce e também adquire formas para o futuro. O olhar de Bauman incorpora o princípio de um espelho ético. O que volta para você são todas as suas atividades, sua linguagem e tudo que você disse ou fez sem pensar.

Bauman (2017) em uma de suas cartas registra também que atualmente vivemos em um mundo onde os contrastes de riqueza e de poder cada vez crescem mais, porém, em relação às diferenças no quesito da segurança ambiental, entre outras, diminuem. A sensação de insegurança/segurança atinge a todos, fazendo com que milionários vivam dramas e conflitos pessoais que, através das redes sociais, se tornam conhecidos por pessoas que não possuem nada em comum a eles.

Vivemos em um mundo que deixou de controlar a si mesmo, embora ainda busque-se controlar os indivíduos que não podem responder aos seus dilemas nem reduzir as tensões que o próprio mundo semeou.

Um dos pontos que o autor trata em seu livro é a questão da mídia e das tecnologias, inclusive falando das redes sociais. “Se você é um político e não aparece na TV, você não existe. Mas isso é notícia velha. A notícia nova é esta: se você não está disponível nas redes sociais, não está em lugar algum.” (DONSKIS, 2017, p.8). Ele complementa ainda que uma recusa a se juntar ao *Facebook* faz você perder conexões e destaque e ainda vai além, fala que não é apenas perder relacionamentos, mas sim uma separação “social por excelência”.

Essa questão das tecnologias também implica diretamente no tema do que é confiável ou não. E a partir do momento em que todos os que estão nas redes sociais digitais podem produzir conteúdo, onde iria parar o jornalismo? E como viver sem a tecnologia?

A tecnologia não permitirá que você permaneça à margem. Eu posso transmuta-se em eu devo. Posso, logo devo. Não se permitem dilemas. Vivemos numa realidade de possibilidades, não de dilemas. Isso é algo semelhante à ética do WikiLeaks, em que não há espaço para a moral. É obrigatório espionar e vaziar, embora não esteja claro por que motivo e com que finalidade. Isso é algo que deve ser feito apenas porque é tecnologicamente viável. Há aí um vácuo moral criado por uma tecnologia que sobrepujou a política. (Ibid., p.9)

Donskis também trata do “mal”, “o problema dessa consciência não é a forma nem a legitimidade do poder, mas sua quantidade. Pois o mal (a propósito, secretamente adorado) está onde haja mais poder financeiro e político” (Ibid., p.9).

Sendo assim, o mal estaria à espreita no Ocidente. Mesmo que tenhamos chegado a um mundo onde ele estaria fraco e impotente e, por isso, exaurido e encobrindo rastros. Para Donskis (2017), temos duas manifestações desse novo mal: a insensibilidade ao sofrimento humano e o desejo de colonizar a privacidade apoderando-se de segredos. Nesse ponto o autor diz que o uso global de biografias, de intimidades e experiências de outras pessoas é um sintoma dessa insensibilidade.

Continuando na questão do mal, Donskis (2017) afirma que pensamos que o mal vive em outro local, ou seja, que ele não estaria em nós, mas à espreita em certos locais, certos territórios que são hostis. Porém, essa ilusão e esse autoengano estão presentes no mundo atualmente, assim como estava a tempos atrás.

A representação do mal como fator objetivamente existente foi por muito tempo encorajada por histórias religiosas e pelas mitologias do mal. Mas mesmo agora nos recusamos a procurar o mal dentro de nós. Por quê? Porque isso é insustentavelmente difícil e subverte a lógica da vida cotidiana de uma pessoa comum. (DONSKIS, 2017, p.10)

Donskis (2017) nos traz ainda que a geografia simbólica do mal não para em uma fronteira de sistemas políticos, mas penetra nas mentalidades, nas culturas, nos espíritos de nacionalismo, nos padrões de pensamento e, inclusive, na consciência. O mundo que Bauman analisa deixa de ser assim uma caverna habitada por monstros e demônios.

Donskis diz que: “Bauman escreve sobre o inferno que um ser humano normal e aparentemente bondoso, bom vizinho e homem de família, cria para o outro, recusando-se a conceder-lhe individualidade, mistério, dignidade e uma linguagem sensível.” (2017, p.11) Nesse sentido, Bauman não se distancia da concepção de Hannah Arendt de que tratamos na seção anterior (seção 3.1), quando cunha o conceito de banalidade do mal, no qual todos esperavam ver um monstro, mas na verdade veem uma pessoa normal, um “banal burocrata da morte cuja personalidade e atividade são testemunhos de uma extraordinária normalidade e até de um elevado senso de dever moral.” (Ibid., p.11).

De acordo com Donskis (2017), por esse aspecto Bauman não interpreta o Holocausto como sendo feito por vários monstros e demônios, mas sim por um conjunto de condições horríveis.

(...) sob as quais os membros de uma nação fariam as mesmas coisas que os alemães e outras nações fizeram – nações que tiveram a oportunidade de interpretar rápida e simplesmente seus próprios sofrimentos e os fatos em que se envolveram. A fuga de insuportáveis dilemas humanos para um objetivo de luta sonoramente formulado e para um programa de aniquilação de um adversário ideológico é o caminho que leva à confirmação do Holocausto. Se você não tem coragem de olhar nos olhos de uma criança inocente, mas sabe que está lutando contra seu inimigo, acontece algo que

poderia ser chamado de desvio de olhar, de um ser humano para a razão instrumental e para uma linguagem capaz de alterar o mundo. (p.11)

Donskis e Bauman (2017), na obra já citada, debatem a questão do mal na sociedade contemporânea, discutindo que hoje em dia ele não é mais representado pela figura de um ditador totalitário, ou das guerras, ou de invasões, mas sim, o mal é visto de todos os lados, sem ter uma forma exata. “Assim como todo mal tem a obrigação de ser exterminado, as pessoas partem para estatísticas e se voltam para as exigências do mercado de trabalho e do consumo” (SOUZA JUNIOR, 2016, p.118). Com isso, as pessoas tendem a olhar mais para si mesmas como uma necessidade da sociedade contemporânea.

O mal não estaria confinado em guerras, ideologias totalitárias, mas sim se revelaria com maior frequência quando deixamos de reagir ao sofrimento de uma pessoa, ou quando nos recusamos a compreender o outro.

Hoje ele se revela com mais frequência quando deixamos de reagir ao sofrimento de outra pessoa, quando nos recusamos a compreender os outros, quando somos insensíveis e evitamos o olhar ético silencioso. Ele também habita os serviços secretos, quando estes, motivados pelo amor à pátria ou pelo senso de dever (cujas profundidade e autenticidade não seriam questionadas por intelectuais especializados na ética de Immanuel Kant, nem pelo próprio Kant), destroem inflexivelmente a vida de um homem ou de uma mulher comum apenas porque talvez não houvesse outro jeito, ou por estar no lugar errado no momento errado, ou porque o serviço secreto de outra nação lhes pediu um favor, ou porque alguém precisava provar sua lealdade e dedicação ao sistema, ou seja, ao Estado e às suas estruturas de controle. (DONSKIS, 2017, p.14)

O que existe, na opinião dos autores, é um afastamento das pessoas em relação às regras morais da sociedade, e com pensamentos apenas naquilo que é racional. Com esse novo padrão de comportamento o homem prioriza os relacionamentos em rede e, da mesma forma que os fazem, os desfazem. Em outro livro, *Amor Líquido* (2004), Bauman afirma que a cultura consumista, que favorece um produto pronto para o consumo imediato, é um dos pontos maiores para a dificuldade de amar: “o amor não se adquire em prateleiras geladas de supermercados, nem é ofertado em folders nos semáforos da vida. Amor não é escolha, nem engajamento; amor é espontaneidade, virtualidade, liberdade.” (MARTA, 2018, p. 25)

Bauman (2017) traz um novo conceito, o da “adiaforização”, para falar sobre o fato da falta de importância que se dá à dor dos outros, a falta de sentimento, a perda da história.

Ludwig Wittgenstein observou que o sofrimento de certo número de pessoas, ou mesmo de toda a humanidade, não pode ser maior – mais agudo, profundo e cruel – que o sofrimento de um único membro da raça humana. Este é um polo do eixo moral-imoral. O outro polo é a ideia de que o cuidado com a saúde do corpo social exige uma cirurgia drástica, as partes doentes (ou com essa tendência) do corpo precisam ser amputadas. O restante do discurso moral se move entre esses dois polos. Mas “adiaforização” para mim significa os estratagemas voltados para

colocar, com intenção ou não, certos atos e/ou a omissão deles em relação a certas categorias de seres humanos fora do eixo moral-imoral – ou seja, fora do “universo das obrigações morais” e do reino dos fenômenos sujeitos à avaliação moral; estratégias para declarar tais ações ou inações, de maneira implícita ou explícita, “moralmente neutras” e impedir que as escolhas entre elas sejam submetidas a um julgamento ético – o que significa assumir o opróbrio moral (um retorno forçado, poder-se-ia dizer, ao estado paradisíaco de ingenuidade anterior à primeira mordida do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal). Na sabedoria popular, esse conjunto de estratégias tende a ser coligido sob a rubrica “os fins justificam os meios”; ou “embora esse ato possa ter sido ruim, ele era necessário para defender ou promover o bem maior”. Na clássica modernidade “sólida”, a burocracia era a principal oficina em que atos moralmente carregados eram remodelados como adiafóricos. Hoje, suspeito, os mercados assumiram a maior parte desse papel. Para mim o termo “adiafórico” não significa “desimportante”, mas “irrelevante” ou, melhor ainda, “indiferente” ou “equilibrado”, segundo as intenções e sugestões de conselhos eclesiais ruminando sobre a concordância ou contradição de crenças específicas em relação aos cânones da fé cristã, crenças proclamadas pelo Concílio como “adiafóricas” poderiam ser sustentadas pelos membros da Igreja sem que estes caíssem em pecado. (Bauman, 2017, p.39)

Bauman (2017) também fala respondendo a Donskis sobre a questão da rapidez das informações e da quantidade das mesmas. Donskis (2017) falava que estávamos perigando perder a capacidade de acompanhar tudo que ocorria e de conseguir se solidarizar com as pessoas que sofriam algo. Bauman (2017) achava isso justificável, uma vez que era um perigo existente em uma vida onde o ritmo é feito por guerras de audiência de TV, por retornos de bilheteria da mídia, onde “a informação administrada pela TI envelhece bem antes de se estabelecer, fincar raízes e amadurecer num debate informado – uma ‘vida apressada’, em que todos nós sofremos sob a ‘tirania do momento’.” (BAUMAN, 2017, p.40).

Outro ponto tratado no livro *Cegueira Moral* é o relacionado a catástrofes e à relação de ajuda que temos perante elas. Bauman (2017) diz que corremos para a ajudar as vítimas de uma catástrofe em um momento de pausa breve na rotina cotidiana, apenas para retomar à rotina após o choque. E em relação à essa tirania do momento, o autor afirma que ela instala a fadiga da compaixão, fazendo com que se espere um novo choque para rompê-la.

O horror de um grande terremoto ou inundação tem muito mais chance de nos estimular à ação que o lento (poder-se-ia dizer imperceptível) aumento da desigualdade em matéria de renda e oportunidades de vida. Um único ato de crueldade tem mais possibilidade de atrair para as ruas uma multidão de manifestantes que as doses monotonamente administradas de humilhação e indignidade a que os excluídos, os sem-teto, os degradados são expostos dia após dia. Um ato iníquo de homicídio ou uma catástrofe ferroviária atinge as mentes e os corações de forma mais poderosa que o tributo gotejante, porém contínuo, irresistível e rotineiro, pago pela humanidade na moeda de vidas perdidas ou desperdiçadas diante do monstro da tecnologia e do funcionamento impróprio de uma sociedade cada vez mais blasé, insensível, indiferente e despreocupada, já que consumida pelo vírus da adiaforização. (Ibid., p.42)

Teríamos, assim, que uma catástrofe prolongada abre um caminho da própria continuação, fazendo com que o choque e a indignação inicial vão ao esquecimento, se

enfraqueça a solidariedade humana em relação às vítimas, e, assim sendo, diminuindo a possibilidade de que se unam forças com o objetivo de evitar que haja outras vítimas no futuro.

Outro ponto tema do livro é sobre os intelectuais e os impactos que a tecnologia trouxe, principalmente na questão da política. Donskins (2017) afirma que estamos em uma época em que os intelectuais à moda antiga, ou *pré-Facebook*, correm o risco de serem relegados para a margem política ou da área pública. Hoje, se você for a público, só poderia se fazer audível e visível por meio da novidade das tecnologias da informação e da comunicação, ou seja, em geral, a tecnologia teria ultrapassado a política.

Ou você se envolve ativamente no mundo da TI ou não existe mais. Você pode, logo deve. Você pode estar on-line, logo, deve estar on-line. Se estiver off-line, deixa de participar da realidade. Ponto-final. Mas é muito cedo para tocar a marcha fúnebre dos intelectuais. Estes podem sobreviver formando comunidades de mentalidade crítica e interpretativa, tal como sugerido por Montalbán. Além disso, podem ser úteis na moldagem de novos movimentos sociais, o que se torna óbvio na era do Facebook. Os movimentos sociais, por sua vez, podem remodelar nossa vida política deixando pouco daquilo que até agora concebíamos como política convencional. Pois tudo isso parece o fim – ou pelo menos o começo do fim – da Política com P maiúsculo em nosso mundo contemporâneo. A política clássica sempre foi associada ao poder de transformar problemas privados em questões públicas, assim como ao poder de internalizar questões públicas e transformá-las em problemas privados ou existenciais. Hoje esse mecanismo político está fora de sintonia. O que nós em nossa política pós-moderna tratamos como questões públicas são mais frequentemente problemas privados de figuras públicas. É um segredo público, portanto, que nossa época seja aquela em que a política sai de cena. Veja os numerosos palhaços políticos que estão se tornando mais populares agora que qualquer político à moda antiga, de tipo burocrático ou especializado. (DONSKIS, 2017, p.49)

Com isso, estamos nos aproximando de maneira rápida de uma fase da vida política em que o grande rival de um partido bem estabelecido não será outro partido de corte ou tonalidade diferente, mas uma organização não governamental ou um movimento social influente.

Por fim, vale o destaque sobre o medo nos dias atuais, que também é tratado no livro de Bauman e Donskins: “o medo não parece uma anormalidade revogável e curável, uma intumescência cancerosa no admirável mundo novo da modernidade, uma excrescência maligna que precisa ser extirpada, mas que ainda pode ser objeto de cirurgia” (Ibid., p.88). E essa cirurgia sendo realizada, mesmo assim não se sabe se o “paciente voltaria vivo”. Os autores apontam que parece que modernidade e medo são irmãos, irmãos tão grudados que não haveria como separar. Eles trazem três razões que sempre existiram para se ter medo:

Existem, e sempre existiram em todas as épocas, três razões para se ter medo. Uma delas era (é e continuará a ser) **a ignorância**: não saber o que vai acontecer em seguida, o quanto somos vulneráveis a infortúnios, que tipo de infortúnios serão

esses e de onde provêm. A segunda era (é e continuará a ser) **a impotência**: suspeita-se que não há nada ou quase nada a fazer para evitar um infortúnio ou se desviar dele, quando vier. A terceira era (é e continuará a ser) **a humilhação**, um derivado das outras duas: a ameaça apavorante à nossa autoestima e autoconfiança quando se revela que não fizemos tudo que poderia ser feito, que nossa própria desatenção aos sinais, nossa indevida procrastinação, preguiça ou falta de vontade são em grande parte responsáveis pela devastação causada pelo infortúnio. (DONSKIS, 2017, p.88, grifo nosso)

Ainda de acordo com os autores, com o medo surge uma obsessão por segurança que não para, mas que traz muitos estragos.

(...) talvez o efeito mais pernicioso, seminal e prolongado da obsessão com segurança (o “dano colateral” que ela produz) seja solapar a confiança mútua, plantar e cultivar a suspeita recíproca. Com a falta de confiança, traçam-se fronteiras; com a suspeita, elas são fortificadas, ocasionando prejuízos mútuos, e transformadas em linhas de frente. Um déficit de confiança leva a uma quebra da comunicação; com a retração da comunicação e a falta de interesse em sua renovação, o “estranhamento” dos estrangeiros tende a se aprofundar e adquirir tons cada vez mais sombrios e sinistros, o que por sua vez os desqualifica ainda mais como potenciais parceiros de um diálogo e na negociação de um modo de coexistência mutuamente seguro e agradável. O tratamento dos estrangeiros como simples “problema de segurança” é subjacente a uma das causas do verdadeiro “moto-perpétuo” nos padrões de interação humana. A desconfiança em relação aos estrangeiros e a tendência a estereotipar todos eles, ou algumas categorias selecionadas, como bombas relógios prontas a explodir crescem em intensidade a partir de uma lógica e de um ímpeto próprios, sem necessidade de apresentar novas provas de sua adequação nem estímulos adicionais provenientes de atos de hostilidade por parte do pretense adversário (ou seja, eles mesmos produzem provas e estímulos em profusão). Em geral, o principal efeito da obsessão com a segurança é o rápido crescimento (e não a redução) da sensação de insegurança, com todos os acessórios de pânico, ansiedade, hostilidade, agressão, mais o esvaziamento ou supressão dos impulsos morais. (BAUMAN, 2017, p.95)

Porém, isso não significa que segurança e ética não sejam conciliáveis. Apenas nos mostra que a obsessão por segurança e com segurança tende a dificultar uma estrada para uma coexistência pacífica de etnias, credos e outras manifestações de diversidade. Com cada vez maiores diferenças humanas em todos os ambientes, o diálogo respeitoso é condição de extrema importância para a sobrevivência planetária.

É conhecida a dificuldade de se atingir esse diálogo e de defender contingências, mas a dificuldade só leva à necessidade de se ter boa vontade, dedicação, disposição, respeito mútuo e aversão à humilhação. É necessário e determinante restaurar um equilíbrio entre segurança e adequação ética.

Como informamos no título desta seção, outro ponto de estudo de Bauman é questão das comunidades.²² A comunidade pode ser visualizada sociologicamente, dado que ela continua a ter uma expressão da realidade cotidiana das pessoas, o que é algo embargado de

²² A partir desse momento utilizaremos uma obra de Bauman apenas, finalizando a parte anterior das trocas de cartas entre Bauman e Donskis.

maneira contundente e peculiar pelo sociólogo. Tal expressão vai reverberar inclusive na querela entre liberalismo e comunitarismo. A participação do autor nesse debate sobre a disputa em questão da comunidade nas sociedades contemporâneas tem, como origem, algo que está sempre marcado em suas obras e que já discutimos: a dupla constituída pelos valores segurança e liberdade. E é assim que Bauman (2003b) começa seu livro *Comunidade a busca pela segurança no mundo atual*:

As palavras têm significado: algumas delas, porém, guardam sensações. A palavra “comunidade” é uma dessas. Ela sugere uma coisa boa: o que quer que “comunidade” signifique, é bom “ter uma comunidade,” “estar numa comunidade”. Se alguém se afasta do caminho certo, frequentemente explicamos sua conduta reprovável dizendo que “anda em má companhia”. Se alguém se sente miserável, sofre muito e se vê persistentemente privado de uma vida digna, logo acusamos a sociedade — o modo como está organizada e como funciona. As companhias ou a sociedade podem ser más; mas não a comunidade. Comunidade, sentimos, é sempre uma coisa boa. Os significados e sensações que as palavras carregam não são, é claro, independentes. “Comunidade” produz uma sensação boa por causa dos significados que a palavra “comunidade” carrega — todos eles prometendo prazeres e, no mais das vezes, as espécies de prazer que gostaríamos de experimentar mas que não alcança mais. Para começar, a comunidade é um lugar “cálido”, um lugar confortável e aconchegante. É como um teto sob o qual nos abrigamos da chuva pesada, como uma lareira diante da qual esquentamos as mãos num dia gelado. Lá fora, na rua, toda sorte de perigo está à espreita; temos que estar alertas quando saímos, prestar atenção com quem falamos e a quem nos fala, estar de prontidão a cada minuto. Aqui, na comunidade, podemos relaxar — estamos seguros, não há perigos ocultos em cantos escuros (BAUMAN, 2003b, p.7)

O autor afirma que em uma comunidade todos entendemo-nos bem, há confiança entre um e outro e que podemos confiar no que ouvimos, que estamos seguros em grande parte do tempo, que nunca seríamos estranhos entre nós mesmos, as discussões seriam amigáveis, pois todos ali estariam tentando de alguma maneira melhorar a situação e tornar ainda mais agradável a convivência. Com isso, nunca desejaríamos o mal ao outro, ou má sorte a outra pessoa e estaríamos certos de que os outros à nossa volta nos querem bem. Isso nos leva a um ponto importante: o da cooperação, da ajuda de um ao outro, da boa vontade, entre outras milhares de características positivas. E assim é fácil compreender porque a palavra “comunidade” sugere coisa boa. “Quem não gostaria de viver entre pessoas amigáveis e bem intencionadas nas quais pudesse confiar e de cujas palavras e atos pudesse se apoiar?” (Ibid., p.8)

Porém, o autor também assevera que existem pontos negativos de se viver em comunidade. Ele informa que é o preço da liberdade, ou da autonomia ou o direito à autoafirmação e à identidade. Assim como qualquer escolha sempre tem seu lado bom e ruim, não ter a comunidade significaria não ter proteção; porém, conseguir alcançar uma

comunidade faz com que, em breve, se comece a ter uma perda de liberdade. Segurança e liberdade são valores preciosos e desejados, mas ainda não alcançados sem atritos.

De qualquer modo, nenhuma receita foi inventada até hoje para esse ajuste. O problema é que a receita a partir da qual as “comunidades realmente existentes” foram feitas torna a contradição entre segurança e liberdade mais visível e mais difícil de consertar. Dados os atributos desagradáveis com que a liberdade sem segurança é sobrecarregada, tanto quanto a segurança sem liberdade, parece que nunca deixaremos de sonhar com a comunidade, mas também jamais encontraremos em qualquer comunidade autoproclamada os prazeres que imaginamos em nossos sonhos. A tensão entre a segurança e a liberdade e, portanto, entre a comunidade e a individualidade, provavelmente nunca será resolvida e assim continuará por muito tempo (BAUMAN, 2003b, p.10)

A comunidade verdadeira, não é a produzida de maneira artificial ou imaginada, “por mais firme que seja estabelecido, portanto, nenhum acordo parecerá tão ‘natural’ e ‘evidente’ como nas comunidades de Tönnies e Redfield, por mais que seus porta-vozes ou promotores façam por retratá-lo como tal” (Ibid., p.19). Essa comunidade não se sustenta mais, isso porque ambos analisam a comunidade de forma que ela só pode ser pensada em uma época pré-moderna, ou de transição para a modernidade. Em uma modernidade líquida nos fazem ter outro tipo de olhar para a questão comunitária. Bauman mostra que Tönnies explicitava que a comunidade verdadeira se baseava no fato de que o entendimento é compartilhado por todos, porém, que isso é diferente de consenso: “Vejam bem: o consenso não é mais do que um acordo alcançado por pessoas com opiniões essencialmente diferentes, um produto de negociações e compromissos difíceis, de muita disputa e contrariedade, e murros ocasionais” (Ibid., p.15).

Isso ocorre de maneira natural, fazendo com que haja organicidade, o conteúdo de um entendimento mútuo não pode ser compreendido nem determinado, pois teríamos um acordo produzido, mas o entendimento de maneira comunitária garantiria uma imersão. Porém, pelo fato de o entendimento ter de ser natural, a comunidade não resiste a um momento em que ele passa do natural para o autoconsciente, que é quando é submetido a exame e à contemplação. Bauman ainda mostra que, para Tönnies, “numa verdadeira comunidade não há motivação para a reflexão, a crítica ou a experimentação” (Ibid., p.17).

Já Bauman diz que Robert Redfield define três atributos principais das comunidades reais, que ele são:

“Distinção” significa: a divisão entre “nós” e “eles” é tanto exaustiva quanto disjuntiva, não há casos “intermediários” a excluir, é claro como a água quem é “um de nós” e quem não é, não há problema nem motivo para confusão — nenhuma ambigüidade cognitiva e, portanto, nenhuma ambivalência comportamental. 18 “Pequenez” significa: a comunicação entre os de dentro é densa e alcança tudo, e assim coloca os sinais que esporadicamente chegam de fora em desvantagem, em

razão de sua relativa raridade, superficialidade e transitoriedade. E “auto-suficiência” significa: o isolamento em relação a “eles” é quase completo, as ocasiões para rompê-lo são poucas e espaçadas. As três características se unem na efetiva proteção dos membros da comunidade em relação às ameaças a seus modos habituais. Enquanto cada um do trio estiver intacto, é muito pouco provável que a motivação para a reflexão, a crítica e a experimentação possam surgir. (BAUMAN, 2003b, p.17)

A “pequena comunidade” depende principalmente do bloqueio dos canais de comunicação com o resto do mundo, porque a unidade da comunidade é feita pelo mesmo material da homogeneidade, e essa encontra dificuldades quando suas condições começam a cair, principalmente em relação ao equilíbrio da comunicação de dentro para fora antes inclinado para o interior, começa a mudar, embaçando a distinção entre “nós” e “eles”. “A mesmidade se evapora quando a comunicação entre os de dentro e o mundo exterior se intensifica e passa a ter mais peso que as trocas mútuas internas.” (BAUMAN, 2003, p.18) E essa fissura nos muros da comunidade se torna banal, com o surgimento dos meios de transporte, dos portadores de informações alternativas, que trazem informações diferentes e conflitantes.

A distância, outrora a mais formidável das defesas da comunidade, perdeu muito de sua significação. O golpe mortal na naturalidade do entendimento comunitário foi desferido, porém, pelo advento da informática: a partir do momento em que a informação pode viajar e passar independente do portador, e em uma velocidade muito mais avançada, a fronteira não pode mais ser estabelecida nem mantida. Por isso, a partir desse momento em que se impossibilitou a manutenção, toda a homogeneidade deve ser “pinçada” de uma massa confusa e variada por via de seleção, separação e exclusão; toda unidade precisa ser construída; o acordo artificialmente produzido é a única forma disponível de unidade. Com isso, o entendimento comum só pode ser uma realização que será alcançada ao fim de muitas argumentações e persuasões, junto a uma competição com outras potencialidades.

E, mesmo se alcançado esse acordo, não estará livre da lembrança dessas lutas e das escolhas feitas ao longo do percurso. “Por mais firme que seja estabelecido, portanto, nenhum acordo parecerá tão ‘natural’ e ‘evidente’ como nas comunidades de Tönnies e Redfield, por mais que seus porta vozes ou promotores façam por retratá-lo como tal”. (BAUMAN, 2003, p.19) Ou seja, nunca será imune a uma reflexão, a uma constatação a uma discussão. Quando muito atingirá o *status* de um “contrato preliminar”, um acordo que precisa ser periodicamente renovado, sem que qualquer renovação garanta a renovação seguinte.

Bauman (2003b) em seu posfácio, diz que sentimos falta da comunidade, pois sentimos insegurança. Porém, a comunidade continua em falta, pois escapa do nosso alcance,

devido à maneira como o mundo nos estimula a realizar nossos sonhos de vida segura, o que não nos aproxima de uma realização. Nossa insegurança aumenta e continuamos sonhando, tentando e fracassando.

A insegurança se origina do mundo no qual vivemos, um mundo flexível, plural, competitivo, com incertezas, em que cada um fica por conta própria. Esse mundo volátil leva a investir em algo que podemos ou que supomos poder controlar, seja qual for a nossa autopreservação. E uma delas é o atenuante de buscar mais segurança para a nossa insegurança, para a nossa integridade e para a nossa propriedade. Nesse ponto, entramos na questão que a nossa comunidade faz do outro um estranho, algo a ser evitado. Tentamos uma segurança privada, tentamos murar e dividir, porém, quanto mais seguros ficamos, mais inseguros estamos, pois cada vez mais os outros, os que não dispõem disso, ficam mais ameaçadores e cada vez mais entramos em xeque com a questão da nossa liberdade. Não é difícil vermos no Rio de Janeiro condomínios com muita segurança, dos quais os inquilinos sequer costumam sair.

Esses outros, ou os estranhos, são a falta da proteção a insegurança assombrada. “De uma maneira bizarra e ao mesmo tempo perversa sua presença é um conforto: os temores difusos e esparsos, difíceis de apontar e nomear, ganham um alvo visível, sabemos onde estão os perigos e não precisamos mais aceitar os golpes do destino placidamente.” (BAUMAN, 2003, p.130)

As fontes dessa insegurança são ocultas, não aparecem nos mapas, sendo assim não conseguimos situá-las com precisão. Porém, as ameaças, as substâncias estranhas “botamos na boca, ou os estranhos que passam, sem ser convidados, pelas ruas conhecidas por onde andamos, são bem visíveis.” (Ibid., p.130).

Se poderemos ter uma comunidade no mundo dos indivíduos, essa só poderá ser uma comunidade criada em um conjunto de compartilhamento e cuidado mútuo, ou seja, uma comunidade de interesse e de responsabilidade em relação aos direitos de sermos humanos iguais e com capacidade de agirmos em busca e em defesa desses direitos.

3.3 O desengajamento moral para Bandura e o efeito Lúcifer de Zimbardo

Outro autor que é importante tratar, mas que não é tão citado como os outros trabalhados até o momento, é Bandura – psicólogo canadense e professor de psicologia social da Universidade de Stanford. Tem contribuições no campo da Psicologia Social, Cognitiva, Psicoterapia e Pedagogia. Para muitos é um dos principais teóricos da Psicologia Social.

Seu pensamento e sua contribuição teórica são conhecidos hoje em dia como Teoria Social Cognitiva, e dentro dessa complexa teoria há outras menores que serviram de base para a compreensão do pensamento e da ação humana. São elas a agência moral e o desengajamento moral.

De acordo com a Teoria Social Cognitiva, as pessoas “são produto e produtoras do ambiente em que vivem, podendo nele atuar de forma agêntica, ou seja, com a intencionalidade de que sua ação produza efeito no ambiente, sendo também por ele transformado” (AZZI, 2011, p.211).

O desengajamento moral, dentro do pensamento de Bandura, se estabelece em uma explicação sobre a agência moral “em uma perspectiva que vai além da discussão sobre cognições no campo da moral, e aborda o assunto a partir de um ponto de vista que integra pensamento e ação, conforme postulado pela teoria da qual a explicação faz parte, a teoria social cognitiva (Bandura, 1999)” (Ibid., p.210).

Iglesias (2008), em um capítulo do livro de Bandura, Azzi e Polydoro, explica o uso do termo desengajamento moral:

Bandura propôs o conceito de desengajamento moral para mostrar como as pessoas podem encontrar justificativas para cometer atos antissociais sem se sentirem culpadas ou censuradas por isso. Daí o uso do termo ‘desengajamento’, mostrando que é possível se desprender ou desengajar dos próprios padrões morais para cometer atos antissociais deliberadamente, sem autocondenação. (p. 165)

A Teoria Cognitiva Social não adota um viés interacionista apenas na aprendizagem, mas também na questão da moralidade, fazendo com que as ações morais sejam um produto da interação entre influências cognitivas, influências afetivas e influências sociais. Segundo Azzi (2011, p.211), na teoria social cognitiva “o pensamento moral é um processo em que regras e padrões multidimensionais são usados para o julgamento da conduta. O raciocínio moral está ligado à ação moral por meio da autorregulação afetiva, através da qual o agir moral é exercido (BANDURA, 1986, 1991).”.

Polydoro e Azzi (2008, p.161) nos ajudam a compreender esse exercício da autorregulação.

O mecanismo da autorregulação por meio do qual a agência moral é exercida tem especial relevância no autogerenciamento do comportamento transgressivo (Bandura 1991, 2002, 2006). Ele tem dois aspectos – um inibitório e um proativo (Bandura, 1999). A forma inibitória manifesta-se na capacidade de frear ações desumanas. A forma proativa de moralidade se expressa na capacidade de agir de forma humana (Bandura, 2001, 2002).

Azzi (2011) nos mostra que os padrões morais não têm funcionalidade de serem um regulador interno fixo de conduta. Com isso, a ativação seletiva junto aos mecanismos de desengajamento admite diferentes comportamentos pelas diferentes pessoas com o mesmo padrão de moral. “Os atos repreensíveis são cometidos em contextos triádicos recíprocos nos quais os indivíduos estão inseridos. O funcionamento moral é, portanto, regulado por uma individualidade autorreativa dentro de um determinado contexto.” (p.211) Vale destacar que, para Azzi, Bandura nos traz que os mecanismos de autorregulação que gerem a conduta moral não entram em jogo, apenas quando são ativados.

Azzi (2011) continua em seu texto trazendo o que Bandura esclarecia a respeito do desengajamento moral ser realizado pelo desengajamento gradual de autocensura. Ou seja, as pessoas às vezes não reconhecem as mudanças que vão acontecendo em relação às suas referências. Isso é ponto para entendermos como vamos naturalizando aos poucos cenas e contextos nos quais deveríamos mostrar e manter indignação e indagação permanente sobre mudanças. A autora não para por aí, e traz uma leitura de Garrido, Masip e Herrero:

Garrido, Masip e Herrero (2009) lembram que Bandura deixa claro que os mecanismos de desengajamento moral não são exclusivos dos indivíduos. Pelos mesmos mecanismos, as sociedades buscam seus proveitos à custa de outros e, também, para justificar suas ações corporativas, por exemplo. Bandura (2002) destaca que, para funcionar de forma humana, as sociedades devem estabelecer garantias sociais eficazes contra o abuso de poder institucional com propósitos exploradores e destrutivos. Deve tornar-se difícil para as pessoas remover a humanidade de sua conduta (AZZI, 2011, p.212).

Bandura postulou oito processos para explicar o porquê das ações que os indivíduos realizam, e que muitas vezes são prejudiciais. Utilizaremos a tradução de Iglesias (2008) para apresentá-los:

- **Justificativa moral:** “opera quando o que é culpável pode se tornar uma conduta pessoal e socialmente aceitável, por meio de uma reconstrução cognitiva que representa a conduta antissocial.” Exemplo: Não há problemas em bater em alguém quando sua honra é ameaçada (p.168-169).
- **Linguagem eufemística:** “opera quando há um mascaramento de atividades repreensivas, na forma como são nomeadas, para diminuir a gravidade da ação ou conferir-lhe um status mais respeitável. Exemplo: Dar tapas e empurrões em alguém é só uma forma de brincadeira.” (p.169-170)
- **Comparação vantajosa:** “opera quando condutas prejudiciais parecem ter uma consequência pequena, se comparadas com atividades mais repreensíveis do que elas. Exemplo: Não há mal em insultar um colega, porque bater nele seria pior.” (p. 170)

- **Difusão de responsabilidade:** “O controle moral pode ser enfraquecido recorrendo à ideia de que outras pessoas estão agindo na mesma intenção. Quando todo mundo é responsável, ninguém se sente realmente responsável. Exemplo: As crianças não podem ser culpadas por falar palavrão quando todos os amigos fazem.” (p.170)

- **Deslocamento da responsabilidade:** “Usado quando as pessoas podem ver suas ações como emergindo de pressões sociais ou imposições dos outros, muito mais do que algo pelo que são pessoalmente responsáveis. Exemplo: Se uma criança está vivendo sob más condições, ela não pode ser culpada por se comportar agressivamente.” (p.169-171)

- **Distorção das consequências:** “Opera quando as pessoas acreditam fazer o mal pelo bem, ou que os fins justificam os meios. Exemplo: As crianças não se importam de serem caçadas porque isso mostra que elas estão recebendo atenção.” (p. 171)

- **Desumanização:** “Utilizado quando se retira das pessoas suas qualidades humanas ou atribui-se a elas qualidades bestiais. Exemplo: Alguém que é desagradável não merece ser tratado como um ser humano.” (p.171)

- **Atribuição de culpa:** “Opera quando as pessoas veem a si mesmas como vítimas sem culpa, pressionadas a agir de forma prejudicial por uma provocação forçada, ou então a ver suas vítimas como culpadas e merecedoras de seu prejuízo. Exemplo: Se as pessoas são descuidadas com seus pertences, então a culpa é delas se forem roubadas.” (p.171-172)

Ao invés desses oito mecanismos operarem de maneira independente, eles estão inter-relacionados dentro de um contexto estrutural que promove a conduta desumana no cotidiano. É desses mecanismos que algumas práticas e discursos se utilizam ao serem evocados. Sendo assim, o desengajamento moral usado por Bandura, traz uma explicação de como as pessoas se liberam de seus padrões morais para realizar ações danosas a outros, sem que se sintam culpadas por sua conduta não moral. É assunto inserido entre as explicações da regulação do comportamento humano, sendo descrito como parte da explicação sobre a autorregulação do comportamento moral.

Conforme Azzi (2011), Bandura (2005, 2007) destaca que os mecanismos de desengajamento moral se distribuem em quatro *locus*: do comportamento, de agência, de resultado e de receptor das ações. Bandura ainda explica que os oito mecanismos são divididos em quatro *locus*, a saber:

- **Comportamento:** temos a justificativa moral, a comparação vantajosa e a linguagem eufemística. Esses são os mecanismos mais eficazes, uma vez que eliminam a autocondenação e, por vezes, trazem consigo uma aprovação pela ação realizada.

- **Agência:** temos o deslocamento e a difusão de responsabilidade, que é onde as pessoas não se autocensuram, uma vez que o *locus* é difuso.
- **Resultado:** temos a minimização, a ignorância ou a distorção das consequências, uma vez que o efeito danoso que as práticas trazem é minimizado ou desconsiderado.
- **Receptor de ações:** temos a desumanização e a atribuição de culpa, uma vez que as vítimas são marginalizadas e culpadas pela condição em que estão.

Embora pareça que os comportamentos realizados através do desengajamento moral sejam ações realizadas por poucas pessoas, é necessário percebermos que comportamentos desse tipo ocorrem frequentemente no cotidiano. Sendo assim, é natural que testemunhemos práticas que vão contra padrões morais e que são compartilhadas socialmente, e com isso, temos que decidir como responder a elas. Ou seja, as pessoas se deparam com atitudes e com discursos que vão contra suas referências de moralidade, e cabe a elas responder com graus de concordância ou discordância.

Os estudos de Bandura a respeito do desengajamento moral vêm ganhando sempre atualizações e continuam sendo mantidos até os dias de hoje. Tentar explicar e estudar a questão da moral não é algo novo na Psicologia, “e a teoria social cognitiva é mais uma explicação em um conjunto que procura iluminar os caminhos pelos quais as sociedades podem constituir contextos sociais em que a vida humana seja plenamente respeitada” (AZZI, 2011, p.217).

Os mecanismos de desengajamento moral trabalham regularmente nas nossas vidas, e se faz necessário prestar atenção ao fato de que a “lógica do desengajamento está presente no dia a dia, alargando fronteiras em nossas referências, muitas delas em direção à tolerância cada vez maior em relação a ações que infligem sofrimento ao próximo” (AZZI, 2011, p.217). É importante desenvolvermos valores humanos para que a nossa agência moral mantenha uma direção proativa de engajamento.

Para finalizar esta seção, falaremos de Philip Zimbardo, professor da Universidade de Stanford desde 1968. Não é nossa intenção adentrar a fundo na obra de Zimbardo, mas sim falar um pouco sobre sua experiência, sua pesquisa e sua teoria.

Zimbardo se interessava em compreender como boas pessoas eram induzidas a tomar atitudes violentas ou errôneas e, com isso, decidiu estudar de que forma a persuasão alterava o comportamento das pessoas. Para o autor, a linha entre as pessoas boas e as pessoas más não era tão rígida e impermeável. Zimbardo escreveu um livro famoso, chamado *Efeito Lúcifer* (2012).

Outra abordagem para o problema do mal é apresentada por Phillip Zimbardo em o Efeito Lúcifer. Nesse texto o autor defende que o contexto e a situação são forças exteriores que, quando exercidas sobre o indivíduo, suspendem sua capacidade de distinção moral entre bem e mal. O mal, portanto, aparece como fruto de uma força situacional que impede escolhas e direciona ações, anulando qualquer capacidade crítica aos sujeitos e, de maneira muito mais perigosa, sua capacidade de ser responsável pelas mesmas. (PONTES e BRITO, 2014, p.386)

Antes de continuar a falar da obra do autor, é importante breve menção e pequena explicação sobre quem foi Lúcifer. Lúcifer tem origem na passagem bíblica que se conta que o anjo foi expulso dos céus, na hora que se rebelou contra o Criador. Até então, Lúcifer era um dos anjos preferidos de Deus. Sendo um dos principais anjos, a soberba tomou conta dele, assim como o orgulho. O pecado de Lúcifer foi ter deixado sua beleza e sua alta posição na hierarquia celeste subirem à cabeça. Orgulhoso, ele decidiu que queria construir seu trono acima de Deus e convenceu cerca de um terço dos anjos a apoiá-lo. Lúcifer acabou se recusando a servir a Deus. Com essa rebeldia foi expulso dos céus junto com os outros anjos que o seguiam, através de uma batalha, e foi enviado para o inferno.

Voltando a Zimbardo, em 1972 ele realizou um dos experimentos mais controversos da Psicologia até os dias de hoje. Para entender melhor a questão da maldade ele fez o Estudo da Prisão de Stanford.

Esse estudo era inédito, mas se baseava em outro experimento, a famosa Experiência de Milgram, que foi conduzido por Yale Milgram, e objetivava analisar e verificar o nível de obediência das pessoas em relação às autoridades.

Zimbardo em um Ted²³ fala um pouco sobre o que levou Milgram a pensar nesse experimento:²⁴

Existe um estudo que alguns de vocês crêm conhecer, mas muito poucas pessoas sequer leram a história. Vocês viram o filme. Este é Stanley Milgram, pequeno garoto judeu do Bronx, e ele fez a pergunta: "O holocausto poderia acontecer aqui, agora?" As pessoas dizem: "Não, isso foi na Alemanha Nazista, é Hitler, sabe, é 1939." Ele disse "Sim, mas suponha que Hitler pedisse a você, Você electrocutaria um estranho?" "Sem chance, não eu, eu sou uma pessoa boa." Ele disse "Por que não o colocamos em uma situação e damos a você a chance de ver o que você faria?" (2008, s.p.)

O experimento de Milgram ocorreu dez anos antes, e trouxe resultados acerca da obediência cega diante de um ato violento. Para realizar seu experimento, o pesquisador

²³ Our organization TED is a nonprofit devoted to spreading ideas, usually in the form of short, powerful talks (18 minutes or less). TED began in 1984 as a conference where Technology, Entertainment and Design converged, and today covers almost all topics — from science to business to global issues — in more than 100 languages. Meanwhile, independently run TEDx events help share ideas in communities around the world. Disponível em: <<https://www.ted.com/about/our-organization>>.

²⁴ Colocamos em português a tradução feita pelo próprio TED que é usada para legendar o vídeo que mostra a apresentação do autor.

selecionou alguns homens e os separou entre professores e estudantes, separando-os também em diferentes salas. Porém, Milgram não contou de fato o que era a experiência.

E então o que ele fez foi testar 1000 pessoas comuns. 500 em New Haven, Connecticut; 500 em Bridgeport. E a propaganda dizia: "Psicologistas querem entender a memória, queremos melhorar a memória das pessoas, porque a memória é a chave para o sucesso." OK? "Vamos lhe dar cinco dólares – quatro dólares pelo seu tempo." E dizia "Não queremos estudantes universitários, queremos homens entre 20 e 50" – nos estudos posteriores eles recrutaram mulheres – pessoas comuns: barbeiros, balconistas, colarinhos brancos. (Ibid., s.p.)

Após essa divisão, o professor realizava perguntas, sendo supervisionado por uma pessoa de jaleco branco, enquanto na outra sala havia os alunos que deveriam responder as perguntas se baseando em quatro alternativas. Quando as respostas dadas pelos alunos eram errôneas, o professor era orientado a apertar um botão para dar um choque no aluno. A cada resposta errada, aumentava-se a voltagem do choque; sempre era informado pela pessoa de jaleco branco que não havia nenhum problema e que aquilo não faria mal.

Então vocês vão, e um de vocês vai ser o aprendiz, e um de vocês vai ser o professor. O aprendiz é um cara genial, de meia-idade. Ele é amarrado ao aparato de choque em outra sala. O aprendiz podia ser de meia-idade, podia ser jovem como 20 anos. E um de vocês é instruído pela autoridade, o cara com o jaleco de laboratório, "Seu trabalho como professor é dar a este cara material para aprender. Se ele acerta, premie-o. Se ele erra, pressione um botão na caixa de choque. O primeiro botão é de 15 volts. Ele nem sente." Essa é a chave. Todo o mal começa com 15 volts. E então o próximo passo tem mais 15 volts. O problema é, o último botão é de 450 volts. E na medida que você avança o cara está gritando, "Tenho problema cardíaco! Quero sair daqui!" (ZIMBARDO, 2008, s.p.)

A análise do estudo era focada no professor, para se identificar até onde iria a obediência de alguém nessas circunstâncias e assim tentar compreender como a obediência a autoridades funcionam. Como por exemplo, como os soldados nazistas obedeciam tanto aos comandos de seus superiores (ou responsáveis) para matar milhares de pessoas.

É importante destacar que, como já informado, as voltagens iam aumentando até números bem expressivos. “E a pergunta é, quem iria até o fim aos 450 volts? Vocês devem notar aqui, quando chega a 375, diz ‘Perigo: choque grave.’. Quando chega aqui, é ‘XXX’: a pornografia do poder.” (ZIMBARDO, 2008, s.p.)

Outro ponto importante da pesquisa é relacionado à obediência. “Você é uma pessoa boa. Você reclama. ‘Senhor, quem será responsável se algo acontecer a ele?’ O experimentador diz ‘Não se preocupe, eu serei responsável. Continue, professor.’” (Ibid., s.p.) Percebemos a força da obediência no quesito de transferência de responsabilidade para uma figura de autoridade, de responsável.

Os professores, mesmo questionando realizarem tal ato quando ouviam os gritos que vinham do outro lado da sala, continuavam a realizar o experimento ao ouvirem o supervisor responsável informando para continuarem, pois ele se responsabilizaria por tudo que ocorresse. Mesmo com vários professores se sentindo desconfortáveis na pesquisa, a maioria continuava a apertar os botões e a aumentar a carga da voltagem.

Então Milgram perguntou a 40 psiquiatras, "Que percentual dos cidadãos Americanos iriam até o fim?" Eles disseram apenas 1 por cento. Porque isso é comportamento sádico, e sabemos, psiquiatras sabem, apenas 1 por cento dos Americanos são sádicos. OK. Aqui estão os dados. Eles não poderiam estar mais errados. Dois terços vão até o fim aos 450 volts. Isso foi só um estudo. Milgram fez mais que 16 estudos. E vejam isto. No estudo 16, quando você vê alguém como você ir até o fim, 90 por cento vão até o fim. No estudo cinco, se você vê pessoas se rebelarem, 90 por cento se rebelam. E quanto às mulheres? Estudo 13: nenhuma diferença dos homens. Portanto Milgram está quantificando o mal como a propensão das pessoas a obedecer cegamente à autoridade, a ir até o fim para 450 volts. E é como girar um botão na natureza humana. Girar um botão no sentido de poder tornar quase todo mundo totalmente obediente. Até a maioria, até ninguém. (Ibid., s.p.)

É interessante perceber que, mesmo as pessoas não concordando com o que estavam realizando, o fato de se ter uma autoridade fazia com que diminuísse o nível de questionamento dos professores e, sendo assim, o senso de coletividade para que não ocorresse prejuízo ao outro. Ou seja, uma falta de responsabilidade social e, principalmente, uma falta de questionamento, de reflexão e de pensar.

Zimbardo (2008) ainda apresenta outro exemplo de obediência a um líder ou a uma pessoa que esteja no poder. E relembra o caso de Jim Jones:

E quais são os paralelos externos? Porque toda pesquisa é artificial. Qual é a validade no mundo real? 912 cidadãos americanos cometeram suicídio ou foram assassinados pela família e amigos na selva da Guiana em 1978, porque eles eram cegamente obedientes a este cara, seu pastor. Não seu padre. Seu pastor, reverendo Jim Jones. Ele os persuadiu a cometer suicídio em massa. E assim ele é o Efeito Lúcifer moderno. Um homem de Deus que se torna o Anjo da Morte. O estudo de Milgram diz muito sobre a autoridade individual controlando pessoas. Na maior parte do tempo estamos em instituições, assim o Estudo da Prisão de Stanford é um estudo sobre o poder das instituições para influenciar o comportamento individual. Curiosamente, Stanley Milgram e eu estávamos na mesma turma do ensino médio. na James Monroe do Bronx, 1954. (s.p.)

Voltando ao estudo da Prisão de Stanford, uma década após Milgram, Zimbardo, que já era professor da Universidade de Stanford, resolveu ir além da experiência passada e quis analisar quão tênue era a linha que separava o bem do mal. Até que ponto uma pessoa boa pode mudar sua forma de agir e de ser dependendo do seu entorno?

Zimbardo prendeu um comunicado nas paredes da universidade onde oferecia 15 dólares por dia para voluntários que estivessem dispostos a fazer parte de uma prisão falsa. Houve diversos inscritos e Zimbardo selecionou 24 estudantes, sendo a maior parte deles de

cor branca e de classe média. Após isso, separou-os em dois grupos, dando-lhes o papel de guardas ou de prisioneiros.

A cadeia foi criada no sótão do departamento de Psicologia da universidade e os escolhidos deveriam desempenhar os papéis aos quais foram submetidos.

O processo de escolha dos candidatos envolveu uma pré seleção entre 70 candidatos para garantir sua sanidade mental, garantir que não fossem usuários de drogas, ex-presidiários ou possuísem algum tipo de deficiência, estabelecendo assim os parâmetros de normalidade psicológica requeridos como controle que foram mais tarde utilizados para discutir como os papéis sociais desempenhados durante o funcionamento de uma instituição carcerária e a própria situação prisional tem o poder de transformar pessoas até então boas em pessoas capazes de perpetrar ações moralmente erradas. (PONTES e BRITO, 2014, p. 387)

Para tornar ainda mais real o procedimento de encarceramento, os voluntários (tanto os que exerceriam os papéis de prisioneiros, como os de guardas) não sabiam o dia de início do experimento (estudo). Inclusive, alguns dos carcereiros participaram dos atos de prisão dos que seriam os prisioneiros, “estes, por sua vez, foram também surpreendidos num domingo pela manhã por um carro de polícia verdadeiro que chegava para dar-lhes voz de prisão, sendo levados para a delegacia de polícia, fichados e fotografados” (PONTES e BRITO, 2014, p.387).

Os prisioneiros só se deram conta de que estavam realmente no experimento na parte da tarde, quando foram divididos nas celas e receberam as ordens de como deveriam se comportar.

Os voluntários foram obrigados então a tirar a roupa, foram inspecionados, desinfetados, receberam remédio contra piolhos e tiveram de vestir um uniforme que consistia em uma camiseta larga com um número (e sem qualquer outra peça por baixo), sandálias de borracha e um gorro do náilon feito com meia-calça feminina. Aqueles que tinham o papel de guardas puseram no tornozelo dos detentos um cadeado pesado. (BBC, 2018, s.p.)²⁵

O projeto estava programado para durar seis semanas, porém durou apenas seis dias devido aos acontecimentos surpreendentes que ocorreram envolvendo tortura psicológica, humilhação, castigos causados pelos carcereiros aos prisioneiros.

Logo no início, os guardas apresentaram condutas mais abusivas, que em pouco tempos se tornaram piores e sádicas. Eles não podiam provocar lesões físicas nos prisioneiros, e por isso realizaram todos os tipos de violência psicológica.

Estes são os prisioneiros que vão ser desumanizados, vão-se tornar números. Os guardas com os símbolos de poder e anonimato. fazem os prisioneiros limpar as sanitas com as próprias mãos, entre outras tarefas humilhantes. Despem-nos,

²⁵ Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-46417388>>.

ridicularizam-nos sexualmente. Começam a fazer atividades degradantes, como terem de simular sodomia. Vocês viram simulações de sexo oral nos soldados em Abu Ghraib. Os meus guardas fizeram-no em cinco dias. A reação ao "stress" foi tão extrema que os jovens normais, que nós escolhemos porque eram saudáveis, tiveram esgotamentos em menos de 36 horas. O estudo terminou ao fim de seis dias, porque ficou fora de controlo. Cinco jovens tiveram esgotamentos emocionais. (ZIMBARDO, 2008, s.p)

É importante nesse momento trazer a fala de Zimbardo a respeito do anonimato e porque ele é importante no estudo.

Será que faz diferença se os guerreiros forem para a batalha mudando a sua aparência, ou nem por isso? Fará diferença serem anónimos no modo como tratam as vítimas? Nalgumas culturas, vai-se para a guerra sem mudar de aspeto. Noutras culturas pintam-se, noutras usam máscaras. Em muitas, os soldados tornam-se anónimos nos seus uniformes. Um antropólogo, John Watson, encontrou 23 culturas que tinham dois pedaços de informação. Eles mudam de aparência? 15. Eles matam, torturam, mutilam? 13. Quando não mudam de aparência, apenas um em oito mata, tortura ou mutila. A chave está na zona vermelha. Se eles mudarem a sua aparência, 12 em 13 — ou seja, 90% — matam, torturam, mutilam. E esse é o poder do anonimato. (2008, s.p)

Voltando ao Estudo da Prisão de Stanford, vale o destaque de que, durante o experimento, os pais podiam visitar os filhos, “um padre e um advogado estiveram presentes e um comitê de falsos oficiais de condicional entrevistou cada um dos prisioneiros, sem que qualquer um deles tenha requerido que o experimento fosse terminado” (PONTES e BRITO, 2014, p. 387).

O estudo sofreu inúmeras críticas e chocou a comunidade acadêmica, fazendo com que houvesse diversas discussões sobre o limite da pesquisa com seres humanos. Mas a questão principal que foi levantada pelo estudo era a de como fatores psicológicos e sociais interagiam na definição das ações para o mal.

Zimbardo (2012) nos mostra que a maldade é uma questão de poder. Ele identifica “os sete processos sociais que lubrificam a ladeira escorregadia do mal” (ZIMBARDO, 2008, s.p):

- displicentemente dar o pequeno primeiro passo;
- desumanização dos outros;
- de-individualizar o indivíduo;
- difusão da responsabilidade pessoal;
- obediência cega à autoridade;
- conformismo não crítico às regras do grupo; e
- tolerância passiva ao mal pela inação ou indiferença.

Esses processos tendem a ocorrer quando você está em uma situação nova ou não familiar, ou seja, onde seus habituais padrões de resposta não funcionam. A partir desse momento você se torna pronto para perpetrar o mal. Com isso, seu padrão de resposta habitual não funciona e sua personalidade e moralidade estão desatentas.

Temos com isso uma mostra da força do processo psicossocial nas pessoas: “a pesquisa social e psicológica revelam como pessoas boas comuns podem ser transformadas sem as drogas” (Ibid., s.p.).

Rumaremos então, para a próxima seção do nosso texto, na qual abordaremos a questão da Moralidade para Kohlberg e trataremos da pesquisa que realizamos sobre a questão da ética e da moral nas redes sociais virtuais. Criamos e aplicamos um instrumento que será explicado quando falarmos da metodologia da presente pesquisa.

4 “PODE SER QUE A HUMANIDADE VENHA A CONSEGUIR VIVER SEM OLHOS, MAS ENTÃO DEIXARÁ DE SER HUMANIDADE, O RESULTADO ESTÁ À VISTA.”²⁶

4.1 A Moralidade para Kohlberg

Começamos esta seção falando da Psicologia da Moralidade, uma área que vem ganhando força no meio acadêmico. As pesquisas sobre a questão do desenvolvimento moral são em grande parcela fundamentadas no autor Kohlberg, e delas veio a elaboração de instrumentos para a avaliação do juízo moral e da competência moral. Dentre os instrumentos para essa avaliação, alguns foram traduzidos e adaptados para a realidade do Brasil: a Entrevista Semiestruturada de Kohlberg (MJI), o *Defining Issue Test* (DIT) e o *Moral Judgment Test* (MJT). O objetivo aqui não é o de se aprofundar sobre a Psicologia da Moralidade, nem em cada um dos instrumentos, mas apresentá-los.

Kohlberg foi um pesquisador norte-americano que se interessou em estudar o desenvolvimento moral em seu curso de graduação, quando estudava a Teoria Psicanalítica.

Insatisfeito com o enfoque de teoria psicanalítica e das teorias de aprendizagem social para explicar a socialização e considerando a aplicabilidade do enfoque cognitivo, Kohlberg dedicou-se ao estudo do desenvolvimento moral, redefinindo os estágios de julgamento moral propostos por Piaget. (FINI, 1991, p.59)

A fim de tentar compreender o que seria esse desenvolvimento moral, ele “realizou uma série de pesquisas com crianças e jovens dos Estados Unidos da América, do México, da China (Taiwan), da Turquia e da Malásia (Atayal)” (Ibid., p.61).

A sua fonte original para definir os estágios de desenvolvimento moral foi um levantamento de dados realizado com 75 rapazes, como nos mostra Fini.

A fonte original da definição dos estágios de desenvolvimento moral foi o levantamento de dados realizado por Kohlberg junto a 75 rapazes, de classe média, da zona urbana de Chicago, divididos em três grupos etários de 10, 13 e 16 anos. Nesse estudo, seguindo o desenvolvimento em intervalos de 3 em 3 anos, utilizando o método de entrevistas inspirado em Piaget, o pesquisador apresentou aos sujeitos, dilemas morais hipotéticos, para serem analisados um de cada vez. Cada sujeito era solicitado a julgar os dilemas e apresentar justificativas das respostas apresentadas. Nesse processo, o entrevistador tinha o cuidado de procurar deixar o sujeito à vontade para responder livremente e de fazer perguntas, procurando respostas adicionais, para maior esclarecimento quanto às justificativas, tentando, assim, 'esquadrinhar todos os raciocínios subjacentes à resposta. Esse estudo permitiu a conclusão de que há tendências etárias quanto ao uso de tipos de raciocínio moral

²⁶ SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Cia. das Letras, 2014, p. 244.

exibido nas respostas e verificar um conjunto de aspectos do julgamento moral. (1991, p.61)

Com a análise das respostas e dos raciocínios apresentados pelos participantes da pesquisa, Kohlberg definiu então os estágios do desenvolvimento moral e os aspectos do julgamento moral. Esses estágios eram definidos com base nos modos como as crianças respondiam as questões relacionadas aos dilemas e aos aspectos do julgamento. De acordo com as afirmações que dava, cada participante era analisado e, após isso, enquadrado em um estágio do desenvolvimento moral.

Além disso, Kohlberg também fez a comparação com dados coletados.

Kohlberg estudou também crianças e jovens de classe média e de zona urbana do México e Taiwan, Canadá e Grã-Bretanha, comparando os resultados com aqueles obtidos entre crianças de zona urbana dos Estados Unidos da América e ainda com os resultados obtidos em aldeias isoladas na Turquia e no Yucatan. No conjunto de pesquisas realizadas foram entrevistados sujeitos em diferentes países, sujeitos da zona urbana e da zona rural, católicos, judeus, protestantes, budistas e ateus. Kohlberg apresentava aos sujeitos da pesquisa uma sequência de histórias ou dilemas morais hipotéticos destinados a colocar o indivíduo diante de um conflito entre a conformidade habitual a regras ou à autoridade em oposição a uma resposta utilitária ou de bem maior. Os dilemas apresentam conflitos entre padrões simultaneamente aceitos por grande parte da comunidade (FINI, 1991, p.62.)

Como já dito, Kohlberg (1992) havia concluído que os conceitos de “heteronomia e autonomia, propostos por Piaget (1932/1994), não eram suficientes para classificar os tipos de raciocínio moral que ele encontrou em seus estudos com adolescentes e adultos” (BATAGLIA, MORAES e LEPRE, 2010, p.26). Devido a isso, Kohlberg propôs que existem seis estágios de raciocínio moral, e que eles poderiam ser agrupados em três níveis diferentes: pré-convencional, convencional e pós-convencional.

No nível pré-convencional, temos os estágios 01 e 02 nos quais o indivíduo julgaria o certo e o errado levando em consideração apenas interesses próprios, o que incluiria assim o medo de punição. As questões sobre a moral seriam colocadas quando se considera o interesse das pessoas implicadas.

No estágio 01, o indivíduo obedece às normas sociais por medo do castigo que pode vir a receber, sendo denominado por Kohlberg (1992) de estágio da moralidade heterônoma. No estágio 02, o indivíduo apresenta um raciocínio moral egocêntrico e segue as normas pensando em interesses próprios, esse é considerado o estágio do individualismo. (Ibid., p.26)

Já no nível convencional, temos os estágios 03 e 04, que contemplariam o fato de que a ação moral correta seria baseada nas convenções e nas regras sociais, estas viriam pelas autoridades ou pelas instituições reconhecidas pela sociedade. Assim, o indivíduo formularia

o seu juízo moral tendo como referência as regras do grupo social em que está inserido e as expectativas que se tem sobre ele.

O estágio 03, também denominado de orientação do tipo “bom menino” (Menin, 1996), caracteriza-se pela necessidade de cumprir com aquilo que as pessoas esperam, como ser um bom filho, um bom amigo ou um bom marido. Há uma consciência inicial de que os interesses coletivos são mais importantes do que os individuais. O estágio 04 tem como perspectiva moral a manutenção da ordem social e daquilo que foi proposto pelas autoridades sendo que, para tanto, todos devem colaborar com a organização social e com as instituições. (BATAGLIA, MORAES e LEPRE, 2010, p.26)

Por fim, temos o nível pós-convencional, no qual se encontram os estágios 05 e 06. Nesse estágio, o correto seria agir tendo como guia os princípios morais e universais, tendo como pauta a igualdade e a reciprocidade, ou seja, o pensamento seria regido por princípios morais e éticos e não pelas regras sociais (regras essas que só seriam aceitas se estivessem fundamentadas em princípios e valores).

No estágio 05, o raciocínio moral considera o contrato social e os direitos individuais, com orientação moral do tipo “contratual-legalista” (Menin, 1996). Já o estágio 06 é caracterizado pelos princípios éticos universais e considerado o mais evoluído por Kohlberg. (Ibid., p.26)

Kohlberg (1992), pensando em melhorar a definição do estágio moral, criou a existência de subestágios, chamados de A e B. Bataglia, Moraes e Lepre nos apresentam esses subestágios:

Dessa forma, dentro de um mesmo estágio, podemos distinguir duas formas de raciocínio: uma com orientação heterônoma, baseada em regras e na autoridade, representada pelo subestágio A; e outra com orientação autônoma, baseada em princípios, justiça, igualdade e reciprocidade, representada pelo subestágio B. Para Kohlberg, sujeitos que apresentam um raciocínio moral do subestágio B são, provavelmente, mais comprometidos com a ação moral daquilo que consideram justo do que os sujeitos do subestágio A. Ao propor os subestágios A e B, Kohlberg (1992) define estilos de juízo moral para cada estágio: um estilo heterônomo e um estilo autônomo. Esses estilos estabelecem uma estreita relação com a conduta moral, isto é, um indivíduo do estágio 3, do nível convencional, com estilo autônomo, apresentará maior probabilidade de ter uma conduta moral vinculada à sua concepção, do que um indivíduo do estágio 4, do nível convencional, com estilo heterônomo. (p.26)

As teorias de Kohlberg receberam críticas relacionadas à sua formulação, principalmente no âmbito da Psicologia, porém, continuam até hoje sendo referência para os estudos acerca da moralidade humana.

Figura 7 – Imagem da 2ª Parte da pesquisa após aplicação da pesquisa piloto.

2ª Parte

Agora queremos saber a sua opinião sobre a utilização das tecnologias de informação e comunicação no dia-a-dia.

Assinale com um X, na escala abaixo, a sua opinião.

As tecnologias de informação e comunicação	São intensamente importantes	São importantes	Às vezes são importantes	Não são muito importantes	Não são nada importantes
	São intensamente facilitadoras	São facilitadoras	Às vezes são facilitadoras	Não são muito facilitadoras	Não são nada facilitadoras
	Ajudam intensamente na solução de problemas	Ajudam na solução de problemas	Às vezes ajudam na solução de problemas	Ajudam um pouco na solução de problemas	Não ajudam na solução de problemas
	Modificam intensamente as atitudes das pessoas	Modificam as atitudes das pessoas	Às vezes modificam as atitudes das pessoas.	Modificam um pouco as atitudes das pessoas.	Não modificam as atitudes das pessoas.

Após a alteração, aplicamos o questionário final para 80 jovens de variados cursos e formação. Como não atingimos o número esperado, resolvemos fazer uma segunda aplicação, dessa vez utilizando-nos de recursos das tecnologias de informação e comunicação e escolhemos o *Google Forms*²⁷.

Através do *Google Forms* atingimos um número de 55 participantes e descartamos 25 questionários que haviam sido preenchidos de maneira equivocada. Após essa segunda aplicação, atingimos então a amostra esperada, que era de no mínimo 100 instrumentos de pesquisa respondidos, totalizando 110 jovens que se propuseram a responder o formulário e a colaborar com a realização da pesquisa, que tem como objetivo avaliar a utilização da Internet e das redes sociais e o seu impacto no desenvolvimento moral dos indivíduos.

A opção pelo uso de um questionário deveu-se à abrangência da amostra e às suas características (escolaridade elevada e familiaridade com as tecnologias digitais). A escolha da metodologia foi precedida de estudos e reflexões sobre o assunto, pois entendemos que deve haver harmoniosa adequação entre o problema definido, o objeto escolhido, os objetivos formulados e a metodologia empregada em uma pesquisa.

Na presente pesquisa, o problema estudado foi “A intensa utilização da Internet e das redes sociais influencia as dimensões morais da identidade humana?” e seu objetivo geral foi

²⁷ *Google Forms* é um serviço gratuito para criar formulários on-line, por meio do qual o usuário pode produzir pesquisas de múltipla escolha, fazer questões discursivas, solicitar avaliações em escala numérica, entre outras opções.

“Compreender de que maneira a utilização da Internet e das redes sociais contribui para ações que fogem às características éticas.”.

Evitando a polêmica que envolve os conceitos de metodologia, método e técnica, optamos pelo que dizem Cervo e Bervian (2002, p.26): o “método se concretiza como o conjunto das diversas etapas ou passos que devem ser dados para a realização da pesquisa”. Essas etapas são as técnicas de pesquisa; no nosso caso, um questionário para a coleta de dados. Planejamos, por meio da pesquisa aplicada, “gerar soluções aos problemas humanos, entender como lidar com um problema” – propósito dessa modalidade de pesquisa, segundo Trujillo Ferrari (1982, p.171).

Utilizando a tipologia de Vergara (1997), a nossa pesquisa é do tipo telematizada, pois utiliza informações que combinam o uso de computador e de telecomunicações. O questionário foi formulado on-line, elaborado utilizando o *Google Forms*, como já dissemos.

O questionário é constituído por uma série ordenada de perguntas que coleta informações descritivas, comportamentais e preferenciais dos componentes da amostra estudada. A correta utilização do questionário envolve, segundo Rea e Parker (2002), etapas pelas quais passamos: uma coleta de dados preliminares a respeito do tema e da população alvo da pesquisa, a discussão em grupo dessas questões e informações, a elaboração de um piloto (rascunho do questionário), o pré-teste e a revisão do instrumento, chegando à forma final do mesmo.

O instrumento utilizado na pesquisa é composto de quatro partes, a saber:

- A 1ª Parte buscava **informações descritivas da amostra**, da maneira como tradicionalmente se procede: gênero, idade, escolaridade, meio de conexão à Internet e número de horas/dia e conexão.
- A 2ª Parte continha **questões opinativas sobre a utilização das tecnologias de informação e comunicação no dia a dia**.
- A 3ª Parte trazia algumas perguntas sobre a **utilização de recursos tecnológicos** e solicitava que cada participante expressasse sua opinião de maneira resumida.
- Por fim, na 4ª Parte tínhamos um **Instrumento de Investigação da Moralidade e Ética Virtual (IIMEV)**, elaborado a partir da *Moral Judgment Interview (MJI)*, que é a entrevista semiestruturada de Kohlberg. Que o leitor não estranhe a ausência da descrição dos resultados dessa parte, que integrará trabalhos futuros.

No momento da análise dos dados, por serem eles quantitativos e qualitativos, dois procedimentos foram utilizados: para os dados qualitativos, uma tabulação simples seguida da

análise dos resultados; para os dados qualitativos, optamos pela análise de conteúdo, conjunto de técnicas de análise das comunicações (BARDIN, 1979).

Segundo Barros e Lehfel'd (1996),

(...) é atualmente utilizada para estudar e analisar material qualitativo, buscando-se melhor compreensão de uma comunicação ou discurso, de aprofundar suas características gramaticais às ideológicas e outras, além de extrair os aspectos mais relevantes. (p. 70)

A análise de conteúdo não possui modelo pronto: constrói-se através de um vai-e-vem contínuo e precisa ser reinventada a cada momento, conforme aponta Bardin (1979, p.31).

Para o tratamento dos dados da pesquisa, passamos pelos três momentos previstos pela autora: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados (inferência e interpretação). Ao final do processo, todos os resultados de análise foram cuidadosamente examinados e postos em diálogo com o referencial teórico estudado, permitindo-nos estabelecer conclusões.

4.3 Alguns Resultados da Pesquisa Realizada

Os Gráficos 1 a 7 e a Figuras 8 a seguir, mostram as informações descritivas da amostra – a 1ª Parte da pesquisa.

Gráfico 1 – Sexo.

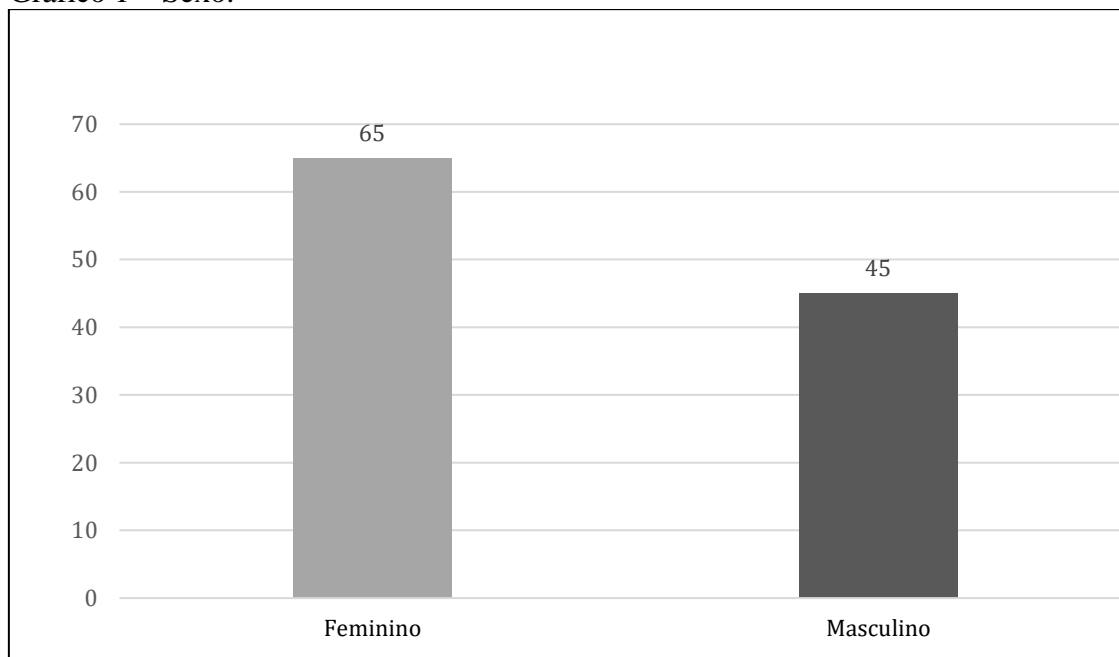


Gráfico 2 – Estuda no momento?

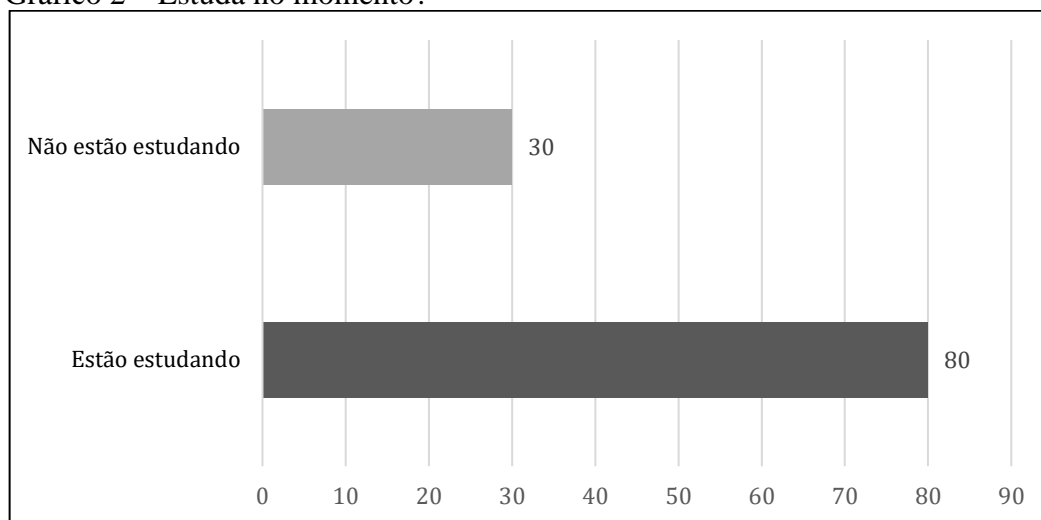


Gráfico 3 – Qual curso/série?

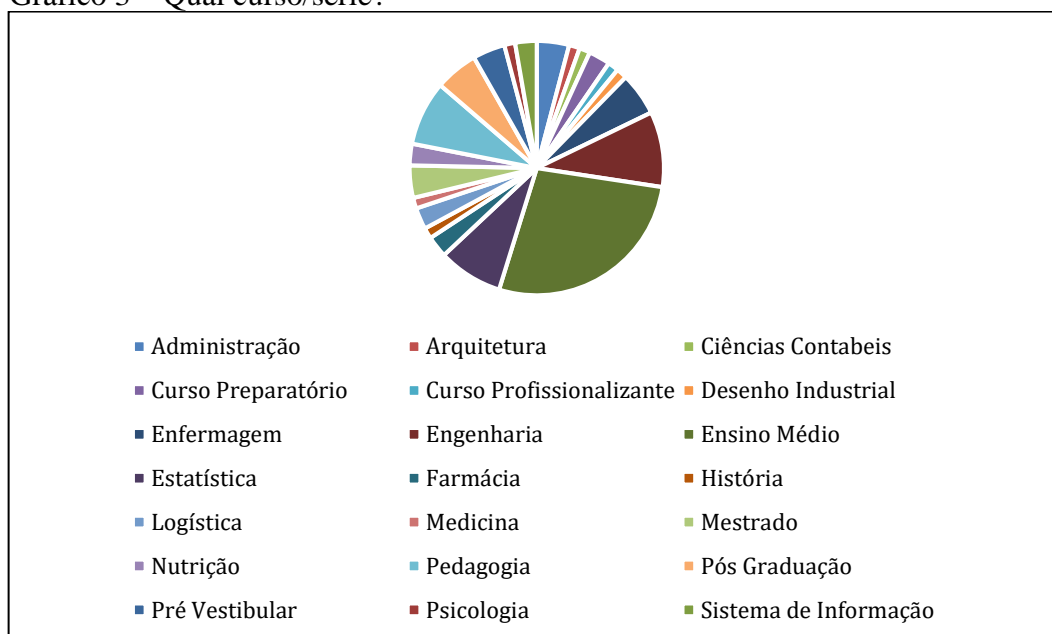


Gráfico 4 – Possui computador em casa?

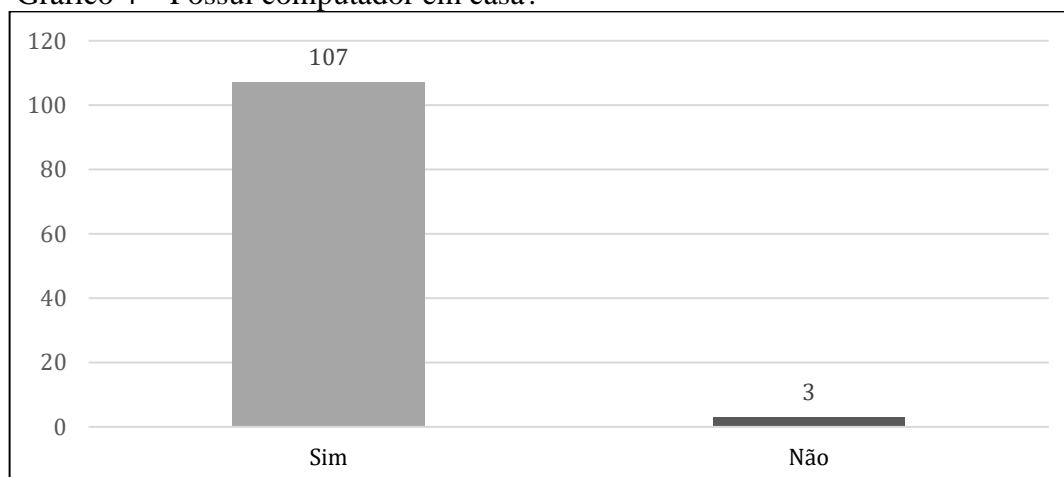


Gráfico 5 – Como acessa a Internet?

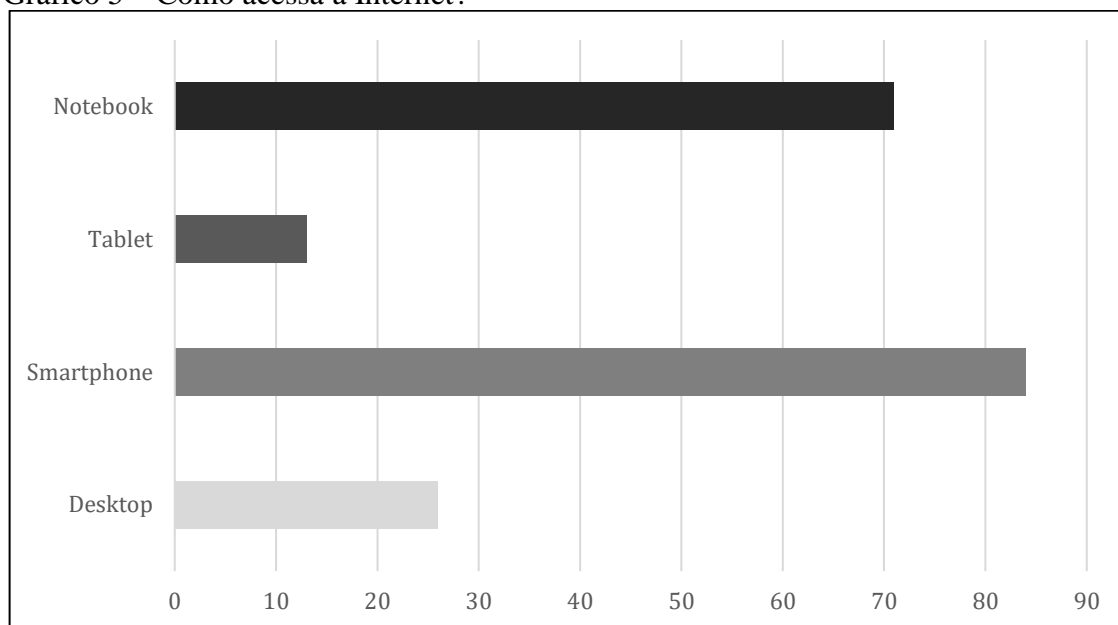


Gráfico 6 – Qual é a frequência de acesso à Internet?

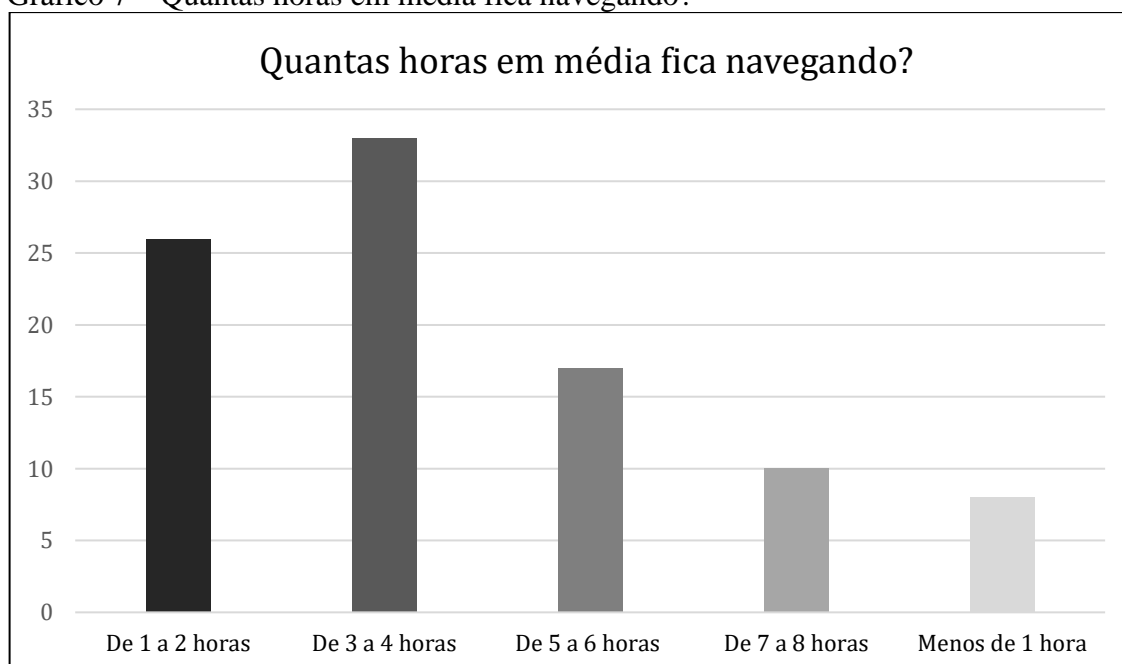


Figura 8 – Dos sites/aplicativos, quais você mais acessa?



Entre outros conteúdos da Internet, apareceram: *Youtube, Netflix e Twitter.*

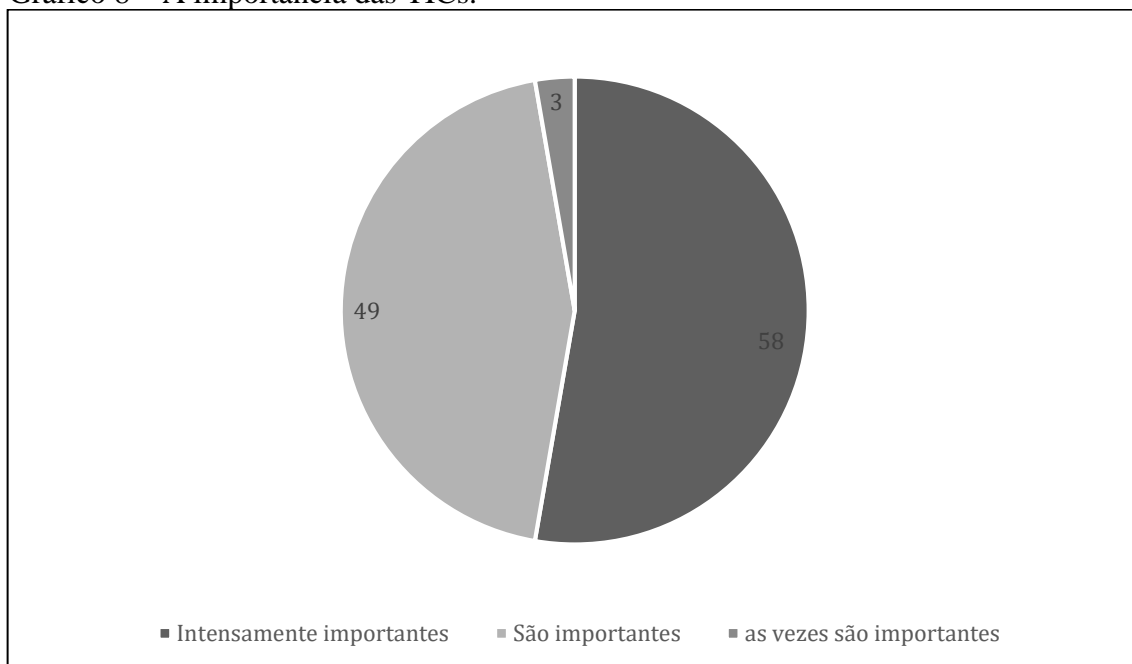
Gráfico 7 – Quantas horas em média fica navegando?



A 2ª Parte continha questões opinativas sobre a utilização das tecnologias de informação e comunicação (TICs) no dia a dia.

O primeiro item era sobre a importância das TICs. Nesse campo tivemos um total de 58 respostas para “são intensamente importantes”, 49 para “são importantes”, e três para “às vezes são importantes”, conforme apresenta o Gráfico 8.

Gráfico 8 – A importância das TICs.



Se somarmos as respostas de “intensamente importantes” com os que marcaram “são importantes”, teremos 107 contabilizando quase a totalidade da amostra. Isso nos mostra que quase a totalidade da amostra entende e compreende que a utilização das tecnologias de informação e comunicação tem a sua importância nos afazeres do dia a dia. Outro fator que merece destaque é que ninguém assinalou os campos “não são muito importantes” e “não são nada importantes”.

No que diz respeito à facilitação oferecida pelo uso da Internet, tivemos 54 respostas para “são intensamente facilitadoras”, 45 para “são facilitadoras” e 11 para “às vezes são facilitadoras”, como nos mostra o Gráfico 9.

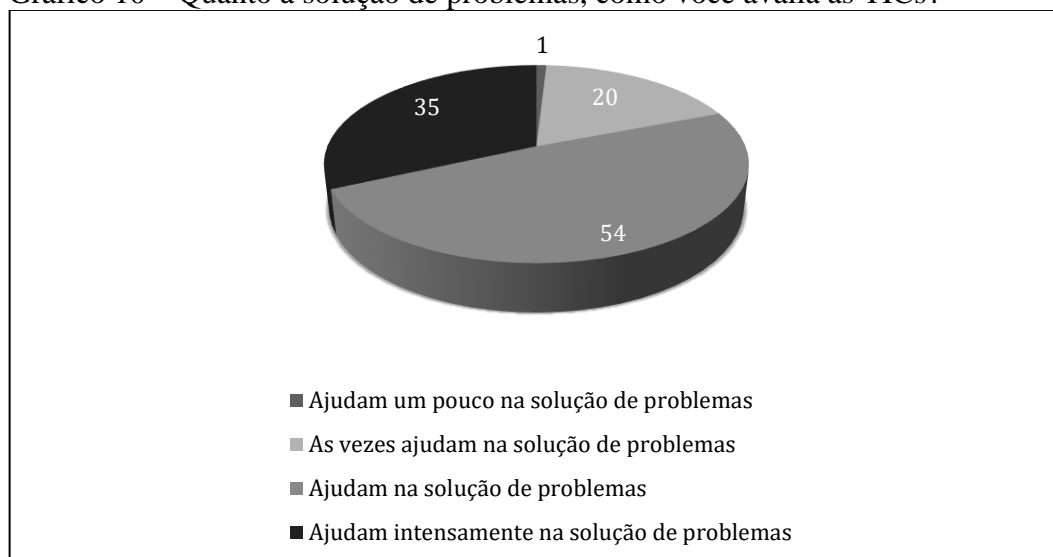
Gráfico 9 – Facilitação oferecida pelo uso da Internet.



Percebemos nesse item um crescimento no campo “às vezes”. Porém, se realizarmos um somatório, tivemos 99 pessoas que acham que a utilização das tecnologias de informação e comunicação no dia a dia são facilitadoras ou que são intensamente facilitadoras, um altíssimo número dentro de uma amostra de 110 pessoas. Mais uma vez, não tivemos nenhuma marcação para o campo “não são muito facilitadoras” e para o campo “não são nada facilitadoras”.

O terceiro campo era sobre solucionar problemas. Nesse campo tivemos um total de 35 respostas para “ajudam intensamente na solução de problemas”, 54 para “ajudam na solução de problemas”, 20 para “às vezes ajudam na solução de problemas” e uma para “ajudam um pouco na solução de problemas”, conforme apresenta o Gráfico 10.

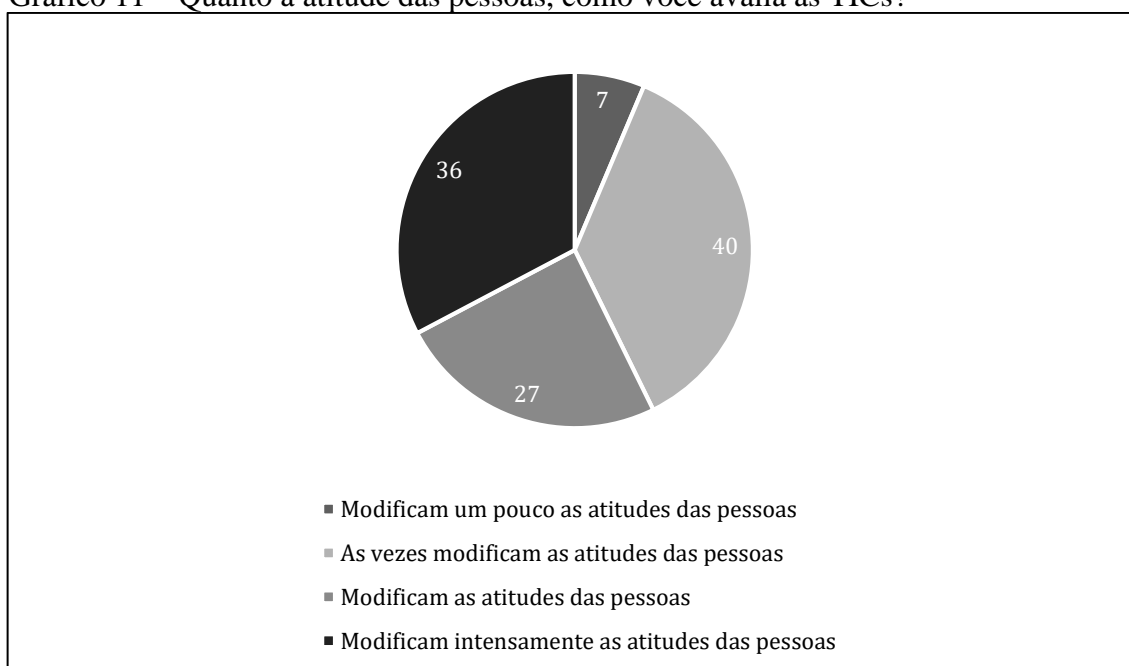
Gráfico 10 – Quanto à solução de problemas, como você avalia as TICs?



Nesse quarto campo temos algumas novidades. Pela primeira vez o item “intensamente” não é o mais marcado, e pela primeira vez é marcada a opção “um pouco”. Mesmo assim, temos 89 respostas, somando as que apontaram a ajuda intensa com as de que afirmaram apenas a ajuda, sem adjetivação. Mesmo assim, é ainda um número elevado dentro de um total de 110 pessoas da amostra.

Por fim, o último item era relacionado ao impacto da Internet sobre mudanças atitudinais das pessoas. Nesse campo tivemos uma discrepância em relação aos campos anteriores: 36 pessoas achavam que a Internet modificava intensamente as atitudes das pessoas, 27 afirmaram que “modificavam as atitudes das pessoas”, 40 que “às vezes modificavam as atitudes das pessoas” e sete que “modificavam um pouco as atitudes das pessoas”.

Gráfico 11 – Quanto à atitude das pessoas, como você avalia as TICs?



Foi o único campo em que o item “às vezes” foi superior aos demais, e tivemos um aumento do campo “um pouco”. Além disso, se somarmos as respostas “modificam” com as “modificam intensamente” as atitudes, teremos um total de 63. Este, mesmo sendo um número elevado em comparação com a amostra, fica bastante abaixo dos outros três campos, quando tivemos 107 respostas para importância, 99 para facilitadora e 89 para auxiliadora da solução de problemas.

Destaca-se o fato de quem nenhum participante afirmou que “não modificam as atitudes das pessoas”, ou seja, os participantes da pesquisa entendem que a utilização das

tecnologias de informação e comunicação no dia a dia (Internet e redes sociais) modificam de alguma forma as atitudes das pessoas.

Na 3ª Parte do instrumento de pesquisa, trazíamos algumas perguntas sobre a utilização de recursos tecnológicos e pedíamos que cada participante expressasse sua opinião de maneira resumida. A primeira pergunta era: “Se você fosse recomendar a um colega a utilização de recursos tecnológicos no dia a dia, que argumentos utilizaria?”.

Observamos que, da amostra, duas pessoas não responderam a esse item. Para realizar a análise, separamos as respostas em categorias. Após a primeira análise dos dados, formulamos cinco categorias, que enunciámos e definimos a seguir:

1- **Facilidade/Praticidade:** entendemos que estas respostas estão relacionadas à forma como a utilização dos recursos tecnológicos facilitou ou tornou mais prática a vida da pessoa, independentemente da área ou temática.

2- **Otimização do tempo/Rapidez:** alocamos todas as respostas que mostram de que maneira os respondentes entendem que os recursos tecnológicos ajudam a realizar alguma atividade de forma mais rápida, ou que otimizaram o seu tempo.

3- **Comunicação:** Entendemos as respostas correspondentes a troca de mensagens, se comunicar com alguém, ou a algum aplicativo específico de conversa

4- **Conhecimento/Informação/Pesquisa:** entendemos as respostas correspondentes à atualização de informações, ao acesso a notícias, à forma de obter qualificação, de conhecer mais sobre algo e da utilização dos recursos tecnológicos para estudar.

5- **Possibilidades de impacto negativo:** nessa categoria incluimos respostas de não recomendação, de não indicação e as que mostram problemáticas que a utilização de recursos tecnológicos pode trazer para a pessoa.

Por fim, separamos algumas respostas de significado difuso, o que não nos permitiu encaixá-las em nenhuma das categorias que definimos acima.

A seguir, apresentamos sete tabelas referentes às categorias, incluindo as respostas de significado difuso, que demonstram a forma como a metodologia de análise de conteúdo foi aplicada.

Em cada uma delas transcrevemos, na íntegra, a resposta como foi redigida pelos respondentes, sem realizar correções ortográficas ou gramaticais. O leitor observará que algumas respostas são transcritas em mais de uma categoria. Isso se deu pelo fato de, no texto, comportarem diversos significados. Nesse caso, a parte da resposta à qual a categoria se refere esta destacada com texto sublinhado. Optamos por esse recurso, em vez de recortar a resposta em partes para facilitar a compreensão do contexto total da análise realizada.

Tabela 4 – 1ª Categoria

Facilidade/Praticidade
O uso de recursos tecnológicos facilita a vida e nosso dia a dia
São recursos que na maioria das vezes facilitam nosso dia a dia
<u>Os Recursos tecnológicos facilitam</u> o processo de ensino-aprendizagem
Use pois facilita bastante em muitas áreas da nossa vida
Recursos tecnológicos podem facilitar muito a sua vida, sejam eles mecanismos de pesquisa ou até de armazenamento de arquivos
<u>Com os recursos tecnológicos existe uma facilidade muito maior</u> em conseguir o que você pesquisa. Principalmente com relação aos estudos e trabalhos. Os recursos tecnológicos fornecem muitas informações rapidamente, o que para um mundo onde precisamos cada vez <u>mais administrar nosso tempo, é uma facilidade</u>
São imensamente facilitadoras
Facilidade, modernidade necessária
Como alguns dos recursos tecnológicos podem facilitar algumas das nossas atividades rotineiras
<u>Que esses recursos podem facilitar</u> e agilizar as tarefas do dia a dia
Facilita a nossa vida
É um jeito de obter informações mais rápido ultimamente <u>e facilita muitas atividades</u> , como gastar menos energia
<u>Que é um meio que facilita</u> a via de comunicação <u>e facilita</u> a busca de algum conteúdo desejado
<u>Facilita a realização</u> de tarefas e economiza tempo
Facilidade no dia-a-dia
Que são facilitadoras
Eles facilitam atividades do dia-a-dia
Usa, <u>facilita o dia-a-dia</u> e melhora o modo ou comunicação
A facilidade que proporciona
<u>Que facilita</u> pois economiza tempo
<u>A facilidade</u> , informações rápidas
<u>Que é uma forma mais fácil</u> e rápida
Que é útil para diversas coisas e facilitam bem a vida
<u>Facilita a comunicação</u> e a busca de informações de vários tios e fontes
<u>A facilidade</u> na obtenção de informações
<u>Facilita na organização</u> , na otimiza o tempo e encurta distâncias

Tabela 4 – 1ª Categoria

Facilidade/Praticidade
<u>Facilitam o dia a dia</u> , além de serem um meio de distração e comunicação
Facilidade
Que pode facilitar a vida dele em relação a problemas no banco. Como pagar contas e resolver transferências ou depósitos.
<u>Facilidade de comunicação</u> , “encurtamento de distâncias” (torna distância algo menos problemático), rapidez de contactação.
Facilidade
Facilitadores e práticos
Facilitador das coisas
<u>A facilidade</u> e o uso de menos tempo para resolver algo (pagar contas, se comunicar, uma breve pesquisa e etc.)
A facilidade em resolver as questões
<u>Facilidade</u> e agilidade
Facilidade, modernidade necessária
<u>Utilizaria argumentos de facilidade</u> , produtividade, economia de tempo em atividades que geralmente demoram, além de indicar uma espécie de sistema autodidata para qualquer um que tenha acesso a Internet aprender o que desejar.
facilidade, diversidade e praticidade
É prático e rápido.
Praticidade
Facilitadores e práticos

Tabela 5 – 2ª Categoria

Otimização do Tempo/Rapidez
Com os recursos tecnológicos existe uma facilidade muito maior em conseguir o que você pesquisa. Principalmente com relação aos estudos e trabalhos. Os recursos tecnológicos <u>fornecem muitas informações rapidamente, o que para um mundo onde precisamos cada vez mais administrar nosso tempo</u> , é uma facilidade
Que esses recursos podem facilitar <u>e agilizar as tarefas do dia a dia</u>
É um jeito de obter informações mais rápido ultimamente e facilita muitas atividades, como gastar menos energia
Que facilita pois economiza tempo
A facilidade, <u>informações rápidas</u>

Tabela 5 – 2ª Categoria

Otimização do Tempo/Rapidez
Que é uma forma mais fácil e <u>rápida</u>
Facilita na organização, <u>na otimiza o tempo</u> e encurta distâncias
Facilidade de comunicação, “encurtamento de distâncias” (torna distância algo menos problemático), <u>rapidez de contactação</u>
Facilidade e <u>agilidade</u>
A facilidade e o uso de <u>menos tempo para resolver algo</u> (pagar contas, se comunicar, uma breve pesquisa e etc.)
<u>Que esses recursos otimizam o tempo</u> no que diz respeito a troca de informações e que são práticos
Rapidez na obtenção da informação, se conectar com todo o mundo
Utilizar para medir o tempo e diminuir o esforço por deslocamento
Rapidez e praticidade
Um meio de comunicação sem fronteiras, baixo custo e fácil de manusear. Além, de servir como ferramenta de pesquisa <u>eficiente e rápida</u>
Essa utilização otimiza muitos processos cotidianos
Conhecimento, <u>praticidade no dia-a-dia</u> , se atualizar
Eficiência em consumo com agilidade
A comodidade, <u>rapidez e facilidade</u> em se comunicar com quem está longe
Agilidade de informação, <u>otimização de tempo</u> , conhecimento de uma nova área.
Rapidez, facilidade, abrange tudo
<u>A rapidez e praticidade</u> no acesso à informação e a integração entre pessoas e notícias de todo o mundo.
<u>Otimização do tempo</u> e facilidade na comunicação
Agilidade, reduz o tempo e rapidez
Acessibilidade, mais por menos tempo
Utilizaria argumentos de facilidade, produtividade, <u>economia de tempo</u> em atividades que geralmente demoram, além de indicar uma espécie de sistema autodidata para qualquer um que tenha acesso a Internet aprender o que desejar.
Facilita a realização de tarefas e <u>economiza tempo</u>
É prático e <u>rápido</u> .

Tabela 6 – 3ª Categoria.

Comunicação
<u>Que é um meio que facilita a via de comunicação</u> e facilita a busca de algum conteúdo desejado
<u>Facilita a comunicação</u> e a busca de informações de vários meios e fontes
<u>Facilidade de comunicação</u> , “encurtamento de distâncias” (torna distância algo menos problemático), rapidez de contactação.
<u>Um meio de comunicação sem fronteiras</u> , baixo custo e fácil de manusear. Além, de servir como ferramenta de pesquisa eficiente e rápida
Otimização do tempo e <u>facilidade na comunicação</u>
Que a Internet é um meio que <u>ajuda na comunicação</u> e ganho de informação
Whatsapp - É um meio de comunicação mais rápido e eficiente
Bom meio de comunicação
Para ter acesso as informações do dia a dia <u>se comunicar com pessoas</u>
A comodidade, rapidez e facilidade <u>em se comunicar</u> com quem está longe
O recurso tecnológico ajuda a resolver comunicação tanto comercial quanto doméstico
Facilita <u>a comunicação</u> por ser mais imediata
Afirmaria que são meios importantes de comunicação necessárias para a interação social, pois desenvolveram novas maneiras de se comunicar e de expressar, além de serem fundamentais para a realização de todos os tipos de tarefas

Tabela 7 – 4ª Categoria

Conhecimento/Informação/Pesquisa
Na perspectiva da educação, os recursos do site de busca
Importante para o conhecimento
Por ser portátil é uma grande ferramenta de pesquisa
Flexibilidade para troca de informação
Porque é um meio de incurrir distância e propagar as informações
Utilizaria dizer que vai ajudar muito ele em trabalhos, horas de lazer e também
É atualizado momentaneamente, você sabe qual foi a fonte da notícia e você fica a par do que acontece
Recomendaria para ele usar a Internet, para saber mais sobre as coisas

Tabela 7 – 4ª Categoria

Conhecimento/Informação/Pesquisa
Para ficar ciente de todos os concursos públicos
A quantidade de informações que se tem na Internet
Um meio inovador de informação
Ele pode ser um catalisador na sua busca do dia-a-dia
Diria que os recursos tecnológicos poderiam ajudá-lo a se manter atualizado com as notícias e conectado com os amigos e o mundo.
Os Recursos tecnológicos facilitam <u>o processo de ensino-aprendizagem</u>
Recursos tecnológicos podem facilitar muito a sua vida, sejam <u>eles mecanismos de pesquisa</u> ou até de armazenamento de arquivos
<u>Com os recursos tecnológicos existe uma facilidade muito maior em conseguir o que você pesquisa.</u> Principalmente com relação aos estudos e trabalhos. Os recursos tecnológicos fornecem muitas informações rapidamente, o que para um mundo onde precisamos cada vez mais administrar nosso tempo, é uma facilidade
<u>É um jeito de obter informações</u> mais rápido ultimamente e facilita muitas atividades, como gastar menos energia
Que é um meio que facilita a via de comunicação e <u>facilita a busca de algum conteúdo desejado</u>
A facilidade, <u>informações rápidas</u>
Facilita a comunicação e a <u>busca de informações de vários tios e fontes</u>
A facilidade <u>na obtenção de informações</u>
É um jeito de <u>obter informações</u> mais rápido ultimamente e facilita muitas atividades, como gastar menos energia
Que esses recursos otimizam o tempo no que diz <u>respeito a troca de informações</u> e que são práticos
Rapidez na <u>obtenção da informação</u> , se conectar com todo o mundo
O uso de Internet no dia-adia é importante porque deixa as pessoas mais informadas e junta pessoas que estão distantes
Diria que os recursos tecnológicos poderiam ajudá-lo a se manter atualizado com as notícias e conectado com os amigos e o mundo.
Um meio de comunicação sem fronteiras, baixo custo e fácil de manusear. <u>Além, de servir como ferramenta de pesquisa eficiente e rápida</u>

Tabela 7 – 4ª Categoria

Conhecimento/Informação/Pesquisa
<u>Conhecimento</u> , praticidade no dia-a-dia, se atualizar
<u>Agilidade de informação</u> , otimização de tempo, conhecimento de uma nova área.
rapidez e praticidade <u>no acesso à informação</u> e a integração entre pessoas e notícias de todo o mundo.
Que é um meio que facilita a via de comunicação e facilita a <u>busca de algum conteúdo desejado</u>
Facilita a comunicação e a <u>busca de informações</u> de vários tios e fontes
Que a Internet é um meio que ajuda na comunicação e ganho de informação
Conhecimento é o maior tesouro
Atualmente as pessoas estão fortemente conectadas através das redes e não estar seguindo esse "padrão" pode dificultar diversas atividades, principalmente no meio acadêmico e trabalhista
Cada dia adquirimos um conhecimento e praticamente é impossível viver sem
O uso de Internet no dia-adia é importante porque deixa as pessoas mais informadas e junta pessoas que estão distantes
Diria que os recursos tecnológicos poderiam ajudá-lo a se manter atualizado com as notícias e conectado com os amigos e o mundo
Que elas precisam das tecnologias para diversas coisas, uma delas é a tv e a Internet para informações

Tabela 8 – 5ª Categoria.

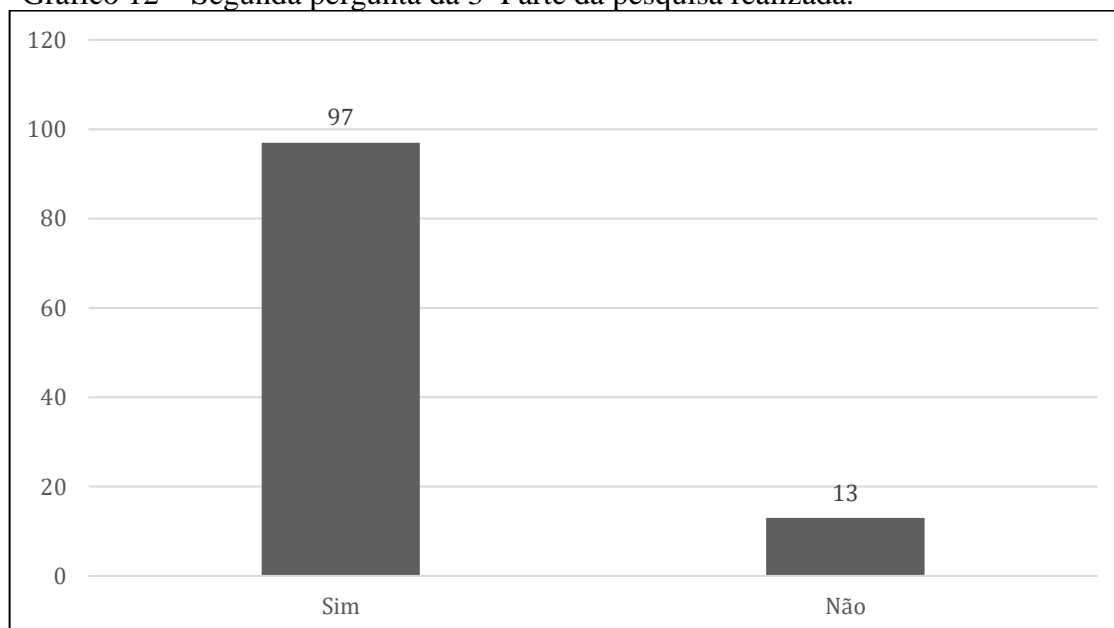
Possibilidades de impacto negativo
Não recomendo
Eu falaria para usar com moderação e tomar cuidado com os perigos na Internet
Diria que não mudaria nada na vida dele se ele soubesse usar. No caso, com o que mexer em que frequencia
Usar com moderação
Que ele pesquisasse mais sobre o assunto
Utilize, porém, tenha cuidado
Recomendaria usar com moderação. A dose faz o veneno
Não usa a Internet o dia todo

Tabela 9 – Nenhuma das categorias.
Respostas de significado difuso
O uso da Internet de forma geral ajuda em inúmeras áreas e situações do dia a dia
Ajuda a solucionar alguns problemas
É muito útil
Boa tarde, você gostaria de fazer o Facebook?
Celular
<i>Smartphone</i> é um recurso muito útil
Já conhece o Whatsapp
Que os recursos tecnológicos são fundamentais hoje em dia
Para viver no presente é necessário utilizar a tecnologia, para vislumbrar o futuro é necessário desenvolver a tecnologia
Que nos dias de hoje praticamente tudo depende dos recursos tecnológicos
É divertido e todo mundo usa
Todo mundo usa

A segunda pergunta realizada na 3ª Parte da pesquisa era: “Você percebe alguma diferença na sua vida depois que começou a utilizar a Internet? Explique.”.

Para a análise dessa pergunta realizamos duas etapas. Na primeira, quantificamos os “sim” e os “não” e, na segunda, fizemos uma análise das explicações. Tivemos 97 respondentes falando que “sim” e 13 respondendo que “não”, conforme o Gráfico 12.

Gráfico 12 – Segunda pergunta da 3ª Parte da pesquisa realizada.



Como nessa questão tivemos a resposta “não” em mais de 10% da amostra, resolvemos separá-la das outras seis categorias criadas e trabalhá-la individualmente. Sendo assim, primeiro realizamos as análises das respostas “não” por sem em menor quantidade.

Foi interessante perceber que muitos que responderam “não” evitaram explicar por que não sentiam diferença na sua vida após começar a utilizar a Internet, e outros informaram que não sentem diferença porque já nasceram no mundo com recursos tecnológicos (Tabela 10).

Tabela 10 – Análise das respostas negativas à segunda pergunta da 3ª Parte da pesquisa realizada

Não, Não me recorde de antes de usar-lá
Não, porque comecei a usar a Internet muito cedo (com 10/11 anos eu ganhei meu primeiro computador), desconheço vida sem Internet
Não, Nenhuma diferença
Não, Pertencço a famosa geração Z, logo a tecnologia faz parte da minha rotina desde a infância. Portanto, não sei o que é trabalhar, estudar e conversar sem os meios eletrônicos
Não. Usar a Internet não mudou nada na minha vida porque não marquei encontro com estranhos, nem nada do tipo. Uso apenas para me divertir e comunicar com amigos
Não, não ligo muito, não me faz muita diferença
Não, nem dou atenção para o celular

Para a análise das respostas “sim”, utilizamos as cinco categorias anteriores, já descritas e também separamos algumas de significado difuso, que não nos permitiu encaixá-las em uma das categorias que definimos.

Tabela 11 – Análise das respostas positivas à segunda pergunta da 3ª Parte da pesquisa realizada – 1ª Categoria. (continua)

Facilidade/Praticidade
Sim, facilidade de comunicação e obtenção de informações
Sim, Facilidade de contatar pessoas, diferentes alternativas de estudo e pesquisa
Sim, Facilidade em pesquisas
Sim. Fácil acesso a informação, facilidade em retirar dúvidas e um meio de se comunicar rapidamente
Sim, facilidade

Tabela 11 – Análise das respostas positivas à segunda pergunta da 3ª Parte da pesquisa realizada – 1ª Categoria. (continua)

Facilidade/Praticidade
Sim, melhorou bastante, estou mais atualizada, me facilita nas atividades extra-curriculares, me abre portas para me relacionar com as pessoas e consigo benefícios que antes era bem mais difícil
Sim, facilitou muito a busca pela resolução de alguma questão, notícias, ou resultados de esporte, mas me vejo um pouco mais relaxado, acho que algumas tecnologias sugam um pouco da gente
Sim, com a Internet tudo ficou mais fácil. Ficou mais fácil para se comunicar, solucionar problemas, fazer pesquisas
Sim, facilita nos trabalhos e tarefas na faculdade
Sim, Facilidade para certas coisas
Sim, facilidade em achar conteúdos
Sim, facilidade de informação
Sim, tenho fácil acesso a notícias, fácil comunicação
Sim, Facilidade de informações e pesquisas
Sim, menos uso de livro para pesquisa, mais facilidade de realizar diversas tarefas
Sim, Fluxo intenso de informações e facilidades.
Sim, facilidade de acesso à informação
Sim, a facilidade que ela proporciona. Na verdade, como já nasci imersa nesse contexto é difícil reponder porque não imagino a vida sem.
Sim, facilitador
Sim, mais praticidade
Sim, praticidade
Sim, maior facilidade para resolver problemas
Sim, ficou mais prático
Sim, mudou completamente depois da Internet, a minha se descomplicou e ficou super mais fácil

Tabela 12 – Análise das respostas positivas à segunda pergunta da 3ª Parte da pesquisa realizada – 2ª Categoria. (continua)

Otimização do Tempo/Rapidez
Sim, acesso mais rápido notícias, encontro pessoas, jogo com pessoas de outros lugares
Sim, faço mais coisas ao mesmo tempo. pago conta pelo celular, faço trabalho da escola pelo Whatsapp
Sim, Esse recurso favorece informações de forma mais rápida e prática
Sim. A vida ficou mais prática.
Sim, consigo resolver as coisas em menos tempo
Sim. Parece que tudo acontece mais rápido durante o dia.
Cria um habito vicioso e muito mais imediatista com as suas vontades
Sim, fiquei mais dependente da resposta imediata de tudo
Sim, Difícil, mas o que antes eu encontrava em livros, hoje encontro ao alcance das minhas mãos, na hora que eu quero e quando eu quero. Ao mesmo tempo que me limito a conhecer os lugares físicos quando me encontro presa ao mundo irreal da tecnologia, se não pego, não toco, não vivo.
Maior rapidez na resolução de situações
Sim. Aproveito melhor o tempo que sobra
Sim, tenho acesso às notícias e aos meus amigos de forma muito mais rápida e instantânea
sim, rapidez e agilidade

Tabela 13 – Análise das respostas positivas à segunda pergunta da 3ª Parte da pesquisa realizada – 3ª Categoria

Comunicação
Sim, maior comunicação com amigos distante e maior acesso a informação
Sim, tenho contato com amigos que moram longe de mim e quase não tenho comprado as coisas em lojas físicas
Sim, sem Internet era maior a vontade/saudade de encontrar amigos pois não havia tanto contato como em dia no whatsapp
Sim, pois a Internet pode ser de grande ajuda para se conectar as mais diversas informações e aprender coisas novas
Sim, facilidade em conseguir informações e de me comunicar com outras pessoas mudaram o estilo da minha vida
Sim, as pessoas vivem em um meio paralelo para se conversar
Sim, não preciso mais sair de casa para conversar com minhas amigas
Sim, posso acessar todos os meios comunicativos pelo celular, tablet e etc
Sim, fiquei mais comunicativa nas redes sociais e menos na vida real
Sim. Mudança na forma de se relacionar socialmente.
Sim, não vejo com tanta frequencia pessoas que antigamente via, mas tenho contado com

<p>peessoas que não tinha antes</p>

Tabela 14 – Análise das respostas positivas à segunda pergunta da 3ª Parte da pesquisa realizada – 4ª Categoria

Conhecimento / Informação / Pesquisa
Sim, Mais informações auxiliando em aprendizagens e atualizando os fatos como se fosse um jornal
Sim, pesquisas mais fáceis e ageis, além de comunicação facilitada com quem não es´ta próximo
Sim, pude utilizar as buscas no quesito estudo e informação
Sim, pois posso buscar vários recursos de pesquisas e interagir com outras pessoas que estão distantes
Sim. Um ganho de conhecimento muito maior sobre diversos assuntos
Sim, fiquei mais a par das coisas que acontecem no mundo
Sim, melhorei a forma de escrever e conheci de um modo geral
Sim, Mais acesso a informação e encurtamento da distância entre familiares e amigos
Sim, Mais informação
Sim, acostumado com a rapidez na troca de informação
Sim, pesquisa de diferentes assuntos em fácil acesso, livros on-line, etc
Sim, estímulo a busca cada vez mais
Sim, pois a Internet me permitiu ter acesso a vários conteúdos, o que me mantém diariamente atualizada sobre as notícias, além de me servir como um meio de pesquisa e interação
Sim, preciso de Internet para o meu trabalho evoluir
Sim, porque fica mais fácil de fazer pesquisas
Sim, aprendi a minha profissão pela Internet
Sim, Me ajudou a ampliar conhecimentos, pois agora faço uma busca ativa, sem depender dos meios de comunicação hegemônicos
Sim, me sinto mais atualizada em relação aos acontecimentos diários.
Sim, a Internet me forneceu conteúdos dos quais eu não teria acesso fora dela e com isso, minha cultura cresceu e pude me informar melhor sobre notícias globais em tempo quase que instantâneo.
Sim. Passei a ter mais acesso aquilo que gosto e me interessa.
Sim. Maior acesso às informações e melhoria na comunicação
Sim, Mais informado e mais seguro ao discutir qualquer assunto
Sim, conheço coisas que não sabia

Tabela 15 – Análise das respostas positivas à segunda pergunta da 3ª Parte da pesquisa realizada – 5ª Categoria.

Possibilidades de impacto negativo
Sim, em algumas situação percebo que mesmo com pessoas ao meu redor estou mais conectada do que construindo relações
Sim, fiquei mais acomodada em diversas situação. Prefiro resolver tudo on-line
Sim, Em algumas coisas você fica dependente da Internet
Sim, eu me tornei mais introspectivo mais antipático
Sim, eu estou um pouco vigiada atrapalha um pouco
Sim, pois fiquei mais desatenta
Sim, fiquei desfocada, sem tempo e despercebida
Sim, pois ela virou algo essencial no meu dia-a-dia e acabou me deixando muito dispersa
Sim, fiquei dependente a Internet, mas ajudou bastante em diversos aspectos
Sim, perco muito tempo da minha vida na Internet
Sim, como pessoa ansiosa, não consigo mais ficar um dia sem usar a Internet. Sempre que cai a conexão ou o sinal esta ruim, provoca sensações de ansiedade e raiva
sim, comecei a dar mais atenção a Internet e menos na relação inter-pessoal
Sim, eu passei a ficar mais tempo em casa

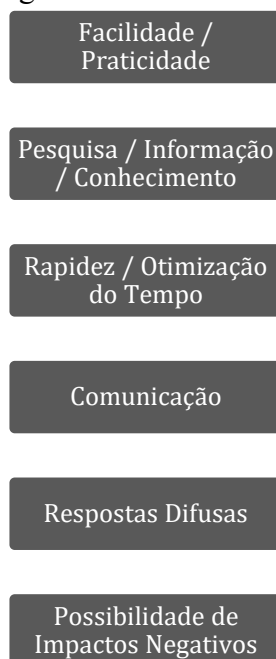
Tabela 16 – Análise das respostas positivas à segunda pergunta da 3ª Parte da pesquisa realizada – Respostas de significado difuso. (continua)

Respostas de significado difuso
Sim, essa ferramenta vem sendo muito importante no meu dia a dia, no trabalho e no curso
Sim, todos ficam mais interligados, mesmo distantes
Sim, as pessoas ficam com a mente mais aberta
Sim, sou uma nova pessoa
Sim, pelos mesmos motivos já falados
Sim, Ajuda na solução de problemas
Sim, pois me ajudam a desenvolver a minha vida e habilidades
Sim, a maioria das coisas nos quais preciso acessar a Internet, encontram-se mais próximas
Sim, me ajudou a solucionar alguns problemas
Sim, deixei de fazer algumas coisas que fazia antes
Sim (3 respostas apenas com a palavra “sim”)

Passemos agora a uma síntese quantitativa da aplicação das categorias formuladas ao analisar as questões de resposta discursiva do instrumento de pesquisa. Optamos por apresentá-la em formato gráfico, para facilitar a visualização do leitor.

Na questão “Se você fosse recomendar a um colega a utilização de recursos tecnológicos no dia a dia, que argumentos utilizaria?” tivemos a ordem descrita na Figura 9, em quantidade decrescente, no que diz respeito às categorias formuladas para a análise das de respostas.

Figura 9 – Ordem das respostas à questão “Se você fosse recomendar a um colega a utilização de recursos tecnológicos no dia a dia, que argumentos utilizaria?”.



Ao analisarmos a segunda questão (“Você percebe alguma diferença na sua vida depois que começou a utilizar a Internet?”) tivemos a ordem descrita na Figura 10, em quantidade decrescente, no que diz respeito às categorias de respostas.

Figura 10 – Ordem das respostas à questão “Você percebe alguma diferença na sua vida depois que começou a utilizar a Internet?”.



É interessante perceber que, tanto na primeira como na segunda questão, temos a categoria “Facilidade / Praticidade” como a mais comentada nas respostas pelos jovens. Isso nos leva a verificar que é o aspecto em que eles mais sentem de diferença na vida e no dia a dia, assim como o argumento mais importante para fazer com que outras pessoas utilizem recursos tecnológicos. Também nos mostra que facilidade e praticidade são conceitos que os jovens de hoje em dia têm como bastante importância na sua vida.

Em segundo lugar, em magnitude de respostas, nas duas perguntas, tivemos a categoria “Pesquisa / Informação / Conhecimento”. Novamente utilizando o referencial teórico que deu suporte a esta dissertação, Castells (2002) afirma que a informação é essencial para a construção do conhecimento. O conhecimento é:

um conjunto de declarações organizadas sobre fatos e ideias, apresentando um julgamento ponderado ou resultado experimental que é transmitido a outros por intermédio de algum meio de comunicação, de alguma forma sistemática. (CASTELLS, 1999, p. 45)

No último volume da trilogia *A Era da Informação*, (Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura) o autor conclui:

A promessa da Era da Informação representa o desencadeamento de uma capacidade produtiva jamais vista, mediante o poder da mente. Penso, logo produzo. Com isso, teremos tempo disponível para fazer experiência com a espiritualidade e oportunidade de harmonização com a natureza sem sacrificar o bem-estar material de nossos filhos. O sonho do Iluminismo está ao nosso alcance. Todavia, há enorme defasagem entre nosso excesso de desenvolvimento tecnológico e

subdesenvolvimento social. Nossa economia, sociedade e cultura são construídas com base em interesses, valores, instituições e sistemas de representação que, em termos gerais, limita, a criatividade coletiva, confiscam a colheita da tecnologia da informação e desviam nossa energia para o confronto autodestrutivo. (2000, p. 437-438).

Hargreaves (2003, p.37) afirma que “a sociedade do conhecimento é uma sociedade da aprendizagem”. Fabela (2005) fala da sociedade da aprendizagem como uma “cultura aprendente” e propõe a existência de quatro elementos fundamentais para a sociedade da aprendizagem:

Desafio - experiências e oportunidades vividas contendo elementos de complexidade superior ao desempenho habitual do aprendente, rede interpessoais novas, discrepantes do seu património histórico

Significado: experiências narrativas emocionalmente significativas, isto é, correspondendo a motivações e necessidades do aprendente e atendendo à sua relação actual com os contextos com que se relaciona.

Integração: processo de apropriação e elaboração individual de sentidos pessoais para a experiência, resultando num quadro de significação pessoal mais complexo e flexível. A integração traduz-se no momento em que se constrói ordem e estrutura na relação entre o aprendente e o mundo vivido

Contexto relacional: o processo de desenvolvimento envolve elementos emocionais de desconforto gerados pelo confronto com a incerteza, a dúvida e o questionamento pessoal. Deste modo, a construção de um contexto relacional securizante assume-se como um ambiente de expressão, partilha e, simultaneamente, de testagem de novas formas de acção pessoal. (p.5)

Oliveira et al. (2014) trazem ainda que é preciso reconhecer que os jovens de hoje aprendem de formas diferentes do que ocorria a anos atrás. Hoje eles se acostumam a obter informações de maneira mais rápida e recorrem principalmente a recursos tecnológicos (digitais) para tal. Fazem isso através da interação com as diversas mídias digitais que têm disponíveis todo o tempo, como o computador, o *notebook*, o *smartphone*, os videogames, os aplicativos. “Eles mantêm uma conexão constante com os pares através dos celulares e mensagens instantâneas” (Ibid., p.5).

Sendo assim, podemos falar de uma aprendizagem que é social e que se tem muito da cooperação através do compartilhamento de soluções, dúvidas e descobertas. Isso nos traz a demanda de um ensino diferente, um “ensino entre pares e para a emergência de comunidades de aprendizagem” (OBLINGER, 2004, p. 3).

A terceira categoria, que era a da Rapidez/Otimização, ficou na mesma colocação nas duas perguntas. Na segunda questão, porém, ela ficou empatada com outras duas categorias: “Não sinto diferença” e as “Possibilidades de impactos negativos”.

Como a categoria “Não sinto diferença” foi utilizada somente na segunda questão, é válido fazermos uma análise especial dela. As respostas do “não sentiam diferença depois que começaram a usar a Internet” vêm de encontro ao conceito de nativos digitais (PRENSKY,

2001). Para entendermos melhor quem são os nativos digitais, é importante explicarmos o termo. A expressão foi criada por Marc Prensky em 2001, quando foi utilizada no artigo *Digital Natives, Digital Immigrants*²⁸, em que o autor apresenta o perfil tecnológico de crianças e jovens ao redor do globo.

Os nativos digitais recebem com facilidade a evolução tecnológica e se adaptam a essa crescente “onda” com a mesma rapidez com que ela se transforma. Eles dão muito valor ao compartilhamento de informações, que podem ser acessadas por meio de computadores pessoais ou dispositivos móveis.

De acordo com o autor, os nativos digitais chegam a um mundo que está completamente tomado pelas Tecnologias de Informação e Comunicação. Com isso, as crianças e os jovens que se encontram inseridos nessa sociedade começam a ter contato desde cedo com as tecnologias. A tecnologia digital é parte integrante da vida dessas pessoas desde o momento de seu nascimento. Usar o celular para trocar mensagens jogar videogames, acessar redes sociais on-line e outras vertentes ligadas ao mundo digital são ações naturais para esses jovens, que não conheceram um mundo onde isso não existia.

Carniello, Rodrigues e Moraes (2010) ressaltam que talvez pelo fato de adotarem o mundo digital como parte integrante e dominante de sua vida cotidiana, os nativos digitais conseguem ser multitarefa (*multitasking*), executando mais de uma tarefa concomitantemente. Por esse motivo, são caracterizados pela capacidade de absorver muitas informações ao mesmo tempo e em um ritmo alucinado. Suas linhas de pensamento e raciocínio podem ser comparadas, metaforicamente, ao conceito de hipertexto, forma de escrita e leitura não linear, com blocos de informação ligados a palavras, partes de um texto imagens etc.

A quarta categoria mais citada na primeira questão, relativa à recomendação do uso das TICs, foi a de comunicação. Isso não se repetiu na segunda questão, que abordava sobre as modificações na vida pessoal depois da utilização da Internet, na qual ficou em último lugar.

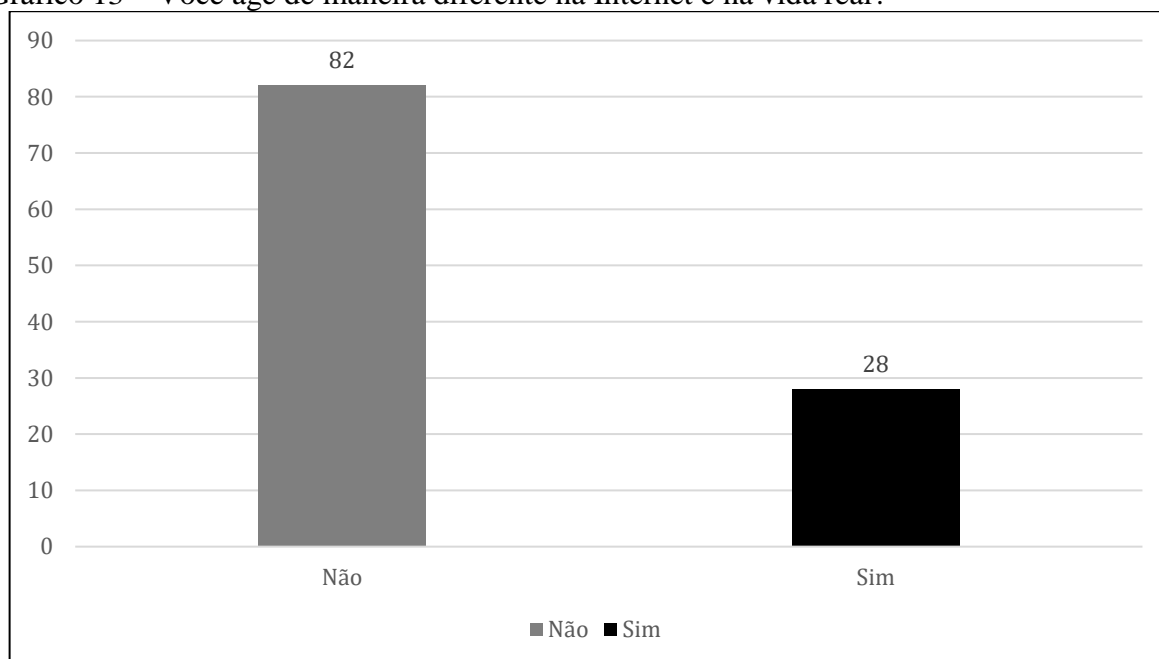
É interessante analisarmos que Castells (1999) aponta a existência de uma cultura da virtualidade real e o surgimento de redes interativas. Esse aspecto multimídia das novas tecnologias transformou as experiências humanas relacionadas à percepção e à criação simbólica e trouxe um novo caráter ao sistema de comunicação que, diversificado e versátil, “é capaz de abarcar e integrar todas as formas de expressão, bem como a diversidade de

²⁸ Disponível em: <<https://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>>

interesses, valores e imaginações, inclusive a expressão de conflitos sociais” (CASTELLS, 1999, p.461).

Chegamos agora à terceira pergunta dessa parte do questionário, que era “Você age de maneira diferente na Internet e na vida real? Em que situações?”. Verificamos que apenas 28 respondentes tiveram assertivas relacionadas ao “sim”, enquanto 82 responderam que “não”, como nos mostra o Gráfico 13.

Gráfico 13 – Você age de maneira diferente na Internet e na vida real?



Outro ponto que chama a atenção foi que a maioria das respostas “não” eram vazias, ou seja, não vinham acompanhadas de alguma explicação ou justificativa. Na Tabela 17, apresentamos as respostas do “não”, que somaram 71.

Tabela 17 – Respostas “não” à pergunta “Você age de maneira diferente na Internet e na vida real?”

Não agem de maneira diferente na Internet e na vida real
Não, procuro ser quem sou, mais restrito pessoalmente
Não, ajo exatamente da mesma forma na Internet e na minha vida pessoal
Não, só acesso a Internet para algo importante nada além disso e não muda minha vida em nada
Não, até mesmo porque nas redes sociais estou entre amigos que convivo no cotidiano
Não, eu tento ter um padrão de comportamento

Tabela 17 – Respostas “não” à pergunta “Você age de maneira diferente na Internet e na vida real?”

Não agem de maneira diferente na Internet e na vida real
Não, possuo as mesmas atitudes de antes
Não, sou a mesma sempre
Não, o que eu sou em casa e na escola sou na Internet
Não, sou a mesma em qualquer lugar
Não, pois não sou adepto de redes sociais, uso apenas para buscas e leituras
Não. Mesmo assim, vale ressaltar que mensagens podem ser interpretadas diferente que pessoalmente

Tabela 18 – Respostas “sim” à pergunta “Você age de maneira diferente na Internet e na vida real?”

Agem de maneira diferente na Internet e na vida real
Sim, evito expor a minha vida pessoal e as minhas opiniões na Internet
Sim, no que diz respeito a demonstração de afetos. muitas vezes é mais fácil escrever do que falar pessoalmente "eu te amo" por exemplo
Sim, geralmente sou mais tímida pessoalmente do que na Internet
Sim. Sou menos introvertida em situações que necessitem de interação/diálogo na Internet
Sim, não gosto de me expor muito
Sim, As vezes acho que me expresso melhor pelas redes sociais, fico menos tímida
Sim, sou mais cuidadosa com informações pessoais
Sim, através das conversas nas redes sociais com meus amigos, onde posso agir de maneira mais descontraída.
Sim, sou mais "cara de pau" na Internet,
Sim, depende do que e de quem
Sim, em algumas situações de conflito sou super mais franca do que na vida real. Consigo ser mais sincera na Internet do que na vida real
Sim, Na Internet tenho mais liberdade pessoalmente me prendo ao constrangimento
Sim, falo mal das pessoas
Sim, jeito de escrever
Sim, sempre bem humorada, mesmo quando na realidade a situação é diferente
Sim, Muitas vezes na Internet me poupo de uma exposição maior do que realmente gostaria por várias razões

Tabela 18 – Respostas “sim” à pergunta “Você age de maneira diferente na Internet e na vida real?”

Agem de maneira diferente na Internet e na vida real
Sim. Nas redes sociais não mostro problemas, por exemplo, somente para aqueles que tenho intimidade.
Sim. Procuo pensar antes de dar minha opinião sobre um assunto
Sim, ma forma de me comunicar
Sim, sou uma pessoa mais comunicativa e aberta na Internet do que na vida real
Sim, ao falar com alguém por mensagem eu tenho a opção de apagar e mudar a mensagem enquanto eu ainda não enviei (como planejando a fala antes de falar) enquanto na vida real, o que sai da boca não tem mais volta (porém eu tenho mais facilidade na conversa física frente à frente do que pela Internet)
Sim. Evito expor a minha vida pessoal.
Sim, Só na questão escrita, pois como precisamos sempre estar respondendo mais rápido acabo abreviando várias palavras
Sim, é fácil imaginar toda a teoria do livro Vigiar e Punir, ficamos tão vidrados na vida que existe do outro lado da tela que passamos a vigiar os passos daqueles indivíduos, e assim eles conosco, regulando ações, curtidas e compartilhamentos, é como se nós fizéssemos um molde pra caber ali naquele "post" na rede social, recortamos um pedaço das nossas vidas e publicamos para esperar pelo julgamento.
Sim, em determinadas situações expressando maior felicidade do que o que é vivido
Sim, Aquilo que todos veem, busco ser mais reservada. Em conversas pessoais, procuro ser mais realista.
sim. situações de grupo de whats app
Sim, pois são diferentes os meios virtual e real. A ideia do mundo virtual é retratar o que se passa no mundo real de cada um.

Nas respostas “não”, as poucas justificativas das assertivas caminhavam quase que em sua totalidade para explicações de que os respondentes eram iguais tanto na Internet como na vida “real”, ou seja, não agiam de forma diferente.

Nas respostas “sim”, porém, temos respostas mais diversas. Por isso, criamos cinco categorias, que descrevemos a seguir, para analisar as respostas desse item distribuídas nas Tabelas 19 a 23:

- 1- **Humor/Afetos/Timidez:** englobando respostas de cunho emocional.
- 2- **Comunicação:** incluindo respostas nas quais os jovens demonstravam como agiam diferente em aspectos relacionados à comunicação.
- 3- **Virtual x Real:** respostas em que os jovens faziam alusão à dicotomia entre real e virtual.
- 4- **Privacidade:** envolvendo as respostas relacionadas ao respeito à vida privada e aos aspectos íntimos.
- 5- **Moral:** respostas que perpassavam aspectos relacionados à moralidade e à ética.

Tabela 19 – Respostas “sim” à pergunta “Você age de maneira diferente na Internet e na vida real?” enquadradas na 1ª Categoria.

Humor/Afeto/Timidez
Sim, no que diz respeito a demonstração de afetos. muitas vezes é mais fácil escrever do que falar pessoalmente "eu te amo" por exemplo
Sim, geralmente sou mais tímida pessoalmente do que na Internet
Sim. Sou menos introvertida em situações que necessitem de interação/diálogo na Internet
Sim, As vezes acho que me expesso melhor pelas redes sociais, fico menos tímida
Sim, Na Internet tenho mais liberdade pessoalmente me prendo ao constrangimento
Sim, sempre bem humorada, mesmo quando na realidade a situação é diferente
Sim, em determinadas situações expressando maior felicidade do que o que é vivido

Tabela 20 – Respostas “sim” à pergunta “Você age de maneira diferente na Internet e na vida real?” enquadradas na 2ª Categoria

Comunicação
Sim, na forma de me comunicar
Sim, ao falar com alguém por mensagem eu tenho a opção de apagar e mudar a mensagem enquanto eu ainda não enviei (como planejando a fala antes de falar) enquanto na vida real, o que sai da boca não tem mais volta (porém eu tenho mais facilidade na conversa física frente à frente do que pela Internet)
Sim, Só na questão escrita, pois como precisamos sempre estar respondendo mais rápido acabo abreviando várias palavras
sim. situações de grupo de whats app
Sim. Sou menos introvertida em situações que necessitem de interação/diálogo na Internet
Sim, através das conversas nas redes sociais com meus amigos, onde posso agir de maneira mais descontraída

Tabela 21 – Respostas “sim” à pergunta “Você age de maneira diferente na Internet e na vida real?” enquadradas na 3ª Categoria

Virtual x Real
Sim, em algumas situações de conflito sou super mais franca do que na vida real. Consigo ser mais sincera na Internet do que na vida real
Sim, é fácil imaginar toda a teoria do livro Vigiar e Punir, ficamos tão vidrados na vida que existe do outro lado da tela que passamos a vigiar os passos daqueles indivíduos, e assim eles conosco, regulando ações, curtidas e compartilhamentos, é como se nós fizéssemos um molde pra caber ali naquele "post" na rede social, recortamos um pedaço das nossas vidas e publicamos para esperar pelo julgamento.
Sim, pois são diferentes os meios virtual e real. A ideia do mundo virtual é retratar o que se passa no mundo real de cada um.
Sim, Na Internet tenho mais liberdade pessoalmente me prendo ao constrangimento

Tabela 22 – Respostas “sim” à pergunta “Você age de maneira diferente na Internet e na vida real?” enquadradas na 4ª Categoria.

Privacidade
Sim, evito expor a minha vida pessoal e as minhas opiniões na Internet
Sim, não gosto de me expor muito
Sim, sou mais cuidadosa com informações pessoais
Sim, Muitas vezes na Internet me poupo de uma exposição maior do que realmente gostaria por várias razões
Sim. Evito expor a minha vida pessoal
Sim, Aquilo que todos veem, busco ser mais reservada. Em conversas pessoais, procuro ser mais realista.

Tabela 23 – Respostas “sim” à pergunta “Você age de maneira diferente na Internet e na vida real?” enquadradas na 5ª Categoria.

Moral
Sim, sou mais "cara de pau" na Internet,
Sim, depende do que e de quem
Sim, falo mal das pessoas

Temos, com isso, a seguinte ordem, descrita na Figura 11:

Figura 11 – Ordem das categorias.



Como já discutimos nos capítulos anteriores, a Internet permitiu que pessoas mais tímidas pudessem se desinibir e percebemos isso nas respostas, principalmente no que diz respeito a humor, timidez e afeto.

É interessante perceber o campo “comunicação” em segundo lugar, e isso pode ser justificado, por exemplo, pelo fato de que os telefones móveis, também conhecidos como telefones celulares, agora são capazes de transmitir mensagens através da Internet móvel.

Oliveira et al. (2015) nos trazem que praticamente todo celular utilizado atualmente tem uma conexão à Internet e, assim como nossa pesquisa mostrou, muitos jovens acessam a Internet pelo celular. “Uma característica peculiar de quem as acessa é a comunicação em tempo real. Os jovens enviam mensagens instantâneas, através da escrita, através de chats” (p.4). Como na Internet tudo é dinâmico, as mensagens precisam ser enviadas em um curto espaço de tempo. Muitas vezes os jovens escrevem de maneira abreviada ou de forma diferente.

Ao lado da comunicação temos a questão da privacidade. Como não tivemos muitas justificativas do porquê os jovens sentirem medo de se expor na Internet, não pudemos realizar uma análise mais profunda, mas sabemos que diversos casos polêmicos e graves ocorrem no dia a dia, como divulgação de imagens, conversas vazadas, vídeos comprometedores, entre outros.

Em quarto lugar na nossa ordenação das categorias de análise da terceira questão ficou o Virtual x Real, que já discutimos no Capítulo 2, na seção 2.1.6.

Por fim, mesmo com poucas respostas, o campo da Moral, mas chama a atenção o teor das respostas: “Sim, sou mais ‘cara de pau’ na Internet”, “Sim, depende do que e de quem” e “Sim, falo mal das pessoas”. Sabíamos que essa seria uma categoria mais sensível, que as pessoas normalmente evitam e colocam em uma “área de penumbra”. Mesmo sendo apenas três respostas, elas demonstram que a Internet trouxe liberdade para você poder agir de maneira diferente, mas essa liberdade foge de preceitos morais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Focalizaremos as considerações finais desta dissertação nos resultados da terceira questão da 3ª Parte do instrumento de pesquisa. Tais resultados nos chamam a atenção, uma vez que imaginávamos ter um grande número de assertivas “sim” na questão “Você age de maneira diferente na Internet e na vida real? Em que situações?”, uma vez que na 2ª Parte do instrumento de pesquisa (“Agora queremos saber a sua opinião sobre a utilização das tecnologias de informação e comunicação no dia-a-dia.”) tivemos 63 respostas de que as tecnologias modificam ou de que modificavam intensamente as atitudes das pessoas, e que 97 pessoas responderam na segunda questão da 3ª Parte do Instrumento (“Você percebe alguma diferença na sua vida depois que começou a utilizar a Internet? Explique.”) que percebiam diferenças na sua vida após a utilização da Internet.

A diferença entre você perceber diferenças ou modificar atitudes para o “agir” é bastante grande. Isso nos mostra que as pessoas ainda não percebem quais são as modificações em sua maneira de agir na Internet, porém percebem que a Internet impactou as atitudes e que modificou de alguma maneira seu dia a dia.

Sem aprofundar o tema, é conveniente lembrar que a percepção é o processo pelo qual os indivíduos organizam e interpretam suas impressões sensoriais, com a finalidade de atribuir sentido ao ambiente que os cerca. Fica fácil para eles perceber que houve impacto da Internet e das redes sociais sobre o comportamento.

A autopercepção, que permitiria aos nossos respondentes definir, em profundidade, quais as modificações das suas maneiras de agir, e que define a maneira pela qual as pessoas compreendem as suas próprias atitudes e crenças, tomando por base o próprio comportamento em determinadas situações, já não é tão simples. Isso justifica a diferença de respostas entre a percepção genérica de que houve mudanças na vida das pessoas e as reais mudanças no comportamento pessoal a partir do impacto da Internet e das redes sociais.

Podemos ligar isso ao livro *Ensaio Sobre a Cegueira*, que foi utilizado para os títulos dos capítulos desta dissertação. Embora pouco citado explicitamente ele funcionou como uma espécie de “pano de fundo”, de “cenário” sobre o qual desenvolvemos toda esta dissertação.

No livro, há uma diferença sutil entre as atitudes de olhar e de ver. O olhar em um sentido de percepção visual, ou seja, uma consequência física do sentido humano da visão. Já o ver como possibilidade de observação atenciosa, de examinar aquilo que nos aparece à vista. Temos na obra *Ensaio sobre a Cegueira*, a “narrativa que promove um jogo entre

desumanização e humanização ao trazer passagens, em que se desce aos mais baixos extremos da barbárie, mas sempre atentando para momentos de solidariedade” (DUARTE, 2004, p.1).

Talvez a banalidade do mal, discutida neste trabalho, possa estar vinculada a essa questão também. Mesmo os jovens não concordando que “agem de maneira” diferente não é o que percebemos na nossa realidade do dia a dia.

Para trazer um exemplo, em pesquisa realizada no dia 03/07/2019 às 12:20h no *Google* com a frase “Comentários Preconceituosos na Internet” tivemos, aproximadamente, 2.930.000 resultados (0,35 segundos).

A jornalista Patricia Gnipper traz, em uma matéria no *CanalTech*²⁹, alguns comentários que são importantes de se destacar. Em um deles ela traz a fala de Orkut Büyükkökten:

Mas o que faz pessoas comuns, que talvez não se comportem assim na vida offline, adotarem uma postura agressiva no mundo virtual, atacando os demais por motivos, muitas vezes, banais? Para Orkut Büyükkökten, criador da finada rede social que levava o seu nome, “a Internet transformou a humanidade de muitas maneiras, deixou muitas coisas mais fáceis e eficientes, mas estamos mais sozinhos e desconectados do que nunca”. (2017, s.p.)

Ela continua e nos traz um estudo da PNAS (*Proceedings of the National Academy of Science*):

Observando esse bizarro fenômeno em que, em vez de as pessoas se tornarem mais abertas a novas ideias com o advento do Facebook, estão se tornando mais conservadoras e combativas, alguns estudos já foram conduzidos por pesquisadores a fim de descobrir o que está acontecendo. Um deles foi publicado³⁰ na revista PNAS (“Proceedings of the National Academy of Science”), mostrando que os usuários estão somente buscando visões que reforcem suas opiniões, em vez de justamente aproveitar a diversidade que as redes sociais oferecem para rever conceitos e preconceitos. mostrando que os usuários estão somente buscando visões que reforcem suas opiniões, em vez de justamente aproveitar a diversidade que as redes sociais oferecem para rever conceitos e preconceitos. A pesquisa examinou dados sobre temas polêmicos que foram debatidos no Facebook entre 2010 e 2014 e, apesar de ser possível descobrir uma enorme quantidade de informações com poucos cliques, o estudo descobriu que os usuários tendem a se unir em comunidades de seu interesse, deixando todo o resto de lado. Esse fenômeno vem sendo chamado de “echo chamber” (ou “câmara de eco”, em tradução livre), em que uma rede de pessoas com ideias compatíveis se une para compartilhar notícias seletivas, reforçando as suas visões. (Ibid., s.p.)

Ainda sobre o criador do *Orkut*, Orkut Büyükkökten, em uma entrevista para o *UOL*³¹, fala que “Depois do Orkut as mídias sociais se tornaram muito invasivas e falsas. Nós não nos

²⁹ Disponível em: <<https://canaltech.com.br/comportamento/uma-analise-sobre-a-propagacao-do-odio-pela-internet-e-suas-consequencias-100018/>>.

³⁰ Disponível em: <<https://www.pnas.org/content/113/3/554.abstract>>.

³¹ Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/tecnologia/noticias/redacao/2018/09/07/redes-sociais-formaram-geracao-de-pessoas-inseguras-diz-criador-do-orkut.htm>>.

sentimos confortáveis para mostrar ao mundo quem realmente somos.” (Entrevista ao *site UOL*). Ele continua dizendo que “Nós passamos impressões falsas de nós mesmos e tentamos provar que estamos ótimos. Estamos nos tornando mais e mais inseguros e isolados à medida que gastamos nosso tempo on-line” (Entrevista ao *site UOL*).

Um dos principais pontos, e que se encaixa no nosso tema, é a questão do avanço do extremismo, uma vez que os radicais se veem representados por outros com o mesmo pensamento. Para Orkut, existe sim espaço para muito ódio nas plataformas,

Extremismo sempre esteve por perto, mas agora é mais fácil ficar exposto a isso"(...) Mídias sociais tornaram muito fácil espalhar medo, ódio e raiva, deixaram muitas coisas mais aceitáveis. Frequentemente temos medo do que não conhecemos e odiamos o que não entendemos. A Internet transborda o melhor e o pior das pessoas (...) Na vida real, palavras e ações têm consequências e tendemos a ser mais respeitosos e amáveis quando conversamos. As mídias sociais deixaram o bullying mais fácil, porque é mais simples intimidar alguém e não ter consequências. As pessoas podem criar perfis falsos ou se tornar anônimas. Até se você usar sua identidade pode provocar alguém e não se importar com a reação do outro (Entrevista ao *site UOL*)

É perceptível que, além de atual, o tema demonstra que são necessários mais trabalhos e pesquisas sobre a temática da moral na Internet e pretendemos, como planejado desde o início, utilizar o campo do Instrumento de Investigação da Moralidade Virtual (4ª Parte do Instrumento de Pesquisa) em trabalhos futuros para buscar embasar ainda mais essa questão. É importante o estudo do sujeito anônimo da invisibilidade e da (in)segurança que a Internet pode trazer.

Verificamos que existem impactos da internet na identidade humana. Mudamos as formas de nos comunicar, formas de viver e de conviver e entre outras. Vimos, no entanto, que quando a questão é a moralidade obtivemos poucas respostas ao instrumento de pesquisa. Conforme discutimos anteriormente, os efeitos do uso da internet sobre a moralidade são substancialmente diferentes. Realmente as pessoas “se transformam”.

Para os que militam no campo da formação humana, seja em instituições formais de ensino, seja em outros espaços educativos, os resultados deste trabalho trazem indicativos quanto à importância fundamental de uma “educação para a ética e para a moralidade”, campos nos quais hoje em dia valores positivos estão tão carentes, e utilizando o impacto das tecnologias de informação e comunicação, da internet, das redes sociais, para promover tempos menos sombrios.

Como utilizamos sempre frases de Saramago na construção das seções, não poderíamos deixar de ter uma nesse final de texto, e ela veio a calhar. No livro *Ensaio Sobre a Cegueira*, Saramago termina assim:

Não sei, talvez um dia se chegue a conhecer a razão, Queres que te diga o que penso, Diz, Penso que não cegámos, penso que estamos cegos, Cegos que vêem, Cegos que, vendo, não vêem. A mulher do médico levantou-se e foi à janela. Olho para baixo, para a rua coberta de lixo, para as pessoas que gritavam e cantavam. Depois levantou a cabeça para o céu e viu-o todo branco, Chegou a minha vez, penso. O medo súbito fê-la baixar os olhos, A cidade ainda alí estava. (2004, p.310)

Talvez seja essa uma boa maneira de finalizar esta dissertação. A “cidade” continua aqui”, mas será que estamos cegos? Será que estamos vendo, mas não vendo? Os impactos sobre a identidade humana ocorrem e podem ser devastadores, resta a nós “vermos” ou não”. Que os próximos trabalhos possam colaborar para essa discussão.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Cristiano Nabuco de et al. “Dependência de Internet e de jogos eletrônicos: uma revisão”. In: *Revista Brasileira de Psiquiatria*. São Paulo, v. 30, n. 2, Junho 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151644462008000200014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 04 set. 2015
- ADORNO, Sergio. “A banalidade da violência contemporânea: o problema da anestesia moral”. In: BREPOHL, Marion (org.) *Eichmann em Jerusalem: 50 anos depois*. Curitiba: Editora UFPR, 2013, p.79-101.
- ANDERSON, Ashley; BROSSARD, Dominique; SCHEUFELE, Dietram; XENOS, Michael; LADWIG, Peter. The “Nasty Effect:” Online Incivility and Risk Perceptions of Emerging Technologies. *Journal of Computer-Mediated Communication*. 2009. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/jcc4.12009>>. Acesso em 05 Mar. 2019
- ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém*. Tradução José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- _____. *A vida do espírito*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- _____. *As origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- ASSY, Bethânia. *Ética, responsabilidade e juízo em Hannah Arendt*. São Paulo: Perspectiva; São Paulo: Instituto Norberto Bobbio, 2015.
- AZZI, Roberta Gurgel. “Desengajamento moral na perspectiva da teoria social cognitiva”. *Psicologia Ciência e Profissão* Brasília, v. 31, n. 2, p. 208-219, 2011. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932011000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 05 Mar. 2019.
- BANDURA, R. AZZI, G. POLYDORO, S. (Org.). *Teoria social cognitiva: conceitos básicos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2008.
- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1979.
- BARROS, Aidil de Jesus P.; e LEHFELD, Neide A. de Souza. *Projeto de pesquisa: propostas metodológicas*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- BATAGLIA, Patricia Unger Raphael. “A validação do Teste de Juízo Moral (MJT) para diferentes culturas: o caso brasileiro”. In: *Psicologia: Reflexão e Crítica*. Porto Alegre, v. 23, n. 1, p. 83-91, abril. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722010000100011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 08 dez. 2018.
- _____; MORAIS, Alessandra de; LEPRE, Rita Melissa. “A teoria de Kohlberg sobre o desenvolvimento do raciocínio moral e os instrumentos de avaliação de juízo e competência moral em uso no Brasil”. In: *Estudos de Psicologia (Natal)*, Natal, v. 15, n. 1, p. 25-32, abr. 2010.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

_____. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003a.

_____; DONSKIS, Leonidas. *Cegueira Moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

_____. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Editora Zahar, Rio de Janeiro, 2003b.

_____. *Identidade*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BBC. O controverso 'Experimento de Aprisionamento de Stanford', interrompido após sair do controle. 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-46417388>>. Acesso em 05 mar. 2019.

BEE, Helen. *O ciclo vital*. Tradução Regina Garcez. Porto Alegre: Artmed, 1997.

BELLONI, M. L. *Educação a distância*. 6. ed. Coleção educação contemporânea. Campinas, SP: Autores Associados, 1999

BOYD, D. M.; ELLISON, N. B. “Social network sites: Definition, history, and scholarship”. In: *Journal of Computer-Mediated Communication*, v.13, n.11, article 11, October 2007. p. 210- 230. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1083-6101.2007.00393.x/pdf>>. Acesso em: 30 de jan. 2019.

BRAGA, R. *O excesso de informação: a neurose do século XXI*. Disponível em: <<http://www.mettodo.com.br/pdf/O%20Excesso%20de%20Informacao.pdf>>. Acesso em 04 set. 2015.

BRINGEL, Breno. “Movimientos Sociales Y La Nueva Geopolítica De LaIndignación Global”. In: *Protesta e indignación global: Los movimientos sociales en el nuevo orden mundial*. Rio de Janeiro, Clacso, 2017.

BUSS, A.H. *Psychopathology*. Nova York: John Wiley, 1966.

CANAVILHAS, João Messias. “Webjornalismo: Considerações Gerais sobre Jornalismo na web”. Comunicação Apresentada ao *I Congresso Ibérico de Comunicação*, Beira Interior. p.01-07, maio 2001.

CARNIELLO, L. B. C.; RODRIGUES, B. M. A. G.; MORAES, M. G. “A relação entre os nativos digitais, jogos eletrônicos e aprendizagem. Anais do 3o Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação – redes sociais e aprendizagem”. Universidade Federal de Pernambuco *Núcleo de Estudos de Hipertexto e Tecnologias na Educação*, 2010. Disponível em: <<http://www.nehte.com.br/simposio/anais/Anais-Hipertexto-2010/Luciana-Barbosa-Carniello&Barbara-Alcantara-Gratao&Moema-Gomes-Moraes.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2013.

CARLOTTO, Mary Sandra. “Tecnoestresse: diferenças entre homens e mulheres”. In: *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 51-64, jan. 2011. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/rpot/article/view/22780/20747>>. Acesso em: 10 set. 2015.

CARLOTTO, Mary Sandra; CAMARA, Sheila Gonçalves. “Tradução, adaptação e exploração de propriedades psicométricas da escala de tecnoestresse (RED/TIC).” In: *Psicol. estud.*, Maringá, v. 15, n. 1, p. 171-178, mar. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141373722010000100018&lng=en&nrm=iso>. Acesso: 18 out. de 2018.

CASTELLS, Manuel. *A Era da Informação: economia, sociedade e cultura. (Fim de milênio, Vol. 3)*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. *A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. *A Sociedade em Rede: A Era da Informação – Economia, Sociedade e Cultura, vol. 1*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.

_____. *O Poder da Identidade: A Era da Informação – Economia, Sociedade e Cultura, vol. 2*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2001.

_____. “A. Sociedade em rede: do conhecimento à política”. In: CASTELLS, M.; CARDOSO, G. (Org.). *A sociedade em rede: do conhecimento a ação política*. Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 2006. p. 17-30.

_____. *Redes de indignação e esperança: movimentos na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. *Metodologia científica*. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

COLBY, A.; KOHLBERG, L. *The measurement of moral judgment. Vol. I & II*. Cambridge, MA: Cambridge University Press, 1987.

CRUZ, Enriqueta de la. Carlos París, filósofo: “Hay que conseguir la República. Bajo la Monarquía, continuamos el triunfo del franquismo. *Cronica Popular*, 28 Out. 2013. Disponível em: <<http://www.cronicapopular.es/2013/10/carlos-paris-filosofo-hay-que-conseguir-la-republica-bajo-la-monarquia-continuamos-el-triunfo-del-franquismo/>>. Acesso em: 10 set. 2015.

DEJOURS, Chistopher. *A Banalização da Injustiça Social*. Trad. Luiz Alberto Monjardim. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2006.

DELA COLETA, Alessandra dos Santos Menezes; DELA COLETA, Marília Ferreira; GUIMARAES, José Luiz. “O amor pode ser virtual? O relacionamento amoroso pela Internet”. *Psicol. estud.*, Maringá, v. 13, n. 2, p. 277-285, June 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n2/a10v13n2>>. Acesso em: 10 set. 2015

DELEUZE, Gilles. *Empirismo e subjetividade: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume*. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2001.

DOWNES, S. “Semantic networks and social networks. National Research Council Canada”. In: *The Learning Organization*. Vol. 12 N. 5, 2005, pp. 411-417.

DUARTE, André. *O pensamento à sombra da ruptura: política e filosofia em Hannah Arendt*. São Paulo: Paz e Terra, 2000. 396 p.

DUARTE, Livia Lemos. “Barbárie e humanização, no Ensaio sobre a cegueira, de José Saramago”. In: *Revista Garrafa*. Rio de Janeiro: PPGL/UFRJ, v. 3, 2004 Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/ciencialit/garrafa3/16-livia.doc>>. Acesso em: 22 de set. 2016.

ERIKSON, E.H. *O Ciclo de Vida Completo*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

_____. *Identidade: Juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FABELA, S. “A vida toda para Aprender”. In: *Portal dos psicólogos*, 2005. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0321.pdf>>. Acesso em: 03 jun. 2019.

FEENBERG, Andrew. *Questioning Technology*. London: Routledge, 1999.

_____. “Teoria Crítica da Tecnologia: um panorama”. In: *Tailor-Made Biotechnologies*, Vol 1, nº1, abril, 2005. Disponível em: <http://www.sfu.ca/~andrewf/feenberg_luci.htm>. Acesso em: 10 set. 2015.

FINI, Lucila Diehl Tolaine. “Desenvolvimento moral: de Piaget a Kohlberg”. In: *Perspectiva*, Florianópolis, v. 9, n. 16, p. 58-78, janeiro. 1991. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/9127/10679>>. Acesso em: 08 abr. 2019.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade II: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FRIGOTTO, Gaudêncio. “Fundamentos científicos e técnicos da relação trabalho e educação no Brasil de hoje”. In: LIMA, Júlio C.; NEVES, Lúcia M. W. *Fundamentos da educação escolar no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Fiocruz/EPSJV, 2006. p. 241-260.

GALLO, Silvio. “Eu, o outro e tantos outros: educação, alteridade e filosofia da diferença”. In: *Anais do II Congresso Internacional Cotidiano: Diálogos sobre Diálogos*. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2008.

GIBSON, William. *Neuromancer*. 3. ed. São Paulo: Aleph, 2003.

GNIPPER, Patricia. “Uma análise sobre a propagação do ódio na Internet e suas consequências”. 2017. Disponível em: <<https://canaltech.com.br/comportamento/uma-analise-sobre-a-propagacao-do-odio-pela-Internet-e-suas-consequencias-100018/>>. Acesso em: 03 jun. 2019.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARA, Tony. *Ensaio sobre a singularidade*. São Paulo: Intermeios, 2012.

HARGREAVES, A. *O Ensino na Sociedade do Conhecimento: a educação na era da insegurança*. Porto: Porto Editora, 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/9127/10679>>. Acesso em: 08 abr. 2019.

IGLESIAS, F. “Desengajamento moral”. In: A. Bandura, R. G. Azzi, & S. Polydoro (Org.). *Teoria social cognitiva: conceitos básicos* (pp. 165-176). Porto Alegre: Artes Médicas, 2008.

KOHLBERG, Lawrence. *Psicología del desarrollo moral*. Bilbao Spain: Desclée de Brouwer, 1992.

LAFER, Celso. *A reconstrução dos direitos humanos: um diálogo com o pensamento de Hannah Arendt*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. 410 p.

LEMONS, André. “Anjos interativos e retribalização do mundo. Sobre interatividade e interfaces digitais”, 1997. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/lemos/interac.html>>. Acesso em: 10 jun. 2010.

LÉVY, Pierre. *A conexão planetária. O mercado, o ciberespaço, a consciência*. São Paulo: Editora 34, 2001.

_____. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

_____. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo: Loyola, 2003.

_____. *A máquina universo: criação, cognição e cultura informática*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

_____. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. São Paulo: Ed 34, 1993.

_____. “Estamos todos conectados”. *Entrevista à revista Nova Escola*. Ago. 2003.

_____. *O Futuro da Internet: em direção a uma Ciberdemocracia planetária*. São Paulo: Paulus, 2010.

_____. *O que é o virtual?* São Paulo: Ed. 34, 1996

LEVY, Steven. *Hackers: heroes of the computer revolution*. Dell Publishing Co., 2001.

LOURENÇO, O. M. *Psicologia do desenvolvimento moral: Teoria, dados e implicações*. Coimbra: Livraria Almedina, 1998.

MACHADO, J. R.; TIJIBOY, A.V. “Redes Sociais Virtuais: um espaço para efetivação da aprendizagem cooperativa. Novas Tecnologias na Educação”. In: *CINTED-UFRGS*, V. 3, Nº 1, maio, 2005.

MARTA, Larissa. “Uma contribuição da ética das virtudes às implicações tecnológicas atuais”. *Dissertação de Mestrado*, Caxias do Sul, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/4174/Dissertacao%20Larissa%20Marta.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 05 mar. 2019.

MARTELETO, R. M. “Análise de Redes Sociais – aplicação nos estudos de transferência da informação”. In: *Ciência da Informação*, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001.

MARZAGÃO, A. “A Fadiga da Informação”. In: *Revista Comunicação*, novembro de 1996.

MIELNICZUK, Luciana (2000). “Interatividade como dispositivo do jornalismo online”. In: GOMES, Itania Maria Mota; MIELNICZUK, Luciana; OLIVEIRA, Augusto de Sá; SANTOS, Suzy dos. (Org.). *Temas em Comunicação e Cultura Contemporâneas II*. Salvador: EDUFBA

MIRANDA, Luciana L. “Subjetividade: a (des)construção de um conceito”. In: SOUZA, Solange J. e (org.). *Subjetividade em questão: a infância como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000. p. 29-46.

MOREIRA, Isabela. “A Microsoft criou uma robô que interage nas redes sociais – e ela virou nazista”. In: *Revista Galileu*, 2016. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/blogs/buzz/noticia/2016/03/microsoft-criou-uma-robo-que-interage-nas-redes-sociais-e-ela-virou-nazista.html>> acesso em 20 de julho de 2018>. Acesso em 05 jun. 2017.

NEIVA, Jaqueline Freitas de Oliveira. “Estabelecimento de metas e ansiedade traço na aquisição de habilidades motoras”. São Paulo: [s.n.], 2010. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/39/39132/tde-08122010-075939/pt-br.php>>. Acesso em: 10 set. 2015.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. “Revoluções tecnológicas e transformações subjetivas”. In: *Psicologia: teoria e pesquisa*, v. 18, n. 2, p. 193-202, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v18n2/a09v18n2.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2015.

_____. “Primeiros contornos de uma nova "configuração psíquica". In: *Cad. CEDES, Campinas*, v. 25, n. 65, p. 71-85, Apr. 2005b. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v25n65/a06v2565.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2015.

_____. “Sociabilidade virtual: separando o joio do trigo”. *Psicologia Social*, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 50-57, Aug. 2005a. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v17n2/27044.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2015.

OBLINGER, D. (2004). “The next Generation of Educational Engagement”. In: *Journal of Interactive Media in Education Special Issue on the Educational Semantic Web*. Disponível em: <<http://jime.open.ac.uk/article/view/2004-8-oblinger/198>>. Acesso em: 03 jun. 2019.

OLIVEIRA, Eloiza da Silva Gomes. “De La emoción en el mundo virtual – Nuevas subjetividades... Nuevas Perturbaciones psicológicas... Un estudio basado en los conceptos de Pierre Lévy”. In: *Revista electrónica Teoría de la Educación: Educación y Cultura en la sociedad de la información*. Vol. 7, nº 2. Universidad de Salamanca, 2006.

_____. “Construção da subjetividade humana e tecnologia da informação e comunicação – uma nova moralidade?” *Conhecimento & Diversidade*, Niterói, n.2, jul./dez. 2009, p.45-55. Disponível em: <http://www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/conhecimento_diversidade/article/view/496/360>. Acesso em: 10 set. 2015.

_____; et al. “Possibilidades de Inovação em educação a distância: blogs educativos como recurso didático”. *Revista EAD em Foco*. v.5, n.1, p.13-31, 2015.

_____; et al. “Linguagem e Tecnologia Online: O uso do Internetês”. In *XII EVIDOSOL e IX CILTEC-Online*, 2015. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/anais_linguagem_tecnologia/article/download/8513/7474>. Acesso em: 12 jul. 2018.

_____; et al. “O educador e a necessidade de inovar didaticamente: blogs educativos no ensino”. In: *Anais do Colóquio Web Currículo: Contexto, Aprendizado e Conhecimento. Mostra de Pesquisa e Currículo*, 2014. Disponível em: <<http://congressos.pucsp.br/index.php/CWebC/CWebC/paper/view/999/136>>. Acesso em: 30 jan. 2019.

PARÍS, Carlos. *O Animal Cultural*. São Carlos: Editora da UFSCAr, 2002

PELBART, Peter Pál. “Carta aberta aos secundaristas”. São Paulo: N-1, *Col. Pandemia*, 2016.

PEREIRA, João Pedro, “Na Internet, a conversa é outra”. In: *O Público*, 25. ago. 2013. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2013/08/25/jornal/na-Internet-a-conversa-e-outra-26997682>>. Acesso em: 20 set. 2016.

PERRET, Raphael. “A inteligência coletiva segundo Pierre Lévy”. In: *Webinsider*. 09 de setembro de 2002. Disponível em: <<http://webinsider.com.br/2002/09/09/a-inteligencia-coletiva-segundo-pierre-levy/>>. Acesso em: 10 nov. 2014.

PESSOTTO, Ana Heloiza Vita; TOLEDO, Glauco Madeira de. “Inimigos mais perto ainda: Globo produz conteúdo para hater e troll”. In: *Revista GEMInIS | ano 5 - n. 2*, 2014, p. 79-95. Disponível em: <<http://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/205>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

PLEYERS, Geoffrey “Entre Las Redes Sociales Y Las Plazas”. In *Protesta e indignación global: Los movimientos sociales en el nuevo orden mundial*. Rio de Janeiro, Clacso, 2017.

POLYDORO, S. A. J, & AZZI, R. G. “Autorregulação: aspectos introdutórios”. In: A. Bandura, R. G. Azzi, S. Polydoro (Org.), *Teoria social cognitiva: conceitos básicos* (pp.149-164). Porto Alegre: Artes Médicas, 2008.

- PONTES, Nicole; BRITO, Simone. “Contra o efeito Lúcifer: esboço para uma teoria sociológica do mal”. In: *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 13, n. 39, pp. 384-398, dezembro de 2014. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Nicole.SimoneDos.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2019.
- PRADO FILHO, Kleber; MARTINS, Simone. “A subjetividade como objeto da(s) psicologia(s)”. In: *Psicologia Social*, Porto Alegre, v. 19, n. 3, Dec. 2007, p. 14-19. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000300003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 set. 2015.
- PRENSKY, Marc. “Digital Natives, Digital Immigrants”. In: *MCB University Press*, 2001. Disponível em: <<http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>>. Acesso em: 26 set. 2010.
- RAZZOUK, D. “Dependência de Internet: Uma nova categoria diagnóstica?”. In: *Psychiatry On line Brazil*, V. 11, n. 3, 1998.
- REA, Louis M.; PARKER, Richard. *Metodologia da pesquisa: do planejamento à execução*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.
- RECUERO, R. C. “Diga-me com quem falas e dir-te-ei quem és: a conversação mediada pelo computador e as redes sociais na Internet”. In: *Revista FAMECOS*. Porto Alegre: 2009. Disponível em: <<https://pt.wikiversity.org/wiki/Ficheiro:Raquel-Recuero-Diga-me-comquem-andas.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2015.
- _____. “Comunidades Virtuais em Redes Sociais na Internet: Uma proposta de estudo”. In: *Anais do VIII Seminário Internacional de Comunicação*, 2005, Porto Alegre. Disponível em: <<http://www.raquelrecuero.com/seminario2005.pdf>>. Acessado em 08/07/2014>. Acesso em: 04 mar. 2017.
- RESENDE, Gutierrez de Lellis. “O problema do mal na obra origens do totalitarismo, de Hannah Arendt”. In: *Supere Aude*, Belo Horizonte, v. 6, n. 12, p. 852-867. 2015, Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/viewFile/11255/9109>>. Acesso em: 05 mar. 2019.
- RHEINGOLD, H. “The Virtual Community: Homesteading on the Electronic Frontier”. In: *Perseus Books*, 1993. Disponível em: <<http://www.rheingold.com/vc/book/>>. Acesso em: 28 out. 2016.
- RIBEIRO, Gabriel Francisco, “Orkut: rede social deixa mais fácil espalhar ódio e gera desafio emocional”, 2017. Disponível em: <<https://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/tecnologia/2017/05/04/orkut-rede-social-virou-plataforma-para-espalhar-odio-e-um-desafio-emocional.htm>>. Acesso em: 03 jul. 2019.
- ROQUE, Tatiana. “Por uma esquerda capaz de disputar a subjetividade”. *Le Monde Diplomatique*, fev. 2017.
- ROSEN, Larry. “Tecnologia cansa”. *Revista Veja*, Ed. 1674, 8 de novembro, 2000.
- SANTOS, Fernando de Almeida, et al. *Experiências Corporativas em Sustentabilidade e Responsabilidade Social*. São Paulo: Baraúna, 2014.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Cia. das Letras, 2014.

SILVEIRA, Marcelo, D. P da. “Efeitos da globalização e da sociedade em rede via Internet na formação de identidades contemporâneas”. In: *Psicol. cienc. prof.* Dez 2004, vol.24, n.4, p.42-51.

SIVIERO, Iltomar. “Política e Filosofia no Pensamento de Hannah Arendt: Aproximações, Críticas desde a memória dos acontecimentos políticos”. *Tese de Doutorado*, São Leopoldo, 2016. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/5378/ILTOMAR%20SIVIER_.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 05 mar. 2019.

SILVEIRA, Marcelo, D. P da. “Efeitos da globalização e da sociedade em rede via Internet na formação de identidades contemporâneas”. In: *Psicol. cienc. prof.*, dez 2004, v.24, n.4, p.42-51.

SOARES, Leonardo Barros; MIRANDA, Luciana Lobo. “Produzir subjetividades: o que significa?”. In: *Estudos e Pesquisas em Psicologia*. set 2009, vol.9, n.2. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v9n2/artigos/pdf/v9n2a10.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

SOUZA JUNIOR, José Dantas de. “CEGUEIRA MORAL: a perda da sensibilidade na modernidade líquida”. In: *Cadernos Zygmunt Bauman*, v.6, n.12, p.118-121, 2016. Disponível em: <www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/download/6001/4292>. Acesso em: 05 mar. 2019.

SULER, John. “The online disinhibition effect”. In: *CyberPsychology & Behavior*, v. 7, n. 3, p. 321-326, 2004.

TRUJILLO FERRARI, Alonso. *Metodologia da pesquisa científica*. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1982.

TURKLE, Sherry. “Fronteiras do real e do virtual”. In: *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, n. 11, p. 117-123, 1999. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3057/2335>>. Acesso em: 10 set. 2015.

UGARTE, D. “El poder de las redes. Manual ilustrado para personas, colectivos y empresas abocados al ciberactivismo”. Disponível em: <<https://jardin.lasindias.com/el-poder-de-las-redes>>. Acesso em: 15 jul. 2016.

VALENTE, Jonas, “Pesquisa constata só 8% de imagens verdadeiras em grupos de WhatsApp”, *Agência Brasil*, 2018. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2018-10/pesquisa-constata-so-8-de-imagens-verdadeiras-em-grupos-de-whatsapp>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

VARELA, P. *Ansiosamente*. La Esfera, Madrid, 2002.

VEAK, Tyler. “Questionando o Questionamento da Tecnologia de Feenberg”. In: “*A teoria crítica de Andrew Feenberg: racionalização democrática, poder e tecnologia*”/ Ricardo T. Neder (org). Brasília: Observatório do Movimento pela Tecnologia Social na America Latina/CDS/UNB/Capes, 2010. Disponível em:

<<https://extensao.milharal.org/files/2013/06/Andrew-Feenberg-Livro-Coletanea.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2015.

VERGARA, Sylvia Constant. *Projetos e relatórios de pesquisa em administração*. São Paulo: Atlas, 1997.

WEIL, Pierre. “A Normose Informacional”. In: *Ci. Inf.*, Brasília, v. 29, n. 2, p. 61-70, Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n2/a08v29n2.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2015.

WURMAN, Richard Saul. *Ansiedade de informação*. São Paulo: Editora Cultura, 1991.

ZAGO, Gabriela. “Trolls e Jornalismo no Twitter”. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, v. 9, n. 1, janeiro a junho de 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2012v9n1p150>. Acesso em 22/06/2015>. Acesso em: 10 set. 2015.

ZIMBARDO, Philip. *O efeito Lúcifer: como pessoas boas tornam-se más*. Rio de Janeiro: Record, 2012.

_____. “Psychology of Evil”. *TED TALKS*, 2008. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/philip_zimbardo_on_the_psychology_of_evil?language=pt-br>. Acesso em: 05 mar. 2019.